

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRONÔMICAS
CAMPUS DE BOTUCATU

**ETNOBOTÂNICA, AGROECOLOGIA E MODELOS ALTERNATIVOS EM
HORTICULTURA: ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MÍDIA IMPRESSA**

KLEBER ANDOLFATO DE OLIVEIRA

Tese apresentada à Faculdade de Ciências
Agronômicas da UNESP – Campus de
Botucatu, para obtenção de título de Doutor
em Agronomia (Horticultura).

BOTUCATU - SP
Dezembro – 2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRONÔMICAS
CÂMPUS DE BOTUCATU

**ETNOBOTÂNICA, AGROECOLOGIA E MODELOS ALTERNATIVOS EM
HORTICULTURA: ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MÍDIA IMPRESSA**

KLEBER ANDOLFATO DE OLIVEIRA

Orientador: Prof. Dr. Lin Chau Ming

Tese apresentada à Faculdade de Ciências
Agronômicas da UNESP – Campus de
Botucatu, para obtenção de título de Doutor
em Agronomia (Horticultura).

BOTUCATU-SP
Dezembro – 2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA SEÇÃO TÉCNICA DE AQUISIÇÃO E TRATAMENTO
DA INFORMAÇÃO - DIRETORIA TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - UNESP - FCA
- LAGEADO - BOTUCATU (SP)

048e Oliveira, Kleber Andolfato de, 1985-
Etnobotânica, agroecologia e modelos alternativos em horticultura: análise de conteúdo da mídia impressa / Kleber Andolfato de Oliveira. - Botucatu : [s.n.], 2015
xiii, 111 f. : fots. color.; grafs. color., ils. color., tabs.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Agrônômicas, Botucatu, 2015

Orientador: Lin Chau Ming

Inclui bibliografia

1. Horticultura. 2. Publicações seriadas. 3. Análise crítica do discurso. I. Ming, Lin Chau. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"(Câmpus de Botucatu). Faculdade de Ciências Agrônômicas. III. Título.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO: ETNOBOTÂNICA, AGROECOLOGIA E MODELOS ALTERNATIVOS EM
HORTICULTURA: ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MÍDIA IMPRESSA

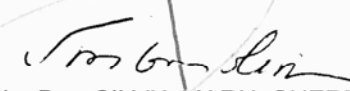
AUTOR: KLEBER ANDOLFATO DE OLIVEIRA

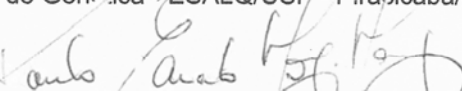
ORIENTADOR: Prof. Dr. LIN CHAU MING

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de DOUTOR EM AGRONOMIA
(HORTICULTURA), pela Comissão Examinadora:

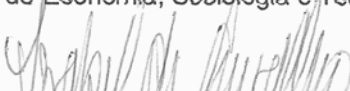

Prof. Dr. LIN CHAU MING

Dep de Horticultura / Faculdade de Ciências Agrônomicas de Botucatu


Profa. Dra. SILVIA MARIA GUERRA MOLINA
Depto de Genética - ESALQ/USP - Piracicaba/SP


Prof. Dr. PAULO EDUARDO MORUZI MARQUES
Depto de Economia, Administração e Sociologia - ESALQ-USP - Piracicaba/SP


Prof. Dr. LEONARDO DE BARROS PINTO
Depto de Economia, Sociologia e Tecnologia / Faculdade de Ciências Agrônomicas de Botucatu


Profa. Dra. IZABEL DE CARVALHO
Depto de Economia, Sociologia e Tecnologia / Faculdade de Ciências Agrônomicas de Botucatu

Data da realização: 18 de dezembro de 2015.

BIOGRAFIA DO AUTOR

Kleber Andolfato de Oliveira, natural da cidade de Jaú, no interior do Estado de São Paulo, e nasceu numa família humilde de descendentes de italianos no ano de 1985. Filho de Sandra Delesposte Andolfato e Antonio Martins de Oliveira Neto, cresceu aos olhos atentos dos avós maternos Mafalda Delesposte Andolfato e Aramis dos Santos Andolfato. Estudou durante toda formação básica em escolas públicas estaduais na cidade de Jaú, sendo a Escola Estadual Dr. Domingos de Magalhães responsável pela alfabetização até a conclusão do atual ensino fundamental e a Escola Estadual Caetano Lourenço de Camargo – o Instituto – sua formação no atual ensino médio.

Em 2004, ingressou na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR - *Campus Pato Branco* e se tornou Engenheiro Agrônomo com monografia defendida na área da sociologia rural com a temática da percepção ambiental. Além disso, teve a oportunidade de estagiar no Laboratório de Biologia/Botânica e desenvolveu e publicou trabalhos de paisagismo, arborização urbana e percepção ambiental.

Em 2011, completou sua primeira pós-graduação e se torna Mestre em Ciências (com ênfase em Ecologia Aplicada) pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/Universidade de São Paulo (ESALQ/USP), com trabalhos de desenvolvimento e gestão territorial e sustentável, políticas públicas e meio ambiente. Durante este período participou do Conselho Gestor da APA Corumbataí e prestou auxílio ao processo de consolidação do plano de manejo da APA.

Em 2015, se torna Doutor em Agronomia (Horticultura) pela Faculdade de Ciências Agrônomicas/Universidade Estadual Paulista (UNESP/FCA), como tese defendida na área da Etnobotânica com pesquisas que envolvem agricultura familiar, horticultura, agroecologia e plantas medicinais.

No mesmo período se torna professor efetivo na Universidade Federal do Acre, no *Campus Floresta*, na cidade de Cruzeiro do Sul, interior do Acre, onde atualmente é responsável pelas cadeiras da Agroecologia, Gestão Ambiental, Ecologia Vegetal e Plantas Medicinais na Amazônia. Além da atuação docente, como pesquisador orienta trabalhos voltados para as práticas sustentáveis, a agricultura familiar e políticas públicas.

Aos meus avós Mafalda (in memoriam) e Aramis (in memoriam)
Á minha mãe Sandra e minha irmã Cinthia
Àqueles que sonham em ser doutor antes dos trinta
dedico.

AGRADECIMENTOS

Tenho por certo que gratidão seja o sentimento e ação humana mais afetiva e significativa no momento de encerramento desse ciclo da minha vida. Este caminho cheio de prazeres e desafios foi compartilhado por muitas pessoas queridas que tornaram esta caminhada mais leve e mais feliz. Em nenhum momento trilhei este caminho sozinho. Exponho aqui minha gratidão e apresento aqueles que mais colaboraram para que este trabalho completasse seu objetivo.

Em primeiro lugar, agradeço à vida! Viva a Vida!

Agradeço pelos momentos de alegria, mas também pelos momentos de dor. Momentos que ensinam que trazem maturidade.

Agradeço pela natureza que me cerca, pelas pessoas que compartilham comigo o dia a dia neste planeta.

À minha querida e amada mãe Sandra, seu companheiro Eduardo e minha irmã Cinthia, obrigado pelas lutas diárias e pelo apoio incondicional. Obrigado por acreditarem junto comigo.

Agradeço aos queridos tios e tias. Selma, Marcos, Silvio, Bel e Sócrates. E aos primos Henrique, Gabriel, Ana Elisa e Davi, Marco Aurélio, Beatriz e ao pequeno Miguel. Gente, obrigado!

Á minha querida amiga e irmã Ilena, pelo compartilhar das alegrias e desafios dessa caminhada. Também agradeço à Diana parceira pra todas as horas. Obrigado minhas amigas por me deixarem apaixonado pelo nordeste.

Agradeço em especial ao Professor Dr. Lin Chau Ming, me adotou, e me fez olhar a Agronomia com outros olhos. Acreditou desde o início quando meu nome estava em uma lista e sem nos conhecermos pessoalmente me deu a graça de me sentir em casa. Lin, meu amigo, meu professor, você faz parte de minha formação humana e profissional, espero

ser o profissional que você me ensinou. Obrigado pela confiança que depositou em mim.

Agradeço a todo corpo docente do Programa de pós-graduação em Agronomia (Horticultura), em especial aos que pude compartilhar momentos dentro da sala de aula. São eles: Dr^a Rummy Goto, Dr. Filipe Pereira Giardini Bonfim, Dr^a Maria Christina de Mello Amorozo, Dr. Antonio Ismael I. Cardoso e Dr. Francisco Luiz Araújo Câmara.

Agradeço também aos professores do Departamento de Economia, Sociologia e Tecnologia. Em especial Dr. Leonardo de Barros Pinto e Dr^a Maristela Simões do Carmo e Dr^a Izabel de Carvalho.

Aos professores que me acompanham desde o mestrado Dr. Paulo Eduardo Moruzzi Marques e Dr^a Silvia Maria Guerra Molina, minha sincera admiração.

Aos técnicos(as) e secretários(as) dos diversos departamentos da Faculdade de Ciências Agronômicas.

Aos colegas, irmãos e amigos que trilharam junto comigo no departamento de horticultura toda a rotina de disciplinas.

Aos amigos e colegas que fiz no Acre, Rodrigo, Maria Isabel, Josileide, Renan. Obrigado pelo incentivo e apoio nas lutas diárias.

À Universidade Federal do Acre, aos colegas professores, aos queridos acadêmicos e ao apoio do Centro Multidisciplinar e das Coordenações de Bacharelado em Engenharia Agronômica e Bacharelado em Enfermagem do *Campus Floresta*. Obrigado!

Agradeço por ter o que agradecer.

*“De que serve ter o mapa
Se o fim está traçado
De que serve a terra à vista
Se o barco está parado
De que serve ter a chave
Se a porta está aberta
De que servem as palavras
Se a casa está deserta?”*

*Aquele era o tempo
Em que as mãos se fechavam
E nas noites brilhantes as palavras voavam
E eu via que o céu me nascia dos dedos
E a ursa maior eram ferros acesos
Marinheiros perdidos em portos distantes
Em bares escondidos
Em sonhos gigantes
E a cidade vazia
Da cor do asfalto
E alguém me pedia que cantasse mais alto*

*Quem me leva os meus fantasmas?
Quem me salva desta espada?
Quem me diz onde é a estrada?*

*Aquele era o tempo
Em que as sombras se abriam
Em que homens negavam
O que outros erguiam
E eu bebia da vida em goles pequenos
Tropeçava no riso, abraçava venenos
De costas voltadas não se vê o futuro
Nem o rumo da bala
Nem a falha no muro
E alguém me gritava
Com voz de profeta
Que o caminho se faz
Entre o alvo e a seta”*

*Pedro Abrunhosa
(Quem me leva os meus fantasmas)*

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	X
LISTA DE TABELAS	XIII
LISTA DE QUADROS	XIII
RESUMO	1
SUMMARY	2
RESUMÉ	3
1 INTRODUÇÃO	4
1.1 A mídia e os “consumistas”	4
1.2 O mercado de informação e o objeto de pesquisa: A revista “Globo Rural”	7
1.3 Sobre a pesquisa	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1 “Agricultura Convencional” versus “Agricultura Alternativa”	12
2.1.1 O Agronegócio e a Agricultura Familiar	17
2.1.2 As práticas sustentáveis na horticultura	19
2.2 Características das principais Agriculturas de Base Ecológica	21
Agricultura Ecológica e Natural	22
Agricultura Orgânica	23
Agricultura Biodinâmica	24
Permacultura	25
2.3 A Agroecologia	25
2.4 Acepções Básicas de Etnobotânica	28
2.5 O discurso e a mídia	29
3 MATERIAIS E MÉTODO	33
3.1 Análise de Conteúdo: Princípios Metodológicos	35
3.2 Instrumentais de Geração do Corpus	41
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	46
4.1 A Horticultura como manchete	47
4.2 Modelos Alternativos em Horticultura	66
4.3 A Agroecologia e a Horticultura	76
4.4 O meio ambiente e o uso da biodiversidade	83
4.5 A publicidade e a ideia de consumo	91

4.6 Os conhecimentos tradicionais e a etnobotânica	94
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
ANEXOS.....	110

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Exemplo de Calendário Astronômico utilizado na agricultura Biodinâmica.....	25
Figura 02 – Dimensões do Aporte Teórico e Analítico.....	30
Figura 03 – Esquema da metodologia.....	34
Figura 04 – Representação da Função Heurística	37
Figura 05 – Representação da Função de Administração da Prova.....	37
Figura 06 – Representação da fase I – Pré-análise.....	38
Figura 07 – Representação da fase II – Exploração do material	39
Figura 08 – Representação da fase III – Tratamento dos resultados.....	40
Figura 09 – Edição nº48 de outubro de 1989 com manual de práticas em horticultura.....	48
Figura 10 – Primeira capa da Revista Globo Rural com temática da Horticultura como manchete principal na edição nº 05.....	49
Figura 11 – Capas da Revista Globo Rural com relações de emprego de tecnologia e modelo de agricultura convencional em manchetes principais, edições 07 e 08 respectivamente.....	50
Figura 12- Distribuição dos elementos de destaque com base nas temáticas da revista durante os 30 anos de publicação.	51
Figura 13- Distribuição em porcentagem dos elementos de destaque dentro da temática da horticultura nos 30 anos de publicação.....	53
Figura 14 – Capas de numero 39 e 40 da Revista Globo Rural dos meses de janeiro e fevereiro de 1989 respectivamente.....	54
Figura 15 – A sensualidade na capa da revista, edição nº171.....	55
Figura 16 - Elementos de destaque do conteúdo principal conforme temática abordada nos 30 anos de publicação.....	56
Figura 17 - elementos de destaque do conteúdo secundário conforme temática abordada nos 30 anos de publicação.....	57
Figura 18 – Capas das edições nº205, 209, 230 e 232 referentes á horticultura como manchete principal.....	59
Figura 19 - Elementos de destaque em horticultura distribuídos nos 30 anos de publicação.....	60

Figura 20 - Assuntos de Horticultura na publicação no decorrer de 30 anos.....	61
Figura 21 – Edição de julho de 1993 com manchete sobre a mandioca.....	62
Figura 22 – Reportagem da edição nº170 de dezembro de 1999 sobre Hortaliças.....	64
Figura 23 – Matéria de floricultura na edição de nº289 de novembro de 2009.....	64
Figura 24 – “O sexo de uma maçã” publicação da edição nº120.....	65
Figura 25 - Frequência dos assuntos em Horticultura conforme o tipo de manejo.....	67
Figura 26 - Frequência dos assuntos de Horticultura dentro da Agricultura Convencional.....	68
Figura 27 - Frequência dos assuntos de Horticultura dentro da Agricultura Alternativa.....	68
Figura 28 – Matéria na edição nº91 de maio de 1993 sobre perigo do uso de agrotóxicos.....	70
Figura 29 – Manchete na edição de nº97 de novembro de 1993 sobre agricultura orgânica.....	70
Figura 30 – Globo rural responde questionamento com manejo alternativo, edições nº 252 e 262.....	71
Figura 31 – Capa da edição nº 294 apresentando a mecanização na horticultura.....	72
Figura 32 – Capas das edições nº 188 e 223 sobre o emprego da agricultura orgânica.....	73
Figura 33 – Ator Global na capa da edição nº284 sobre alimentos orgânicos.....	74
Figura 34 – Destaque de entrevista publicada na edição nº332 de junho de 2013.....	75
Figura 35 – Edição de dezembro de 2014 mostrando o uso da biodiversidade e os novos rumos e olhares para do rural.....	77
Figura 36 – Capa da edição nº259 retratando o turismo rural como bom negócio.....	78
Figura 37 – Edição nº209 de março de 2003 com reportagem sobre a “pioneira da agroecologia” Ana Primavesi.....	79
Figura 38 – Reportagem da edição nº257 de março de 2007 sobre a presença e a importância feminina no campo.....	79
Figura 39 – Reportagem tratando da Mandioca na edição nº175 de maio de 2000.....	81
Figura 40 – Edições nº 80 e 96 abordando a diversificação na propriedade rural.....	82
Figura 41 – Manejo alternativo associado com qualidade de vida, edição nº224 de junho de 2004.....	82
Figura 42 – Capa da edição nº228 do ano de 2004 reportando a preocupação com o uso da biodiversidade.....	84

Figura 43 – Capas das edições nº312 e 317 apontando o manejo sustentável dos recursos naturais.....	85
Figura 44 – Edição de setembro de 2014 apresentando as novas abordagens e tipo de manejo do cacau.....	87
Figura 45– “Biodiversidade na panela”, publicação da edição de dezembro de 2014.....	88
Figura 46 – Capa da edição de nº256 sobre a importância e a valorização das frutas nativas.....	89
Figura 47 – retratação do extrativista na edição nº256.....	90
Figura 48 – Publicidade na edição nº10 sobre vendas de terra no Estado do Acre.....	91
Figura 49 – Publicidade na edição 175 relacionando caça com diversão.....	92
Figura 50 - Publicidade na edição nº287 incentivando uso de agrotóxicos.....	93
Figura 51 – Publicidade na edição nº17 sobre utilização de fertilizante natural.....	93
Figura 52 – Matéria na edição nº270 de abril de 2008 demonstrando importância dos conhecimentos tradicionais dos Índios Guajás.....	95
Figura 53 – Edição nº274 de agosto de 2008 com reportagem destacando o conhecimento tradicional relacionado a fé.....	96
Figura 54 – Utilização do conhecimento e crença popular para incentivar o uso de práticas sustentáveis na edição nº40.....	97
Figura 55 – Edição nº66 destacando o uso de plantas medicinais e da fitoterapia.....	98
Figura 56 – Capa da edição nº286 sobre plantas medicinais e mercado consumidor.....	98

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Instrumento de coleta de características quantitativas e Tipológicas nas Capas e edições da Revista <i>Globo Rural</i>	41
Tabela 2 – Instrumento de coleta de frequência de palavras por relação temática nas Capas da Revista Globo Rural.....	42
Tabela 3 – Instrumento de coleta de frequência das temáticas nas manchetes das edições de revista.....	43
Tabela 4 – Instrumento de coleta de frequência de espécies apresentadas nas manchetes e edições da revista Globo Rural.....	43
Tabela 5 – Instrumento de coleta de dados e relações sobre principais temáticas da revista.....	44
Tabela 6 – Instrumento de coleta de dados de subtemas da horticultura.....	45
Tabela 07 - Número de espécies diferentes citadas nas publicações por períodos.....	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais diferenças entre o modelo agrícola convencional e alternativo.....	15
--	----

RESUMO

O objeto delineado para o foco desse projeto enquadra-se na revista Globo Rural das edições de 001 de setembro de 1985 à 350 de dezembro de 2014. A proposta, então busca analisar do ponto de vista crítico o discurso de como engendram o tipo de mídia escrita, bem como os recursos visuais em torno de temas relativos à agricultura, no caso deste trabalho da Etnobotânica, Agroecologia e modelos alternativos de Horticultura. Para tanto, esse estudo contribui como parcela para o desenvolvimento de uma investigação interpretativa sobre as relações discursivas e midiáticas que o homem pós-moderno constrói para com as diferentes práticas sociais, culturais e históricas. A abordagem do estudo é de natureza qualitativa e quantitativa, no qual o pesquisador busca interpretar os dados visuais e discursivos materializados nas edições da revista Globo Rural por meio da análise de conteúdo proposto por Bardin. Segundo Bardin, a análise de conteúdo consiste em um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. Nas análises as manchetes primárias ou secundárias referentes à temática da Horticultura estão em grande medida relacionadas à um modelo de agricultura atualmente questionada e em muitos casos sobrepostas pela ciência. Este modelo chamado de convencional domina o discurso e junto a ele um caráter econômico se coloca de forma a construir um tipo de agricultura que não tão adequada aos modelos alternativos como proposto por este trabalho.

Palavras-chave: Horticultura, discurso, mídia impressa

SUMMARY

ETHNOBOTANY, AGROECOLOGY AND ALTERNATIVE MODELS IN HORTICULTURE: ANALYSIS OF PRINTED MEDIA CONTENT

The outlined object to the focus of this project is part of the Globo Rural magazine of 001de editions September 1985 to 350 in December 2014. The proposal then is to analyze the critical point of view the speech as engender the type of print media as well as the visuals around themes relating to agriculture, in the case of this work of Ethnobotany, Agroecology and alternative models of Horticulture. To this end, this study contributes as a share to the development of an interpretive research into the discursive and media relations that the post-modern man builds with the different social, cultural and historical practices. The approach of the study is qualitative and quantitative, in which the researcher seeks to interpret the visual and discursive data materialized in editions of the magazine Globo Rural through content analysis proposed by Bardin. Bardin content analysis consists of a set of methodological nature of instruments constantly improving, which apply to speeches (content and continents) extremely diverse. In the analyzes of the primary or secondary headlines concerning the subject of Horticulture are largely related to a farming model currently questioned and in many cases the overlapping science. This conventional model called dominates the discourse and next to it an economic character arises in order to build a type of agriculture that not so suited to alternative models as proposed by this work.

Keywords: Horticulture, speech, print media

RESUMÉ

ETHNOBOTANIQUE, L'AGROÉCOLOGIE ET MODÈLES ALTERNATIFS EN HORTICULTURE: ANALYSE DE CONTENU MEDIA IMPRIME

L'objet exposé à la mise au point de ce projet fait partie de la revue *Globo Rural* de 001de éditions Septembre 1985 à 350 en Décembre 2014. La proposition est alors d'analyser le point de vue critique le discours que susciter le type de support d'impression ainsi que les visuels autour de thèmes relatifs à l'agriculture, dans le cas de ce travail de l'ethnobotanique, agroécologie et des modèles alternatifs de l'horticulture. À cette fin, cette étude contribue en proportion au développement d'une recherche interprétative dans les relations discursives et des médias que l'homme post-moderne construit avec les différentes pratiques sociales, culturelles et historiques. L'approche de l'étude est qualitative et quantitative, dans lequel le chercheur cherche à interpréter les données visuelles et discursives matérialisées dans les éditions de la revue *Globo Rural* à travers l'analyse du contenu proposé par Bardin. Bardin analyse de contenu est constitué d'un ensemble de nature méthodologique des instruments en constante amélioration, qui appliquent des discours (contenu et continents) extrêmement diversifié. Dans les analyses des titres primaires ou secondaires concernant le sujet de l'horticulture sont en grande partie liée à un modèle d'agriculture actuellement interrogé et dans de nombreux cas la science de chevauchement. Ce modèle classique appelé domine le discours et à côté d'elle un caractère économique se pose dans le but de construire un type d'agriculture que pas adapté à des modèles alternatifs comme proposé par ce travail.

Mots-clés: horticulture, de la parole, les médias imprimés

1 INTRODUÇÃO



Desbravamento da Mata – Cândido Portinari (1941)

“A Terra, agora está poluída. E nós sofremos os efeitos de sua devastação, pois tudo que fazemos se reflete na Terra, e tudo que se passa na Terra se reflete em nós. Como dizia Gandhi, a Terra satisfaz as necessidades de todos, menos a voracidade dos consumistas”.

Frei Betto

1.1 A mídia e os “consumistas”

Sabe-se que na sociedade pós-industrial, o bem mais valioso é a informação. Tudo funciona em tempo real, a história se faz ao vivo, pelas lentes das câmeras de televisão e internet. As lentes midiáticas no começo do século mostraram através dos veículos de comunicação, que a batalha por corações e mentes é tão ou mais importante do que fuzis e canhões. O mundo olhou aterrorizado para as imagens da destruição no 11 de setembro de 2001, ao mesmo tempo em que os historiadores batizaram a época que se iniciava, a

“guerra ao terror”. Afinal, o espelho da realidade passado ao mundo não seria posto em cheque por quem quer que seja.

Pena (2012), apresenta essa reflexão apontando que, atualmente, todos nós, consumidores de informações, somos descobertos e mapeados diariamente pelos nossos gostos, hábitos e preferências registradas pelo clique do mouse na mundo virtual, segundo o autor, a questão de preocupação diz respeito á quem utiliza, como mediadores, estas informações dentro de um sistema capitalista. É nessa perspectiva que a mídia¹ cumpre seu papel vital.

Apesar disso, quando se trata de identidade social a mesma se torna uma incógnita para os meios de produção de informação. As instâncias midiáticas não estão presentes fisicamente para dialogar, conhecer diretamente seu ponto de vista, completar ou retificar a apresentação da informação. Segundo Baudru (1994), existem os estudos direcionados para o *marketing*, que são aqueles que reduzem o público a comportamentos de consumo, entretanto, quando se trata de categorias sociológicas ou psicossociocognitivas, ou seja, o *status* ou as categorias mentais capazes de apreender, compreender e interpretar as informações do modo como são reportados, esses meios ainda estão na pré-história (BAUDRU, 1994; CHARAUDEAU, 2013).

Segundo Charaudeau (2013), existe uma espécie de contrato de comunicação, de um lado a produção e do outro a recepção da informação. Do lado da produção existe a lógica do “fazer saber” e do “fazer sentir”. “Fazer saber” implica em informar, apresentar o objeto da mensagem e suas qualidades, o “fazer sentir” implica em incitar o maior número de pessoas a consumir.

Neste sentido é que se encontra o desafio de produzir informações e garantir que a mesma seja acessível para os seus receptores. Assume-se a premissa de que o grau de compreensão do discurso está ligado à simplicidade e clareza do discurso. Obviamente, estas noções variam em função de múltiplos parâmetros ligados ao capital social, econômico, cultural dos sujeitos a quem as mídias pretendem dirigir-se (BORDIEU, 2001).

Estes lados da comunicação agem através de atos e palavras que constroem representações as quais atribuem valores. Estas representações midiáticas nem sempre correspondem com as práticas, mas são capazes de influenciar seus receptores (CHARAUDEAU, 2013).

¹ Importante destacar que a mídia tratada neste trabalho diz respeito as mídias de informação, diferentemente da mídia de marketing com propósito apenas publicitário.

Desta forma, questiona-se o teor e o interesse real daqueles que informam, questiona-se a motivação e os interesses em informar. Para Giddens (1997), a reflexividade provoca mudanças bruscas em práticas sociais, que são constantemente examinadas à luz de estudos e reflexões sobre as próprias práticas. Porém, os riscos gerados pelo próprio desenvolvimento lançam problemas antes desconsiderados. Questões, como por exemplo a degradação do meio ambiente, são capazes de colocar em risco toda a sociedade e afetam a todos indistintamente. Neste ambiente incerto, cada indivíduo do grupo social se vê diante da socialização dos riscos, independente da ação individual. Beck (1997) caracteriza esta sociedade como sendo uma *sociedade de risco*, atribuindo-lhe também a condição de autocrítica visto que os riscos geram multiplicidade de opiniões sobre os mais variados assuntos.

Os autores querem dizer que as sociedades modernas chegaram a um ponto em que são obrigadas a refletir sobre si mesma e, ao mesmo tempo, desenvolvem a capacidade de refletir retrospectivamente sobre si mesma. O aparecimento da sociedade de risco estimula uma nova percepção da sociedade moderna, que se sente obrigada a refletir sua situação e seu desenvolvimento, tendo agora uma missão de formular questões do presente e do futuro. Com efeito, a sociedade de risco envolve decisivamente também os riscos provenientes da crise ecológica, que são claramente danosos nas suas origens e consequências.

Embora visto de diferentes formas Beck e Giddens constroem em suas análises, reflexões e propõem elementos para a apreensão da crise atual, que tem a marca da desordem ecológica apontando para um tensionamento entre o agravamento desse cenário perturbador e o desenvolvimento de uma consciência coletiva e individual, que poderá influir em novos caminhos para a sociedade.

Porém, qual a consequência do reconhecimento da sociedade de risco para uma ação no plano da comunicação, para a reflexão da questão ambiental no plano da estrutura social e dos indivíduos? Qual a contribuição da mídia impressa na manutenção da agricultura, e neste caso de uma agricultura com viés sustentável? A resposta é que quanto maior modernização, maior capacidade reflexiva dos indivíduos para entenderem sua realidade e responderem de forma mais consequente. O processo informativo torna-se então um instrumento valioso para elaboração de estratégias e iniciativas, tendo em vista uma compreensão adequada dos problemas e formas de solucioná-los.

Para responder á questão do “por que informar?”, Charaudeau (2013) aponta pelo menos duas justificativas. A primeira com base no viés da informação solicitada pelo receptor para nortear sua conduta (no caso dos agricultores saber a época de plantio e as técnicas de manejo mais recomendadas, etc.) e completar o seu saber. Obviamente, o pedido de informação pode ser pressuposto pela própria organização social, no caso dos agricultores de uma região produtora de laranjas, por exemplo, existe uma demanda, e isso justifica o por que existem lugares de informação públicos e privados, como no caso do objeto de análise deste trabalho.

O segundo viés esta relacionado a iniciativa própria do meio de produção em fornecer a informação. Neste viés o receptor fica na posição de questionar qual o motivo que anima o informador, ou os propósitos por trás do que o informante diz.

Deste ponto de vista, pode-se dizer que a mídia assume uma dupla lógica, a lógica econômica e a lógica simbólica, onde o mecanismo de produção de informação age como uma empresa que produz e vende ideias e manipula e auxilia a opinião pública dos receptores (PENA, 2012; CHARAUDEAU, 2013; MARTINS et al., 2015).

Dentro das atividades da indústria midiática, a publicidade tem um papel imprescindível, desde que a sociedade moderna passou de uma situação de competição para uma de oligopólios no último século. Sua função foi e continua sendo a de criar uma cultura de consumo que garanta que as mercadorias produzidas em larga escala sejam consumidas na mesma medida. Desta forma, as indústrias garantem o retorno de seus investimentos (LEISS; KLINE; JHALLY, 1997, p.18).

1.2 O mercado de informação e o objeto de pesquisa: A revista “Globo Rural”

O mercado de revistas é dividido no mundo inteiro em dois grandes blocos: as revistas de consumo, destinadas á grande massa, são vendidas em bancas e em outros pontos de varejo e por assinaturas; e as especializadas, que em sua maioria são gratuitas, chegam aos leitores por mala direta e tratam de temas que interessam a segmentos específicos de grupos profissionais (MARTINS et al., 2015).

Segundo Pena (2012), o desenvolvimento dos canais de informação está sempre atrelado a interesses econômicos ou políticos, na maioria das vezes, os dois juntos. A função desta indústria da publicidade é de criar uma cultura na qual desejo e identidade são

fundidos na forma de mercadorias. Alguns autores afirmam que sem a publicidade a chance de novas mercadorias ganharem o mercado é praticamente nula. A publicidade impede a atuação de competidores sem que isto signifique alterações significativas no produto ou no preço (LEISS; KLINE; JHALLY, 1997, p.16).

Carvalho (2000) aponta que a publicidade industrializada pode ser considerada a mola mestra das mudanças verificadas nas diversas esferas do comportamento e da mentalidade de seus receptores. Os apontamentos de Leiss, Kline e Jhally (1997, p.18), sugerem que a teoria marxista sustenta que a publicidade é parte integrante do sistema capitalista e é vital para este. Para esta teoria, a publicidade criaria demandas por produtos, fazendo com que as pessoas comprassem mais do que realmente precisam.

O objeto de pesquisa a revista “*Globo Rural*” é uma publicação mensal da Editora Globo, originada a partir do programa Globo Rural, da TV Globo, e sua primeira edição circulou em outubro de 1985. A sua proposta é fornecer ao leitor uma visão do mercado agropecuário, fazendo um retrato do campo ao apresentar reportagens e análises sobre o agronegócio. Além de informar, prestar serviços e oferecer entretenimento, divulga tecnologias, sistemas de produção e técnicas de plantio com o objetivo de melhorar a produtividade nas lavouras.

A revista é aberta às empresas anunciantes, sua tiragem oscila em torno de 110 mil exemplares mensais e a circulação é nacional. O perfil do leitor, segundo a ANATEC (Associação Nacional dos Editores de Publicações), são produtores rurais que buscam informações confiáveis para aprimorar a gestão de sua fazenda, assim como aos executivos e dirigentes das empresas de máquinas, implementos e insumos agrícolas, bancos, corretoras e consultorias.

De modo geral no mercado de informação há alianças estratégicas com empresas que utilizam as malhas de distribuição para se tornarem “globais”, de forma a combinar contextos sociais e culturas locais com o discurso geral (PENA, 2012). Não é de se estranhar que uma tecnologia da região sul, seja “vendida” com eficiência para a região norte. No âmbito agrícola a sedução aplicada pelos modelos de manejo importados de uma região para outra acaba atropelando especificidades ambientais e ecológicas causando verdadeiras aberrações no que tange a degradação ambiental e algumas vezes ao bolso dos agricultores.

1.3 Sobre a pesquisa

A experiência apreendida nos estudos de graduação e mestrado conduziram-me a repensar no papel que a mídia impressa produz para um público interessado em aprimorar e desenvolver suas técnicas na participação de mão de obra da agricultura em geral. Esse interesse também surgiu devido as cotidianas leituras e discussões acerca das tipologias de conteúdo apresentadas nos editoriais e colunas de revistas que proporcionam informações para esse tipo de leitor.

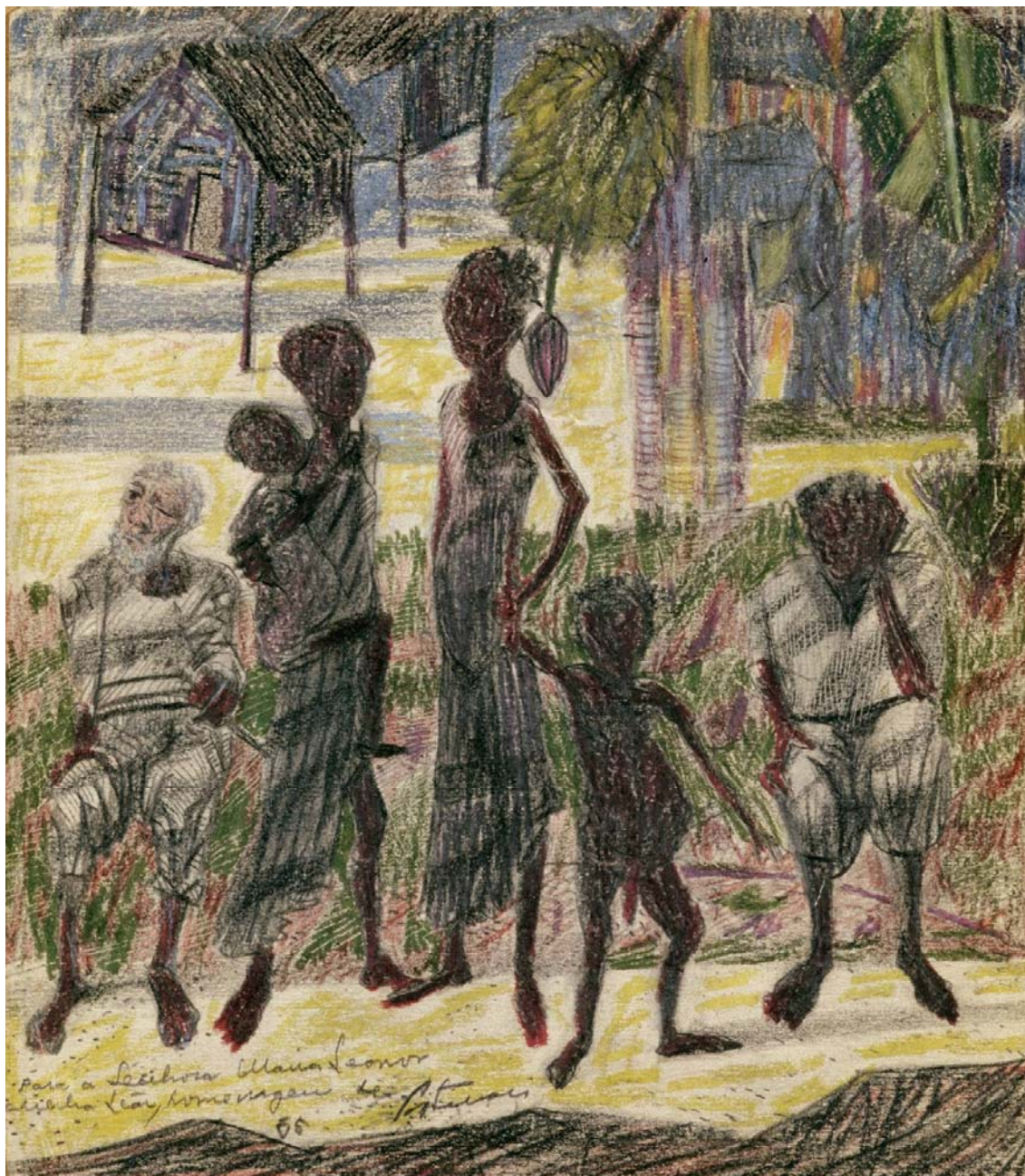
Esta pesquisa abarca um campo de investigação ainda pouco explorado no aspecto da comunicação e dos estudos agronômicos. A crescente necessidade de interpretar de que maneira esses elementos entrecruzam-se na área da Agronomia fundamentam o pano de fundo deste trabalho. Outro ponto importante que valida essa pesquisa está direcionado para o conhecimento tradicional e sociocultural que as culturas de mídia representam em torno dos fazeres hortícolas e agroecológicos pertencentes a uma sociedade inserida na pós-modernidade.

Dessa maneira, o objeto delineado para o foco desse projeto enquadra-se na revista “*Globo Rural*” das edições de 001 de setembro de 1985 à 350 de dezembro de 2014 . A proposta, então busca analisar do ponto de vista crítico o discurso de como engendram o tipo de mídia escrita, bem como os recursos visuais em torno de temas relativos à agricultura, no caso deste trabalho da Etnobotânica, Agroecologia e modelos alternativos de Horticultura. Para tanto, esse estudo contribui como parcela para o desenvolvimento de uma investigação interpretativa sobre as relações discursivas e midiáticas que o homem pós-moderno constrói para com as diferentes práticas sociais, culturais e históricas.

Este trabalho teve como objetivo analisar o conteúdo midiático, relacionado à Etnobotânica, Agroecologia e aos modelos alternativos de manejo na área da horticultura. Esta análise de conteúdo tem amparo na cronologia da revista que acompanhou nos últimos trinta anos as grandes mudanças, no Brasil e no mundo, no que diz respeito à agricultura e ao meio ambiente. Esta análise pretendeu responder as seguintes questões: De que forma os modelos alternativos e a agroecologia foram discutidos e apresentados para os receptores e interessados no assunto? O avançar dos interesses mercadológicos sobre a agricultura influenciou o discurso e os destaques dentro da temática da horticultura? Como se faz a ponte do conhecimento científico com o saber popular a etnobotânica? E mais, como esse conhecimento científico e o associado ao tradicional é repassado para os receptores?

Sabe-se que no período escolhido para análise (1985 – 2014) a revista *Globo Rural* acompanhou o desenrolar de muitas questões importantes que tomaram conta das temáticas agrícolas e ambientais no Brasil e no mundo. Questões, por exemplo, como o debate em torno do desenvolvimento sustentável, a liberação de tecnologia transgênica, o novo código florestal, entre outros. Diante disso, por se tratar de uma revista de caráter popular, ou como sugere Martins et al.(2015) uma *mídia de massa*, temos como hipótese que o objeto de estudo passou por diversas transformações em sua trajetória e que estas transformações foram moldadas de acordo com os interesses mercadológicos. Parte-se da hipótese que a horticultura, em muitos casos, relacionada com a agricultura familiar e de pequena escala, não ocupa espaço de destaque na revista e nos principais espaços de difusão de tecnologias sustentáveis, uma vez que, o agronegócio, grande movimentador de financiamentos e publicidades na revista acaba sendo o grande fomentador das publicações na revista.

2 REVISÃO DE LITERATURA



A Clareira – Cândido Portinari (1955)

“O conhecimento é assim:
ri de si mesmo e de suas certezas.
É meta de forma, metamorfose
Movimento, fluir do tempo
que tanto cria como arrasa
A nos mostrar que para o vôo
é preciso tanto o casulo como a asa”.

Mauro Iasi

2.1 “Agricultura Convencional” versus “Agricultura Alternativa”

Existe atualmente um consenso no que tange a classificação dos modelos de produção agrícola encontrados no território brasileiro. Consideram-se dois modelos como sendo os que abrangem as diversas técnicas e formas de manejo, o modelo convencional e o modelo alternativo de produção.

O modelo convencional recebe também por muitos pesquisadores o título de “agricultura moderna”, este termo surgiu das técnicas agrícolas conhecidas e descritas como "pacote tecnológico", como o uso de variedades de alto rendimento, cultivadas necessariamente a partir da aplicação intensiva de adubação química, combinado à aplicação sistemática de agrotóxicos, em processos de trabalho majoritariamente mecanizados (ALTAFIN,1999).

Alguns autores como, Altieri (2002; 2012) Balestro e Sauer (2013) afirmam em seus estudos que, o padrão convencional de agricultura tem se mostrado insustentável, não só pelo aumento da pobreza e o aprofundamento das desigualdades, mas também pelos impactos ambientais negativos causados pelo desmatamento continuado, pela redução dos padrões de diversidade preexistentes, pela intensa degradação dos solos agrícolas e contaminação química dos recursos naturais, entre tantos outros impactos (ALTIERI, 2002, p.8).

Este modelo conhecido no seu discurso inicial como a "Revolução Verde", prometia em seu discurso, o combate à fome com a produção de alimentos em escala industrial, e incentivando a utilização de insumos, principalmente, sintéticos para garantir alta produção. Por outro lado, esse modelo abriu espaço para as preocupações relacionadas aos impactos sócio-ambientais e econômicos desse padrão tecnológico. Associa-se à segurança alimentar o conceito de rastreabilidade do produto, que significa descrever em sua embalagem toda a cadeia produtiva do mesmo, ou seja, onde e como foi produzido e processado e outras informações que garantam ao consumidor a qualidade desejada (PREÇOS AGRÍCOLAS, 1999, p. 8).

Segundo estudos do Ministério do meio ambiente (2000) o mercado de produtos orgânicos, com suas altas taxas de adesão, indicam, a existência de um anseio, de expressiva parcela da sociedade, por um novo modelo de desenvolvimento, que se preocupe com as pessoas, com os recursos naturais e com a produção em longo prazo.

Existem dificuldades de aplicação do conceito de sustentabilidade na agricultura, seja pela escassez de conhecimento científico ou pela falta de acesso a tal conhecimento, a transição para o padrão sustentável tende a acontecer em longo prazo, paralela ao declínio do padrão dominante e ao aumento da pressão por alimentos mais saudáveis (MMA, 2000, p. 13).

No Brasil, as mudanças ocasionadas pela “revolução verde” se dissimularam a partir dos anos 60 e intensificaram-se no início dos anos 70, devido à incentivos governamentais que garantia crédito farto, desta forma a base tecnológica foi transformada com a implantação de um pacote de técnicas e lógicas produtivas baseadas na química, mecânica e genética (SILVA, 1981 apud. BALESTRO E SAUER, 2013). Os recursos públicos nesse momento estavam voltados para o financiamento de pesquisas e a disseminação do pacote tecnológico baseado na lógica de produção monocultora em grandes extensões de terra, excluindo a grande maioria de pequenos produtores (BALESTRO E SAUER, 2013).

As consequências mais significativas deste modelo de produção foram o exodo rural, a ampliação da concentração fundiária e os profundos impactos sobre o meio ambiente. Estes, por conseguinte, foram responsáveis pelo desenvolvimento desordenado dos grandes centros urbanos, novos conflitos no campo agravando as disputas de terras e fronteiras agrícolas. Os resultados ambientais compreendem efeitos como a erosão e contaminação do solo, o desperdício e a contaminação dos hídricos, o desmatamento nos diversos biomas e o empobrecimento da biodiversidade (SAUER, 2008).

Outra característica marcante da agricultura convencional é a medida forma que o capital ajudou a intensificar as dimensões da crise econômica e ambiental. O capital, ao longo da história, favoreceu as técnicas "apropriadas" do processo de produção, substituindo os mecanismos de controle de pragas naturais por agrotóxicos, a fertilidade natural do solo por fertilizantes e assim por diante (GOODMAN E REDCLIFT, 1991). O resultado inevitável de tudo isto foi e é o conflito de interesses que entram em jogo para manter uma agricultura industrializada que se baseia em pesado investimento de capital, o que torna tanto países e agricultores dependentes de fornecedores de insumos e empresas de equipamentos.

Sob a hegemonia do capital financeiro, as empresas transnacionais concentraram o controle da produção e do comércio de produtos agrícolas, principalmente a agroindústria de soja, milho, cana-de-açúcar e laticínios e o monocultivo de eucalipto para celulose e

carvão (siderurgia). Esse controle favoreceu o aumento dos preços dos produtos agrícolas e dos insumos em âmbito mundial, obtendo lucros extraordinários e conseqüentemente, gerando a falência de pequenos e médios produtores locais que não conseguem produzir no mesmo padrão imposto pelas empresas capitalistas. A concentração da produção agrícola atinge um pequeno número de proprietários de terra articulados com as empresas. No Brasil, “[...] 10% de todos os estabelecimentos agrícolas do país controlam 80% do valor da produção”. (STEDILE, 2013, p. 25)

Essas empresas estrangeiras expandem seus negócios na agricultura capitalista controlando um volume significativo de hectares de terras no Brasil, tendo como prioridade a produção de soja em todas as regiões do Brasil; a cana-de-açúcar no centro-sudeste; a celulose no sul da Bahia, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul; madeira para carvão na região Norte e Minas Gerais; frutas irrigadas no semiárido; camarão em cativeiro no litoral do Nordeste; pecuária nas regiões degradadas e fronteiras agrícolas; algodão no Centro Oeste. (STEDILE, 2013, p. 29)

Com relação aos investimentos governamentais na agricultura, observa-se que há uma estratégia do Estado brasileiro em reforçar o agronegócio. É exemplar o investimento de 92 bilhões que destinou para safra a 2009/2010, contra 15 bilhões na agricultura familiar para o mesmo período. Além disso, que o agronegócio detém um número significativo de imóveis rurais com maior volume de hectares, 807.587 estabelecimentos e 249.690.940 ha, contra os valores da agricultura familiar, 4.367.902 estabelecimentos e 80.250.453 ha (IBGE, 2006). Isso demonstra o modelo de desenvolvimento capitalista brasileiro centrado na propriedade privada da terra, revelando a intrínseca relação entre a burguesia agrária e o capital.

Diante da problemática da desordem econômica, social e ambiental oriundas de um modelo de produção com a lógica de exploração ao máximo da natureza e sem observar os limites de sua utilização, surge um movimento chamado “alternativo”, justamente para contrapor esta lógica e este modelo de produção. O modelo chamado de alternativo tem como premissas a utilização de métodos e técnicas que respeitam os limites da natureza, pouca ou nenhuma dependência de agrotóxicos e troca de saberes científicos com saberes locais desenvolvidos pelos agricultores (CAPORAL e COSTABEBER, 2004).

Este modelo também conhecido como Agriculturas de base ecológicas, tem como premissas o conceito de sustentabilidade do sistema produtivo. Esta concepção exige soluções específicas para cada agroecossistema, tendo como pressupostos básicos a

integração do ambiente com a sociedade. Isso significa uma visão muito diferente do conjunto de práticas do pacote tecnológico do paradigma dominante.

Muitos autores apresentam as diferenças mais acentuadas entre os modelos convencionais e alternativos, utilizarei, com adaptações as pontuadas por Beus e Dunlap (1990), no quadro a seguir:

Quadro 1 - Principais diferenças entre o modelo agrícola convencional e alternativo

Agricultura Convencional	Agricultura Alternativa (Base Ecológica e Agroecologia)
Exploração	Conservação
• Custo das externalidades frequentemente não contabilizadas; • Benefícios de curto prazo sobrevalorizado com relação às consequências de longo prazo; • Baseia-se em uso bastante intenso de recursos não renováveis; • Elevada produtividade para abastecer a demanda por consumo, mantendo o feito multiplicador para o crescimento econômico;	• Custo das externalidades devem ser considerados; • Resultados de curto e longo prazo devem ser igualmente considerados; • Baseia-se nos recursos renováveis e os recursos não-renováveis são conservados; • Consumo reduzido para beneficiar futuras gerações;
Especialização	Diversidade
• Base genética estreita • Maior parte dos cultivos em monocultura; • Monocultivo contínuo; • Isolamento de culturas e animais; • Sistemas de produção padronizados; • Ciência e tecnologia especializada e reducionista;	• Ampla base genética • Mais plantas cultivadas em policultivo; • Várias culturas em rotação complementar; • Integração de culturas e animais; • Sistemas de produção localmente adaptadas; • Ciência e tecnologia interdisciplinares e orientadas para os sistemas;
Dominação da natureza	Harmonia com a natureza
• Natureza consiste primeiramente em recursos a serem explorados e dominados a pelo homem; • Alimentos altamente processados, adicionados de nutrientes	• Natureza deve ser utilizada respeitando seus limites; • Imitação dos ecossistemas naturais (ex.: sistemas agroflorestais); • Alimentos minimamente processados, e naturalmente nutritivos

Competição	Comunidade
• Falta de cooperação, interesses pessoais; • Tradições e cultura rural abandonada; • Agropecuária é apenas negócio; • Ênfase a velocidade, a quantidade e ao lucro.	• Maior cooperação, preservação das tradições, saberes e cultura rural; • Pequenas comunidades rurais essenciais para a agricultura; • Agropecuária deve ser uma forma de vida, assim como um negócio.
Dependência	Independência
• Unidades de produção e tecnologia de larga escala e uso intensivo de capital; • Elevada dependência em fontes externas de energia, insumo e crédito; • Consumismo e dependência no mercado; • Ênfase dada à ciência, especialistas e experts	• Unidades de produção e tecnologia de menor escala e uso reduzido de capital; • Dependência reduzida de fontes externas de energia, insumos e crédito; • Ênfase dada ao conhecimento pessoal, potencialidade e capacidades locais
Centralização	Descentralização
• Produção, processamento e marketing nacional/internacional; • Menor número de produtores, controle concentrado da terra, dos recursos e do capital;	• Produção, processamento e marketing mais regionalizados/local; • Maior número de produtores, controle descentralizado da terra, dos recursos e do capital

Fonte: BEUS E DUNLAP (1990) com adaptações.

De modo geral, a agricultura alternativa visa trabalhar com o conceito de agricultura sustentável que se apresenta como uma resposta relativamente recente para o declínio a qualidade dos recursos naturais e da base produtiva da agricultura moderna (ALTIERI 1995; 2013). A questão da produção agrícola deixou de ser puramente técnica para se tornar em uma questão mais complexa, que é caracterizado pelas dimensões sociais, culturais, políticas, ambientais, éticas e econômicas. Alguns autores apresentam o conceito de sustentabilidade com muitas ressalvas e preocupações, estas serão discutidas logo mais.

2.1.1 O Agronegócio e a Agricultura Familiar

O Brasil é um dos maiores países do mundo em extensão territorial e também em terras agricultáveis, é inegável nosso potencial de produção tendo em vista as características favoráveis de relevo, solo, água e clima. Diante disso, o atual cenário da questão agrária brasileira, baseado no modelo agrícola neoliberal, se desenvolve, em grande medida, com base nos interesses de atores externos, ou seja, de fora das próprias regiões. Nesse caso, as sociedades regionais e a organização espacial estão submetidas a profundas transformações (BARROS, 2014).

Segundo Delgado (2012) no meio rural, o projeto neoliberal tem sido representado pelo chamado agronegócio, considerado como um bloco de poder, que vem se fortalecendo desde o ajuste externo dos anos 1980 e que ganha impulso, inclusive pela mídia, a partir do segundo governo Fernando Henrique Cardoso. Da mesma forma, argumentamos que os principais protagonistas do projeto democratizante no meio rural foram os sem-terra, assentados e agricultores familiares (e suas organizações representativas), identidades afirmadas na década de 1990, através da construção de propostas alternativas de desenvolvimento rural baseadas na reforma agrária, no fortalecimento e na consolidação da agricultura familiar.

Segundo Welch e Fernandes (2008), o agronegócio “é um complexo de sistemas que compreende agricultura, indústria, mercado e finanças”. Os interesses destes setores formam um modelo de desenvolvimento econômico controlado por corporações internacionais. Sob a hegemonia do capital financeiro, as empresas transnacionais concentraram o controle da produção e do comércio de produtos agrícolas, principalmente a agroindústria de soja, milho, cana-de-açúcar e laticínios e o monocultivo de eucalipto para celulose e carvão (siderurgia). Esse controle favoreceu o aumento dos preços dos produtos agrícolas e dos insumos em âmbito mundial, obtendo lucros extraordinários e conseqüentemente, gerando a falência de pequenos e médios produtores locais que não conseguem produzir no mesmo padrão imposto pelas empresas capitalistas.

Segundo a FAO (2013), a despesa pública total em inovação e desenvolvimento (I&D) agrícolas aumentou, sobretudo por países em desenvolvimento, entre os quais o Brasil, também está na lista, tendo duplicado a produção de cana-de-açúcar na última década e se tornado um dos maiores exportadores agrícolas, sobretudo de oleaginosas e produtos pecuários. Esses dados evidenciam que a política do agronegócio aumenta o

domínio sobre os países pobres pelas transnacionais, além do controle sobre a biodiversidade e a biotecnologia, inviabilizando a reforma agrária e a agricultura familiar e camponesa. E ainda, provoca a desigualdade social, o êxodo rural e a fome.

Segundo Barros (2014) o agronegócio está representado no latifúndio e na monocultura, sustentados pelas empresas multinacionais que controlam a terra, os recursos naturais, as sementes e a força de trabalho, de forma a maximizar o uso intensivo de mecanização, cujo sentido é de uma agricultura sem trabalhadores rurais. Também é reconhecido o uso abusivo de agrotóxicos, como forma de aumentar a produtividade da lavoura e do trabalho, à base de venenos, sem nenhum controle, causando todo tipo de degradação do meio ambiente, destruindo a fertilidade natural do solo e seus micro-organismos, contaminando as águas dos lençóis freáticos e a atmosfera.

Rigotto e Rosa (2012, p. 88) advertem para o fato dos agrotóxicos serem biocidas muito ofensivos à saúde humana, pois estão associados a uma série de intoxicações agudas. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), os biocidas produzem, a cada ano, de 3 a 5 milhões de intoxicações agudas, especialmente em países em desenvolvimento. Dados da Fundação Getúlio Vargas, entre 1989 a 2004 foram notificados no Brasil 1.055.897 casos de intoxicação humana por agrotóxicos e 6.632 óbitos pelo mesmo motivo. Em 2008, 32,7% das intoxicações no Brasil tiveram como principal agente tóxico envolvido os agrotóxicos de uso agrícola.

Não é de a toa que existe hoje no Brasil fortes campanhas de incentivo ao não uso de agrotóxicos e de consumo de produtos oriundos da produção orgânica. Em 2011, várias entidades da sociedade civil brasileira lançaram a “Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida” para gerar um debate em torno do uso de agrotóxicos e os riscos causados pelos mesmos, além disso, a campanha propõe soluções como por exemplo a possibilidade de construção de um modelo agrícola diferente, alternativo, baseado na agricultura camponesa e agroecológica. Uma das ações da campanha foi o lançamento do filme “O Veneno está na mesa” de Silvio Tendler.

Em 2008, o Brasil tornou-se o maior consumidor mundial de agrotóxicos, movimentando 6,62 bilhões de dólares em 2008 para um consumo de 725,6 mil toneladas de agrotóxicos – o que representa 3,7 quilos de agrotóxicos por habitante. Atualmente, existem pelo menos 1.500 ingredientes ativos distribuídos em 15 mil diferentes formulações comerciais no mercado mundial (RIGOTTO E ROSA, 2012).

Além da utilização de agrotóxicos, outra grande preocupação ocasionada pelo agronegócio é o uso cada vez maior de sementes transgênicas, padronizadas, agredindo o meio ambiente, as culturas locais, a biodiversidade e as sementes crioulas. Acrescentam-se, ainda, em sua fase atual a dependência do capital financeiro com o objetivo de drenar os lucros imensos da terra para os bancos; domínio da genética das sementes híbridas e transgênicas controladas pelas multinacionais; mecanização pesada e agressiva ao solo e ao meio ambiente; padronização produtiva empobrecendo a dieta alimentar da população; alta utilização de insumos derivados de petróleo e da química dos agrotóxicos.

Se de um lado o agronegócio é a fiel representação do modelo de agricultura tido como convencional, por outro lado, observa-se a expansão de atividades em parte não incorporadas aos circuitos econômicos globalizados, assim como a persistência de formas de sobrevivência, também baseadas em circuitos regionais. Assim, é importante diferenciar a análise da agroecologia e dos modelos alternativos de produção tendo em vista dois territórios distintos: o agronegócio e a agricultura familiar, onde neste caso a horticultura é atividade forte e presente.

2.1.2 As práticas sustentáveis na horticultura

Para Trani, Tivelli e Passos (2010), a horticultura comum vincula-se em ações tecnológicas baseadas em projetos de manejo e produção que possam garantir um retorno imediato ao agricultor. Nesse sentido, as técnicas conciliadas na horticultura convencional e conduzidas por meio do imediatismo, acabam por causar danos irreparáveis ao meio ambiente e à outros tipos de gerações no futuro. A partir da observação desse processo de degradação do solo e de outras riquezas sedimentadas no meio ambiente e no entorno do produtor rural, podemos buscar auxílio de outras tecnologias que sustentem a revitalização da cultura tradicional. Dessa forma, podemos alcançar garantias para um modelo atual de manejo, denominado de horticultura sustentável.

Como informam os autores citados, a horticultura sustentável consiste em:

[...] um sistema integrado de práticas de cultivo e criação animal com aplicação local específica que, no longo prazo suprirá as necessidades humanas de alimentos e fibras, melhorará a qualidade do meio ambiente e a base dos recursos naturais da qual

depende a economia agrícola, fará uso mais eficiente dos recursos não renováveis e integrará, quando apropriado, ciclos e controles biológicos naturais; sustentará ainda a viabilidade econômica das explorações agrícolas e elevará a qualidade de vida dos agricultores e da sociedade como um todo. (TRANI; TIVELLI; PASSOS, 2010, p. 1)

O emprego de uma técnica coerente com as reais necessidades de uma determinada comunidade podem conduzir a um cultivo consciente de hortaliças saudáveis, ao passo que representem ganhos favoráveis tanto para os produtores como aqueles que se abastecem desse tipo de produção. Essa cadeia de práticas também são corporificadas nos fazeres tradicionais do homem contemporâneo. Contudo, o registro dos níveis de degradação e prejuízos ao meio ambiente salientam a urgência de aplicabilidade de práticas agrícolas que possam consubstanciar e promover a melhoria para o retorno de um produto saudável.

As práticas agrícolas e técnicas de cultivo sustentável como citam Trani, Tivelli e Passos (2010) baseiam-se no uso crescente de adubos orgânicos, compostos e organos minerais, produção de mudas com qualidade, cultivo protegido, plantio direto, rotação de culturas, controle alternativo de pragas e doenças, manejo correta da pré-produção como também da pós-produção, dentre outros. Todavia, tais práticas agrícolas de ordem sustentável apresentam-se ainda como modelos pouco utilizados pelo agricultor que aguarda um retorno imediato. Sobre essa questão, Gomes (2004) menciona sobre propostas atuais de modelos alternativos para a promoção da agricultura sustentável:

Ao mesmo tempo em que se tornava mais evidentes os efeitos adversos do modelo convencional e enquanto o movimento contracultural colocava em discussão uma série de valores da sociedade moderna, na agricultura surgiam as propostas “alternativas”. Esse movimento se expressou por meio de diferentes formas, origens e denominações, entre as quais podem ser citadas as agriculturas alternativa, biodinâmica, orgânica, biológica, natural, ecológica, regenerativa, a permacultura, a biotecnologia tropical e as tecnologias apropriadas, influenciados por uma variada matriz teórico-metodológica. Outra corrente é a agroecologia, considerada por uns como um “novo paradigma” e por outros, saudada apenas como uma proposta promissora que ainda necessita maior precisão epistemológica. (GOMES, 2004, p. 119).

Partindo dessa afirmação, consideremos significativo a discussão acerca dos fundamentos da agroecologia e seus modelos sustentáveis. Como esses conceitos circundam o espaço acadêmico, e por sua vez interessam à mídia impressa, os teorizados

serão válidos para se compreender o modelo discursivo corporificado na revista *Globo Rural*, bem como a conciliação instituída nas dicotomias do conhecimento tradicional e das concepções modernas de produção agrícola para uma sociedade sustentável tendo em vista as práticas na horticultura.

2.2 Características das principais Agriculturas de Base Ecológica

Segundo Dulley (2003), a agricultura convencional, diferentemente da agricultura alternativa, não comporta diferenciações conceituais significativas em relação aos princípios, à utilização de determinados insumos ou procedimentos, nem é importante, também, “*a definição de limites filosóficos, de auto-regulação técnica em relação ao meio ambiente , nem limites éticos na produção*”. Para alguns autores, a agricultura convencional recebe diferentes nomes, como, agricultura moderna, agroquímica, agricultura industrializada ou simplesmente agronegócio, entretanto , não há diferenças quando o objetivo central de todas é o aumento continuado da produtividade. (DULLEY, 2003; PAIVA, GRAZIANO DA SILVA E MULLER, citado por GONÇALVES, 1999).

É bem verdade que o sistema de produção convencional tem se apropriado, atualmente, de algumas técnicas de baixo impacto e/ou consideradas sustentáveis. Esta apropriação se deve aos resultados significativos de aumento de produção que as tecnologias demonstraram (PRIMAVESI, 1997). Tais tecnologias, como o plantio direto, beneficiam principalmente o solo, entretanto, num sistema convencional, a mesma pode ser acompanhada pela tecnologia transgênica causando impactos em recursos hídricos, na biodiversidade e outros, tornando o sistema como um todo altamente impactante e por vezes insustentável.

Na agricultura alternativa, existem distinções técnicas, sociais, legais, filosóficas, éticas e na organização social, definindo sistemas sociais produtivos, que mesmo possuindo um objetivo ou núcleo comum de princípios apresentam especificidades que resultam em produtos diversos para o mercado e consumidores (EHLERS, 1996). As diferenças entre as características técnicas, econômicas, sociais e ambientais e entre esses sistemas de produção decorrem, em grande medida, da maneira como a natureza é pensada pela sociedade, principalmente, pelos produtores, e resultam disso as várias denominações vigentes (DUNLEY, 2003).

Redclift (1995, citado por HOEFFEL *et al.*, 2008) enfatiza ao analisar a maneira como a ciência, como uma produção cultural, origina concepções sobre o meio ambiente. Para o autor, as diversas formas de pensar a natureza são orientadas por uma série de compromissos sociais e estas avaliações são utilizadas para se alcançar metas sociais específicas, da mesma forma ocorre com o discurso midiático. Desta forma, por exemplo, ao discutirmos os problemas ambientais, não estamos nos referindo apenas a eles, mas sobre seus papéis dentro de um contexto social, muitas vezes influenciado por uma concepção econômica, política ou ambiental dominante (HOEFFEL *et al.*, 2008).

A agricultura alternativa é dividida em dois grupos, as agriculturas de base ecológica e a agroecologia. No Brasil, as agriculturas alternativas mais discutidas e empregadas são conhecidas como Agricultura Ecológica, Orgânica, Biodinâmica, Natural, e a chamada Permacultura. A seguir descreveremos algumas características destas vertentes. A Agroecologia será discutida em espaço de destaque posteriormente.

Agricultura Ecológica e Natural

Ana Primavesi (1997), uma das pioneiras na introdução da idéia e prática do modelo alternativo de produção, adota a denominação Agricultura Ecológica. Ana Maria Primavesi, assim faz por considerar que “Ecológico” vem da palavra grega *oikos*, que significa lugar.

Segundo Primavesi (1997):

“a agricultura ecológica, antes de tudo, tenta restabelecer o ambiente e o solo. Não tem enfoque sintomático, mas causal. Evita problemas em lugar de combatê-los. Previne causas e não combate os sintomas. Trabalha com ciclos e sistemas naturais, que administra. Parte do fato de que um solo sadio fornece culturas sadias. Em princípio, planta o que a região facilmente produz. Mas quando é obrigada a plantar culturas não adaptadas, tem que adaptar a alimentação”. (PRIMAVESI, 1997, Pg 34)

No caso da Agricultura Natural, o princípio é o de que as atividades agrícolas devem potencializar os processos naturais, evitando perdas de energia no sistema.

Em meados da década de 1930, o filósofo japonês Mokiti Okada fundava uma religião baseada no princípio da purificação, hoje Igreja Messiânica. A agricultura natural culminou com a publicação do livro “One Straw Revolution” (A Revolução de uma Palha), de Masanobu Fukuoka, em 1975. Seus métodos apontavam para a substituição de toda e qualquer movimentação ou cultivo do solo por roçadas (corte da parte aérea) das

vegetações, cobertura verde e morta, combinadas com semeaduras consorciadas de cereais e leguminosas ou misturas de hortaliças e ervas aromáticas no meio de pomares não podados (MARTINS, 2003).

Segundo Khatounian (2001), mais recentemente, a agricultura natural tem se concentrado na utilização de microrganismos benéficos à produção vegetal e animal, conhecidos pela sigla de EM (microrganismos eficazes). Esses microrganismos são utilizados como inoculantes para o solo, planta e composto. Outra particularidade é a não utilização de dejetos animais nos compostos. Argumenta-se que os dejetos animais aumentam o nível de nitratos na água potável, atraem insetos e proliferam parasitas.

Agricultura Orgânica

Sua figura central foi o agrônomo Albert Howard, o inglês deu início a partir de 1920 a uma das mais difundidas correntes do movimento orgânico, a agricultura orgânica, que mais tarde foi assim difundida nos Estados Unidos. Com extensa experiência na Índia, cerca de 40 anos, Howard observava que a adubação química produzia excelentes resultados nos primeiros anos, mas depois os rendimentos caíam drasticamente, enquanto os métodos tradicionais dos camponeses indianos resultavam em rendimentos menores, mas constantes (KHATOUNIAN, 2001).

Segundo estudos de Sir Howard o fertilizante básico dos indianos era preparado misturando-se excrementos animais com restos de culturas, cinzas, ervas daninhas, o que resultava num esterco elaborado de onde se originou o termo “composto”, como hoje é conhecido. Após observação, experimentação e reflexão, Howard publica *An Agricultural testament*, em 1940, ainda hoje considerado um clássico para os estudiosos da agricultura alternativa (MAZZOLENI E NOGUEIRA, 2006).

Essa escola organiza, segundo Khatounian (2001), um considerável esforço de convencimento, através da organização The Soil Association, que atualmente funciona como uma certificadora. Irving Robert Rodale levou essa escola para os Estados Unidos, onde ela se difundiu através de seu grande esforço de divulgação, hoje concretizado no complexo Rodale na Pensilvânia. A escola orgânica inglesa se fundamenta no âmbito da agricultura e dos recursos naturais, não se ligando a nenhuma concepção de caráter filosófico-religioso.

Agricultura Biodinâmica

Rudolph Steiner, de acordo com Borges (2000), julgou possível praticar uma agricultura que integrasse os recursos naturais da agricultura com forças cósmicas e suas diversas formas de valores espirituais e éticos, para chegar a ter uma aproximação mais compreensível das relações: agricultura e estilos de vida.

A agricultura biodinâmica significa equilíbrio e harmonia entre cinco domínios: terras, plantas, animais, influências cósmicas e o homem. A diferença da agricultura biodinâmica das demais correntes orgânicas é basicamente em dois pontos. O primeiro é o uso de preparados biodinâmicos, que são substâncias de origem mineral, vegetal e animal, altamente diluídas, que potencializam forças naturais para vitalizar e estimular o crescimento das plantas ao serem aplicados no solo e sobre os vegetais. O segundo princípio é efetuar as operações agrícolas (plantio, poda, raleio e outros tratos culturais e colheita) de acordo com o calendário astral, com observações da posição da lua e posição dos planetas em relação as constelações (LOPES e LOPES, 2011).

Para a agricultura biodinâmica os chamados preparados biodinâmicos são muito importantes para o cultivo das plantas e significam mais vigor e crescimento para os vegetais. Segundo Steiner (1993) esses preparados potencializam a produção vegetal. Possivelmente seus efeitos estão relacionados com a nutrição equilibrada, resistência química e física das plantas. Pois Sistemas de produção de base exercem influência direta nas plantas, nos solos e nos compostos orgânicos. Os preparados são feitos por meio de formulações específicas, podendo ser à base de esterco bovino, sílica moída ou extratos vegetais. A aplicação dos mesmos poderá ser realizada diretamente nos solos, nos cultivos ou nos compostos orgânicos, no entanto, deve-se respeitar um calendário específico (Figura 01) variando de acordo com as concentrações dos preparados.

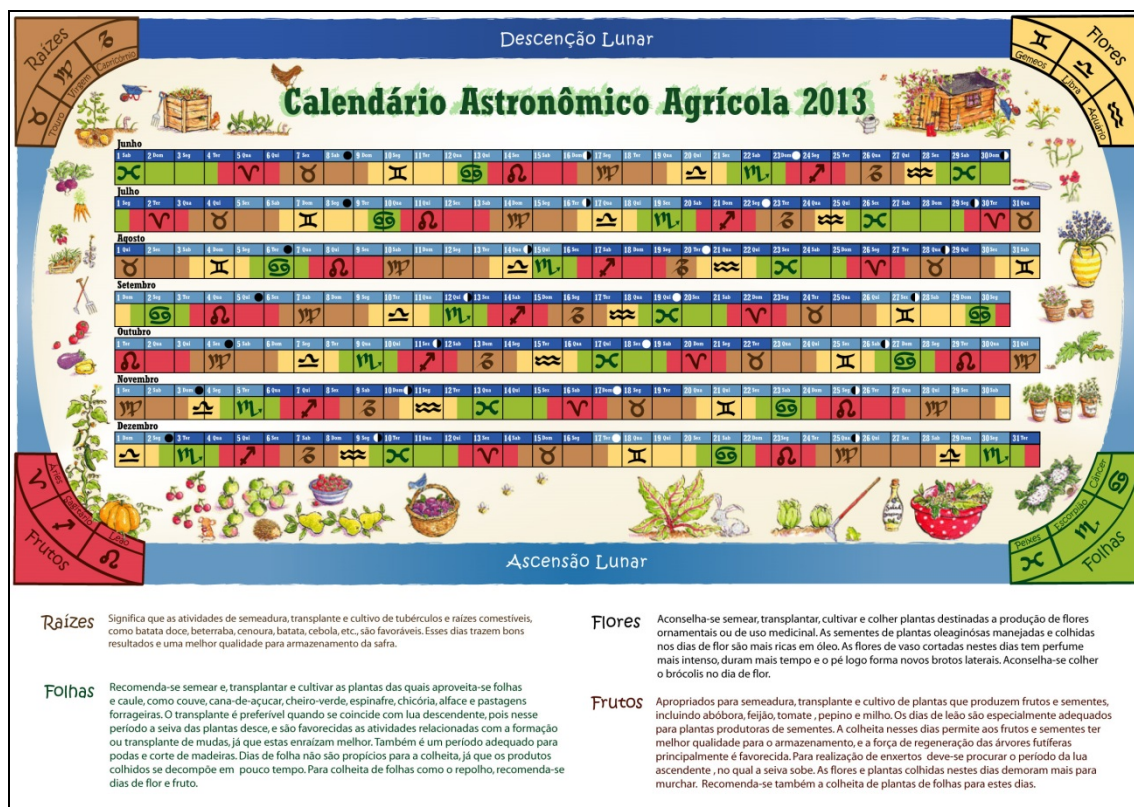


Figura 01 – Exemplo de Calendário Astronômico utilizado na agricultura Biodinâmica.
Fonte: Instituto Karacura (2015)

Permacultura

A palavra Permacultura significa em sua interpretação literal “permanente agricultura”. Este movimento desenvolveu-se na Austrália através da simulação dos ecossistemas naturais, priorizando as culturais perenes como elementos centrais. O movimento também se ocupa com assuntos urbanos, tais como a construção de cidades ecologicamente adaptadas. Ela se diferencia das demais atividades produtivas porque no planejamento leva-se em conta os aspectos paisagísticos e energéticos. A Permacultura tem como idealizador Bill Molisson e seus colaboradores (KHATOUNIAN, 2001).

2.3 A Agroecologia

As ideologias globalizantes que permeiam a sociedade pós-moderna viciam o homem a conduzir suas ações por meio da cultura do favorecimento imediato. Sendo nesse patamar impregnados por opções mercadológicas de uma economia globalizada, na medida

em que causam desconforto e ampliam a possibilidade para as mazelas sociais. A perene afirmação, indica-nos uma urgente aceitação de atividades que floresçam a fertilidade e preservação do meio ambiente no qual vivenciamos experiências cotidianas.

Refletindo sobre essa emergência contemporânea, a agroecologia enquadra-se como uma nova possibilidade que emerge contribuições para a transformação de agroecossistemas sob a ótica evolutiva da sociedade e a natureza. Carmo (2008) sustentada em Caporal e Costabeber (2002) postula que a agroecologia apresenta-se como:

[...] o campo do conhecimento que proporciona as bases científicas para promover a transição do padrão de agricultura convencional para estilos de agriculturas ecológicas, na direção de também transformar o modelo convencional de desenvolvimento para modelos sustentáveis de desenvolvimento rural. (CARMO, 2008, p. 34).

Ainda acerca dessa conceituação Carmo (2008) concebe a agroecologia como uma nova abordagem científica, multidimensional, ao passo que busca outros aportes disciplinares para desenvolver sua dimensão teórica possuindo como eixo central de estudo o agroecossistemas. Ademais, segundo informa Altieri (1998), o objetivo principal da agroecologia é trabalhar com sistemas agrícolas complexos no qual as interações ecológicas entre os componentes biológicos criem fertilidade ao solo, a produtividade e a proteção das plantas.

Elencada como uma ciência inovadora, a agroecologia, por sua vez, busca dinamizar a visão interdisciplinar e participativa como uma cadeia integradora de sistemas de conhecimento coletivo. Nesse enfoque, essa ciência reconstrói modelos teóricos e metodológicos específicos embasados nas experiências substanciadas por diferentes atores sociais envolvidos nas práticas de cultura da terra.

Ainda de acordo com Carmo (2008), coexistem duas matrizes fundamentais na agroecologia:

- a. saúde ecológica – a preservação e ampliação da biodiversidade dos agroecossistemas;
- b. saúde cultural – a preservação da diversidade cultural das populações.

A primeira matriz está relacionada com os ensinamentos fundamentais da preservação e crescimento da diversidade biológica. A segunda matriz assegura a preservação desses conhecimentos presentes nas agriculturas locais, assim gerando tecnologias eficazes nas atividades agrícolas incluindo o saber acumulado do agricultor e dos elementos do seu ambiente.

Nesse sentido, a abordagem agroecológica incentiva os pesquisadores à direcionar o olhar investigativo nas práticas tradicionais dos agricultores resgatando o conhecimento para desenvolver projetos sustentáveis com a mínima dependência de componentes químicos.

Existe uma relação bem estreita da agroecologia com o conceito de desenvolvimento sustentável, ou sustentabilidade. Esta relação está pautada na ideia de que o conceito de desenvolvimento sustentável foi elaborado, segundo alguns autores, para causar de forma proposital uma discussão e reflexão mais aprimorada sobre este conceito (ALTIERI, 2012). Além disso, as bandeiras do desenvolvimento sustentável também são e estão relacionadas com os olhares da agroecologia para com os agroecossistemas.

Segundo Camargo (2008), o desenvolvimento sustentável tem como objetivo atingir parâmetros desejáveis na economia, no equilíbrio ambiental e na dimensão social, todavia, existem parâmetros hoje também apontados como desejáveis de dimensões éticas, políticas e culturais. A agroecologia anda pelo mesmo caminho, objetiva atender as demandas econômicas, de forma a gerar qualidade de vida, diminuindo as mazelas sociais, garantindo acesso às políticas públicas e de justiça social, respeitando os conhecimentos tradicionais e culturais dos atores envolvidos, garantindo uma produção limpa e que esteja em sinergia com o meio ambiente.

A Agroecologia, segundo Vandermeer (1995), vai além de uma visão unidimensional dos agroecossistemas para abranger um entendimento dos níveis ecológicos e sociais de coevolução, estrutura e funcionamento. A agroecologia é desta forma o estudo holístico dos agroecossistemas, abrangendo todos os elementos ambientais e humanos (ALTIERI, 2012)

Em suma, a agroecologia pode ser definida a partir de muitos princípios ecológicos, agronômicos, sociais e econômicos que finda em avaliar os elementos advindos do saber tradicional e das tecnologias contemporâneas em um todo comum. Esse conceito pode ser complementado como um artifício que prioriza o manejo sustentável para uma prática agrícola satisfatória e eficaz para o homem.

Considerando as acepções versadas anteriormente torna-se válido discutir a representação da mídia por meio do discurso incutido nas práticas sociais de linguagem corporificadas pela impressão das revistas em matérias e imagens significativas para cada público em específico, no qual analisaremos na revista *Globo Rural*.

2.4 Acepções Básicas de Etnobotânica

Um dos primeiros aspectos que complementam a discussão da teoria estão direcionados para os rudimentos conceituais em torno da etnobotânica. De acordo com Jones (1941) citado por Magalhães (2006), o termo etnobotânica foi cunhado por Harshberger, em 1895, a fim de referenciar a ciência que estuda a utilização das plantas por populações tradicionais.

Por conseguinte, essa relação reconstruiu-se a partir do envolvimento das ações temporais do homem com a planta, ao passo que passou a representar e fomentar as diferentes técnicas de manejo florestal propagadas pelo homem. Como ainda parafraseia a autora à luz de Prance (1987), o atual conceito para etnobotânica considera outros aspectos como as diversas técnicas de manejo empregadas na conservação das espécies vegetais, os componentes ecológicos, o valor e a importância dos recursos naturais para as comunidades, passando a investigar as relações entre as diversas culturas humanas e a flora no seu entorno.

A crescente importância nos estudos da agricultura alternativa remetem o foco para a necessidade de investigar contextos ambientais, os quais resguardam atividades de manejo baseadas nas ideologias culturais e sociais. Nessa perspectiva, considera-se também as formas pelas quais as sociedades tradicionais interpretam as suas experiências de vida na produção e uso de plantas medicinais, por exemplo. Essas técnicas herdadas por antepassados é repassada nos saberes populares, e por sua vez, caracteriza um nível de estudos muito singular, denominado etnofarmacologia, que também define um dos eixos conceituais para etnobotânica (MING, 2007).

Entretanto, é válido compreender outras visões sobre essa temática que partem de muitos teóricos ao longo do processo de investigação na área. Autores como Barreira (1979) definem a importância dos estudos etnobotânicos como balizadores no que diz respeito à permanência do valor cultural das plantas para comunidades específicas de diferentes contextos ambientais. Para outros estudiosos como Fonseca-Kruel e Peixoto (2004), a etnobotânica perpassa o presente e o passado das sociedades, na medida em que interage em ciclos ecológicos, genéticos, evolutivos, simbólicos e culturais para com as plantas.

Com a finalidade de entender essas culturas socializadas nas dimensões populares e tradicionais e mais ainda a forma que este conhecimento é demonstrado, perpetuado e

difundido é que o entendimento da etnobotânica se faz necessário e se torna importante para discutir e analisar os modelos alternativos e pautados na sustentabilidade no discurso de nosso objeto de análise.

2.5 O discurso e a mídia

As práticas sociais engendradas nas esferas culturais estão permeadas de um discurso ideológico emergente do homem contemporâneo. É visível que os diversos aparatos midiáticos oriundos da materialidade dos sentidos do homem norteiam os fazeres e necessidades específicas para determinado grupo social. Nesse sentido, podemos considerar como exemplo desse tipo de hegemonia midiática, a popularização de revistas e guias direcionados para um público ávido por soluções, sejam imediatistas, ou a curto prazo, aos quais envolvem as temáticas geridas por uma ideologia praticada no contexto do mercado de trabalho, na educação, na agricultura, na área da saúde, dentre outros.

Nessa seção, intencionamos apresentar uma breve discussão em torno de terminologias direcionadas para o discurso, a mídia e a ideologia. Essas acepções, por conseguinte, possibilitarão a compreensão da influência social que o discurso empreendido no conteúdo das mensagens da revista *Globo Rural* podem sobrecarregar e interpor as experiências materializadas em suas capas e editoriais. A filiação teórica proposta para esse estudo está fundamentada à luz das ideias de Van Dijk (2008a) e Fairclough (2001) representantes da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) e nas complexidades relativas à ideologia e mídia, por sua vez, nesse estudo fundamentado por Thomposon (2001). E, ainda, autores que partilham dessa perspectiva teórica como Pedro (1998), Pedrosa (2008) dentre outros.

A linguagem é concebida socialmente por meio da materialização do discurso nas práticas cotidianas e culturais legitimadas pelos anseios locais e globais. No intento de interpretar as particularidades desse evento, a ACD concede essencial aporte teórico em torno dos contextos sociais e linguísticos dimensionados no bojo das estruturas ideológicas. A ACD é uma abordagem de estudos da linguagem preocupada em compreender os eventos sociais que permeiam as diversas práticas do discurso oral ou escrito. Para Pedro (1998), a ACD:

opera, necessariamente, com uma abordagem de discurso em que contexto é uma dimensão fundamental. Mas, ao contrário de outras abordagens, conceptualiza o sujeito não como um agente processual com graus relativos de autonomia, mas como sujeito construído por e construindo os processos discursivos a partir da sua natureza de actor ideológico. (PEDRO, 1998, p. 20)

Sob esse prisma, a ACD apresenta-se como uma abordagem teórica possível para compreender os níveis de relação trilhados na reconstrução dos significados transpostos nas capas da revista *Globo Rural*. Ademais, promove a abertura de um escopo metodológico crescente na perspectiva de interpretar os diferentes sentidos heterogêneos e que de alguma modo permanecem estereotipados na imagem de quem assume o poder do discurso. A acepção de contexto, informado por Pedro (1998) parte de uma discussão instituída na densa articulação estabelecida entre as práticas sociais e os atores envolvidos. Dessa forma, podemos visualizar que a mídia, aqui representada pelo caráter informativo e em singelas medidas dominadora do público da revista *Globo Rural*, poderá de certo modo influenciar e (re)significar as ideologias presentes no contexto social e político do público da área de Agronomia e Ciências da Terra.

Consideremos, então, a seguinte visão representada na figura 2:

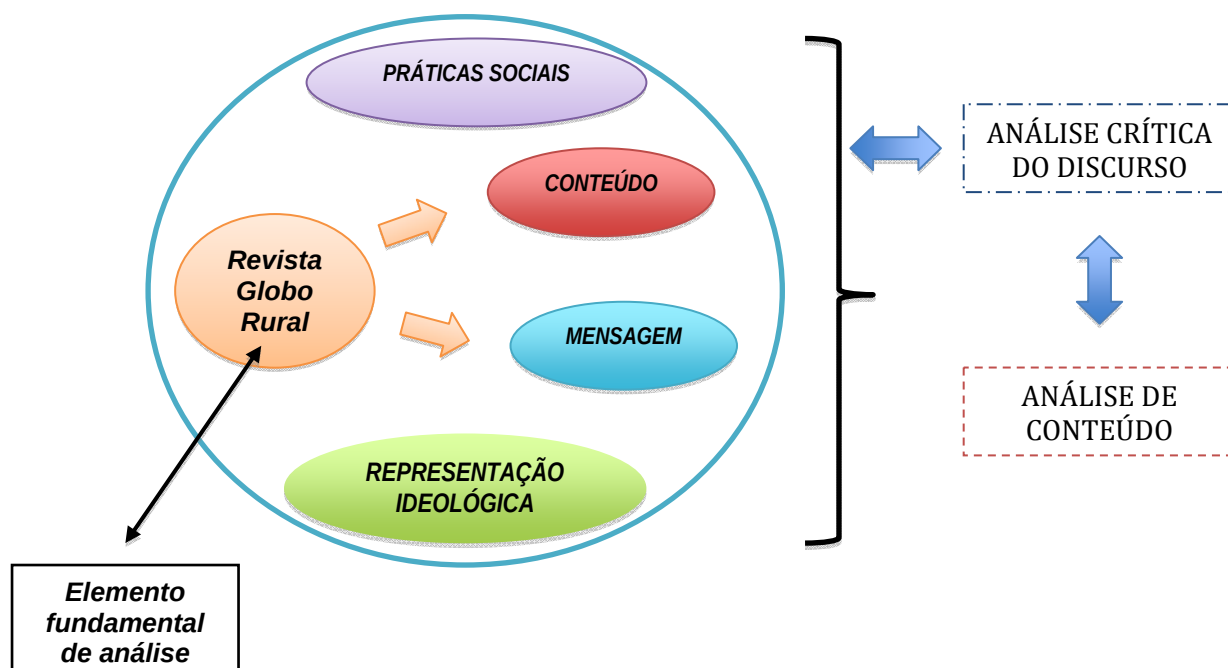


Figura 2 – Dimensões do Aporte Teórico e Analítico

Na figura 2 observamos a conciliação da teoria com a natureza da pesquisa proposto para essa tese. A ACD e a Análise de Conteúdo (AC) revisitada e discutida no capítulo de metodologia, intercalam em uma macro-dimensão as diferentes possibilidades de aplicação de duas teorias que ocupam-se em analisar criticamente as maneiras pelas quais os discursos sociais e culturais estão diluídos na práxis de uso da linguagem. O elemento chave de foco nesse estudo, como destacado na figura 2 são marcas características oriundas das diferentes disposições em imagens e textos, que, por sua vez estão revestidas pela ideologia de um grupo social específico responsável pela propagação da informação por meio dos instrumentos midiáticos materializados na revista *Globo Rural*.

Inserido nesse espectro teórico destacamos o domínio da ideologia impingida nas práticas socializadas de uso do discurso. Conforme, Pedrosa (2008) a ideologia refere-se ao estabelecimento e conservação de relações desiguais de poder. Ainda, Fairclough (2008) pontua que:

As ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117).

Contudo, o discurso social empregado nos meios de comunicação de massa delineiam as concepções de realidade disseminadas nos contextos de difusão midiática, seja em por meio do viés formal ou informal. Os grupos dominantes apreendem as reais necessidades de revelar experiências cotidianas e rotineiras de grupos socializados que empenham-se na tarefa de entender os sentidos de seu ofício ou na adaptação do uso de alguma material importante para execução de um determinado trabalho. Esse fato, torna-se relevante na propagação informacional que a revista *Globo Rural*, por exemplo, pode demonstrar ao intitular e diagramas as edições em análise dessa tese. Portanto, podemos observar que a ACD na tentativa de compreender os ritmos que conduzem as relações de dominação do discurso dos diversos grupos apresenta-se como aporte teórico essencial nessa revisão da literatura.

Nesse cenário a mídia atua em um papel importante como elo de vinculação das informações transmutadas para o texto e a imagem. Ademais, a mídia participa ativamente em vigília constante dos espaços de produção comunicativa, permitindo assim desvelar os

anseios de um público em específico. Com isso, o ritual de adequação linguística, a interposição das imagens e o tipo de texto são artifícios construídos pelas empresas de mídia e comunicação, na medida em que desvelam os valores ideológicos dos diversos grupos em suas práxis sociais e discursivas.

Para preencher a lacuna dos anseios do público de leitores, os meios de comunicação desenvolveram ferramentas de interação que agregam diferentes tipos de vinculação da informação. Thompson (2008) assinala três tipos de interação:

- (1) **interação face a face** – no qual os atores estão incluídos em um contexto semelhante de troca de informações;
- (2) **interação mediada** – realizada por meio do uso de um recurso técnico, ou seja, uma carta ou conversa telefônica, por exemplo;
- (3) **interação quase-mediada** – estabelecidas pelos meios de comunicação de massa como jornais, revistas, rádio, televisão, internet, etc.

Essa caracterização permite compreender que o objeto de análise em tese, a revista *Globo Rural* possibilita um fluxo de informações em sentido único (THOMPSON, 2008). Portanto, o leitor representa-se como impossibilidade de recriar um diálogo coerente e imediato acerca da informação que está sendo desenvolvida nos itens da edição.

Todavia, o discurso midiático perpetuado pelos meios de comunicação de massa, como sabemos produz mecanismos de manipulação em sentidos indiretos para uma determinada situação social e política. Van Dijk (2008) pontua que o poder é exercido pelas instituições sociais ou grupos, em outras palavras, o discurso abarcado por esse domínio está representado pelos grupos de maior exercício social em relação aos grupos menores. Essa atividade dar-se por meio da manipulação desses grupos menores que são efetivados pelo sentidos expressos no interior do texto ou discurso.

3 MATERIAIS E MÉTODO



O Lavrador de Café - Cândido Portinari (1939)

*“E embora escondam tudo
E me queiram cego e mudo
Não hei de morrer sem saber
Qual é a cor da liberdade”*

Jorge de Sena

Este trabalho almejou diagnosticar e discutir por meio do aspecto conteudístico o tratamento apresentado para as temáticas da Etnobotânica, Horticultura e Agroecologia na mídia impressa de circulação de massa, e para tanto escolheu como objeto de análise a revista *Globo Rural*.

A abordagem do estudo é de natureza qualitativa e quantitativa, no qual o pesquisador busca interpretar os dados visuais e discursivos materializados nas edições da revista *Globo Rural* por meio da análise de conteúdo proposto por Bardin (2011). O corpus de estudo está fomentado por um estudo longitudinal das edições dos anos de 1985 à 2014.

Segundo Bardin (2011) a análise de conteúdo consiste em um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. Como efeito de implementação desse estudo apresentamos o esquema proposto para aplicação e coleta dos dados:

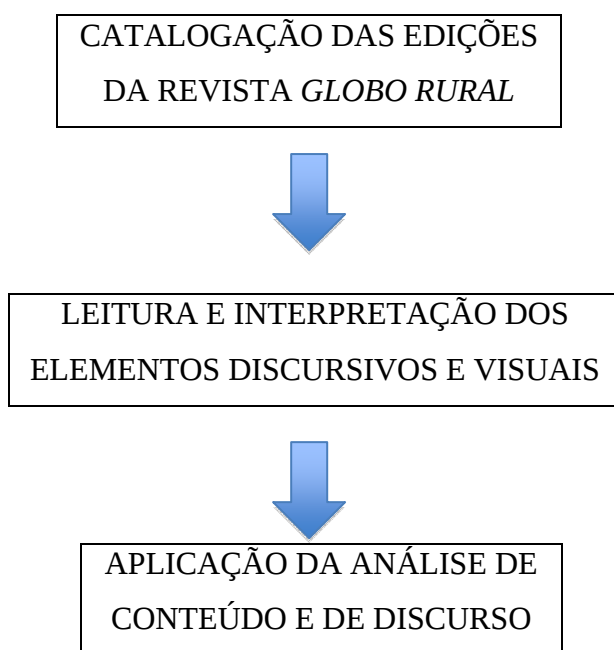


Figura 03 – Esquema da metodologia

A abordagem qualitativa apresentará dados textuais e visuais interpretados a partir de uma visão discursiva e crítica alinhada ao pensamento contemporâneo para poder se compreender que nível de influência os leitores da revista *Globo Rural* recebem desse ícones selecionados para suas atividades de práticas agrícolas.

A abordagem quantitativa revelará os índices do processo de desenvolvimento midiático da revista *Globo Rural* por meio dos eventos temporais que serão revelados na análise longitudinal das edições catalogadas.

3.1 Análise de Conteúdo: Princípios Metodológicos

Nesta seção discutiremos o construto teórico e metodológico oriundo das referências literárias do instrumental investigativo apresentado, inicialmente pela autora, Laurence Bardin. Esse escopo científico materializa os anseios pós-modernos representados pela crescente difusão de instrumentais de pesquisa que abarcam as dimensões e matizes da abordagem qualitativa.

Sob o prisma do paradigma qualitativo de pesquisa, intencionamos investigar o impacto midiático corporificado pelo processo de construção ideológica interposto nas edições da revista *Globo Rural*. Com esse intuito, acreditamos que a técnica proposta por Bardin (2011), denominada de Análise de Conteúdo (doravante AC) poderá substantiar a relevância e validade científica por meio da discussão baseada no recorte do *corpus* sugerida para essa tese.

A manifestação das massas comunicativas disseminadas nos espaços de interesses públicos das editoras de revistas e jornais demonstram as dimensões discursivas dispostas nas opiniões, atitudes e estereótipos idealizados no espectro entre a mídia e o público em geral. Partindo dessa premissa, a proposta analítica de Bardin (2011), a AC empregada nesse estudo, pretende pelo viés da matiz qualitativa desvelar as pontas ideológicas possivelmente caracterizadas nas edições temáticas da revista *Globo Rural*.

Contudo, a técnica de AC é crescente no Brasil e apresenta-se como válida para o escopo investigativo da abordagem qualitativa. Para tanto, muitos autores comprovaram a validade científica desse instrumental, tanto no âmbito internacional (Clegg, Hardy, & Nord, 2001; Denzin & Lincoln, 2000) como no nacional (Godoi, Bandeira-de-Melo, & Silva, 2006; Mattos, 2001, 2006; Vergara, 2003).

Bardin (2009, p. 15) informa que o advento da AC renasceu nos Estados Unidos devido aos interesses analíticos de elementos comunicacionais, na medida em que concedeu moldes quantitativos e qualitativos aos estudos empíricos sustentados na utilização de técnicas genéricas de análise de conteúdo. Os esforços pós-modernos das

correntes epistemológicas da pesquisa concederam um retorno aos séculos anteriores, no qual a interpretação dos textos era abordada de diversas formas, essa fato ocorria na hermenêutica concebida como a arte de interpretar textos sagrados.

Nessa perspectiva histórica, consideramos ainda a influência das matizes científicas para o campo da epistemologia, no que diz respeito a crescente formatação da AC, ao passo que favorece diretamente as pesquisas nas áreas da psicologia, ciência política, educação, publicidade e sociologia. Desse modo, o foco da interpretação das mensagens dispostas nos textos remetem para a confiabilidade e inovação para os estudos no campo de estudos da agronomia.

A dimensão metodológica da técnica de AC ainda permite-nos refletir acerca dos entornos delineados dentro dos construtos paradigmáticos das abordagens quantitativas e qualitativas. A referência teórica adotada nesse estudo propõe conciliar essas duas abordagens distintas nas edições da revista *Globo Rural* e, por conseguinte, concedem o desvelar de ocorrências comuns e diferenças representados no conteúdo (paradigma quantitativo). Em outra matiz, centramos o olhar para os aspectos corporificados pelas mensagens fragmentadas nas ausências ou presenças de marcas típicas dos conteúdos analisados (paradigma qualitativo).

Essas combinações estatísticas e discursivas como postula Bardin (2011) representaram o instauração de três fenômenos inseridos no contexto da investigação e da prática da análise de conteúdo:

- i. O recuso do uso de programas de computadores;
- ii. O interesse aos estudos intrínsecos à comunicação visual;
- iii. A inviabilidade de precisão dos trabalhos linguísticos.

Considerando esses aspectos, a AC multiplica as possibilidades de aplicação metodológica na transposição dos recursos tecnológicos e delegam a responsabilidade para a construção de processos analíticos inovadores no âmbito da análise de comunicações, documentos, bancos de dados, dentre outros (BARDIN, 2009).

O movimento linear de reconstrução da AC é apresentada às diversas fontes epistemológicas como um método consistente, fluído e passível de adaptação à finalidades científicas definidas pelo anseio de interpretação do caráter fenomenológico atribuído para as mensagens de um texto ou conteúdo. Outras características ressaltam o rigor científico da AC para os estudos na grande área das ciências, que podem partir de dois polos – a rigorosidade e o imperativo de visualizar além das aparências. Na natureza metodológica, a

AC duas orientações complementares e confrontadoras – a verificação prudente ou a interpretação brilhante.

Bardin (2011), ainda apresenta-nos duas funções fundamentais da AC presentes na materialidade das mensagens que podem reconfiguradas nas figuras 4 e 5, a seguir:

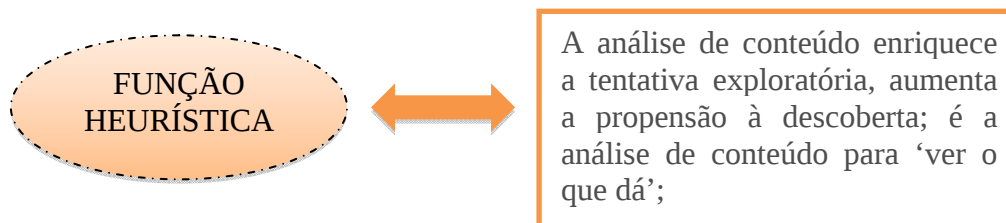


Figura 4 – Representação da Função Heurística (Adpatado de Bardin, 2011).

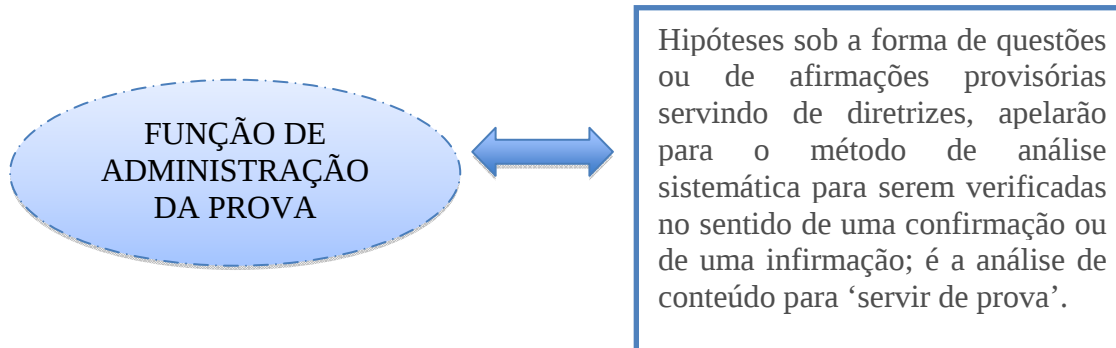


Figura 5 – Representação da Função de Administração da Prova (Adpatado de Bardin, 2011).

Em consideração às aplicações práticas essas duas funções compartilham de mesma distinção teórica e metodológica. A assertiva e as representações posteriormente reconstruídas podem ser complementadas na visão de Bardin (2011):

A análise de conteúdo (seria melhor falar de análises de conteúdo) é um método muito empírico, dependente do tipo de ‘fala’ a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe o pronto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes, dificilmente transponíveis. A

técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da decodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas. (BARDIN, 2011, p. 57)

Essa visão nos remete a compreensão de que a AC parte da construção de um conjunto de instrumentos de análise nas comunicações inseridas no teor dos textos. A característica marcante desse método é sua capacidade de adaptação em um amplo campo de aplicação das análises sistemáticas e dos objetivos representados nas mensagens. O aspecto quantitativo das mensagens permite a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens presentes nos conteúdos.

No viés analítico dos discursos difundidos na sociedade contemporânea, a AC, conforme Bardin (2011) envolve várias etapas no intuito de auferir significação ao *corpus*. As fases estão organizadas e representadas na figuras 6, 7 e 8:

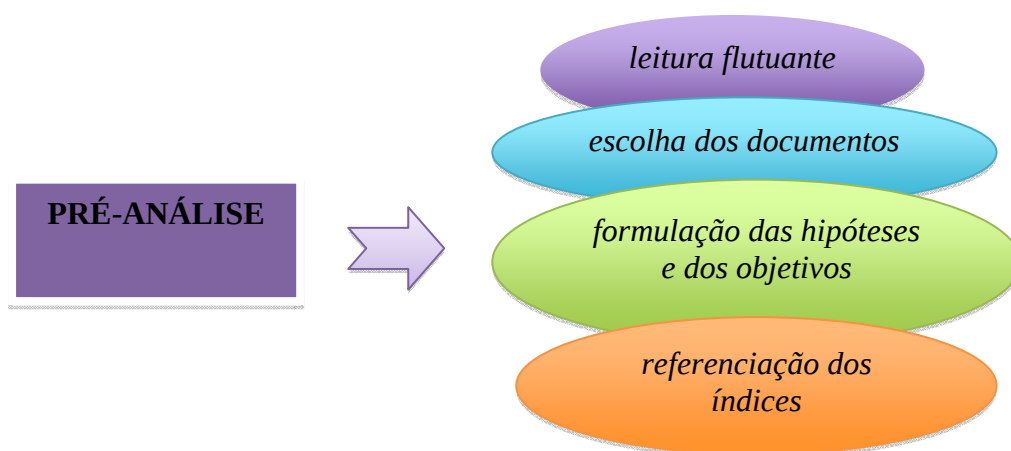


Figura 6 – Representação da fase I – Pré-análise (Adpatado de Bardin, 2011).

No primeiro momento da AC está representado a pré-análise, no qual o *corpus* é organizado com o intuito de torná-lo operacional, assim sistematizando as ideias iniciais. Os procedimentos inseridos nesse momento distinguem-se em: (a) leitura flutuante, consiste no contato inicial com o texto; (b) escolha dos documentos, que é a demarcação dos itens a serem analisados; (c) formulação das hipóteses e objetivos e por fim (d)

referenciação dos índices e elaboração de indicadores que envolve a determinação de indicadores por meio de recortes de textos nos documentos de análise (BARDIN, 2011).

O segundo momento configura-se como a exploração do material na análise do conteúdo corporificado nas mensagens. Com efeito, representamos na figura 7 esse processo:

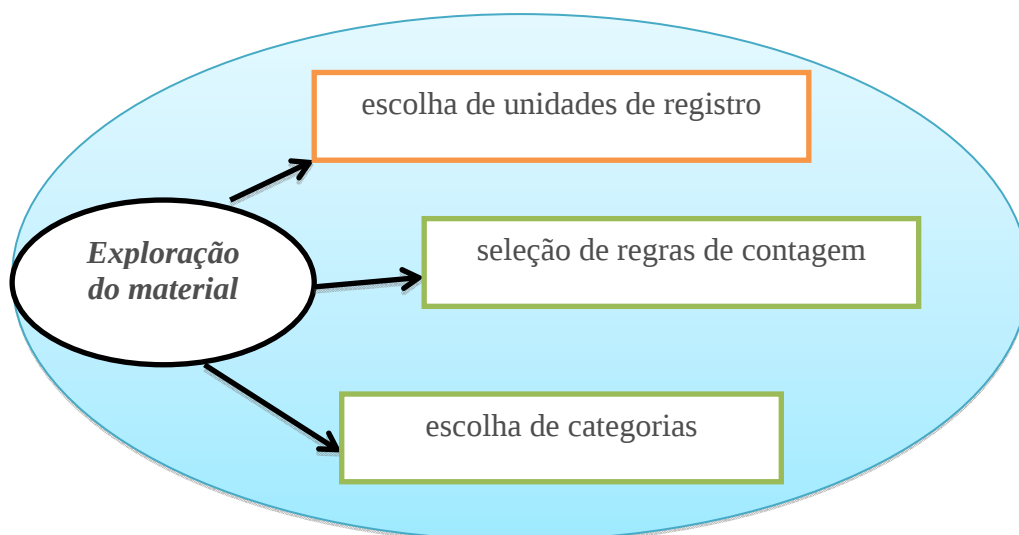


Figura 7 – Representação da fase II – Exploração do material (Adpatado Bardin, 2011).

Esta fase consiste na exploração do material definição das categorias (os recortes e sistemas de codificação), a identificação das unidades de registro (unidade de significação a codificar corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando à categorização e à contagem frequencial) e das unidades de contexto nos documentos (unidade de compreensão para codificar a unidade de registro que corresponde ao segmento da mensagem, a fim de compreender a significação exata da unidade de registro).

Esta fase pode ser interpretada como analítica relativo ao corpus coletado, ou seja qualquer tipo de texto, por sua vez submetido a um estudo aprofundado, sendo assim orientado pelas hipóteses e a bases teóricas (BARDIN, 2011). Todavia, podemos como os parâmetros desse momento as denominações seguintes:

- a) codificação
- b) classificação
- c) categorização

No terceiro momento, representamos na figura 8 o tratamento dos resultados. É importante atentar que buscamos orientação na aplicação teórica de Bardin (2011) para visualizar de maneira clara as etapas de construção da AC.

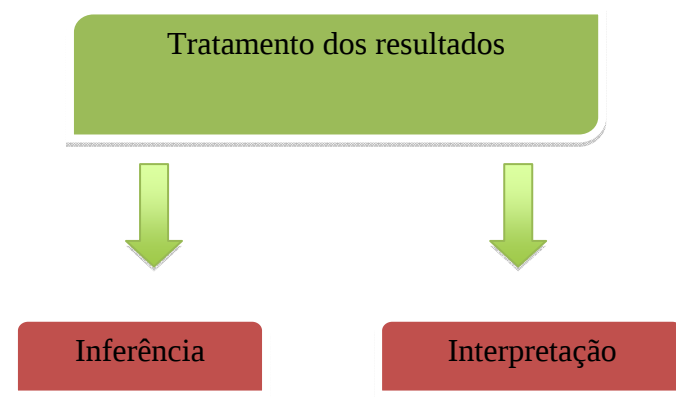


Figura 8 – Representação da fase III – Tratamento dos resultados (Adpatado de Bardin, 2011).

Nesta fase, a inferência é norteadada por diversos pólos de atração de comunicação que podem ser o emissor, o receptor, a mensagem e o suporte ou canal cuja a informação propaga-se no meio, dependendo dos anseios desse interlocutor. Após essa etapa, o analista centra-se no exercício de reflexão por meio do processo de reconstrução dos sentidos presentes nas mensagens. Dessa forma, as inferências são validadas pelas orientações obscuras ou claras da realidade tratada no conteúdo das mensagens, e, por conseguinte evidenciam as verdades dos discursos entrecruzados com a superficialidade contextual das mensagens.

A expressão do discurso está disseminada em diversos espaços da vida social. Nesse sentido, os recursos da mídia interpelam as vozes necessitadas da sociedade contemporânea por conceitos e ideologias que categorizam o conteúdo dos temas presentes nos entornos do mundo real. Sendo assim, consideramos importante a apropriação desse método para a interpretação da palavra nos discursos da revista *Globo Rural*, e que podem conduzir-nos a revelar os sentidos produzidos pelas mensagens figurativas. A confiabilidade desse estudo finda-se nos princípios teóricos da AC proposto por Bardin (2011).

3.2 Instrumentais de Geração do Corpus

Nessa subseção demonstraremos os instrumentos de geração dos dados que concedem suporte à abordagem de AC (BARDIN, 2011). As adaptações foram construídas a partir do desenvolvimento processual de pesquisa e análise conteudística de cada edição da revista *Globo Rural*. Para a visualização dos aspectos tipográficos, inicialmente utilizaremos uma ficha a fim de quantificar as especificidades de cada revista em relação aos temas que inspiram o desenvolvimento desse estudo. A seguir na tabela 1 podemos observar detalhadamente os itens para análise preliminar:

ASPECTOS TIPOLÓGICOS TEMÁTICAS GERAIS	Edições	Ano/Período /mês	Recursos Visuais	Nº de páginas da edição	Relações Temáticas	Preço divulgado na edição
1. Horticultura						
2. Produção Animal						
3. Grandes Culturas						

Tabela 1 – Instrumento de coleta de características quantitativas e Tipológicas nas Capas e edições da Revista *Globo Rural*

Na tabela 1 visualizamos o entrecruzamento de duas dimensões analíticas – (a) os aspectos tipológicos e (b) as temáticas gerais. Nos aspectos tipológicos serão analisados de maneira preliminar a quantidade de edições, o ano e respectivo período, os tipos de recursos visuais, bem como as relações temáticas que podem influenciar o público alvo da revista *Globo Rural*. No item seguinte, harmonizamos a dimensão das temáticas gerais que, por sua vez, norteiam o viés desse estudo. A opção de escolha das temáticas – horticultura, produção animal e grandes culturas deve-se ao fato de que as edições copiladas para o banco de dados desse estudo versam em torno dessas discussões, e portanto, abordam complexidades analíticas coerentes para fundamentar o implemento de investigação acerca da legitimidade discursiva vivenciada nas práticas sociais dos interessados nas áreas da Ciências Sociais e da Agronomia.

Na tabela 1 a análise está discriminada pela edição, o ano, os itens temáticos gerais, público alvo, os subtemas que podem sugerir uma análise detalhada e específica do

conteúdo das mensagens nas capas das revistas, e, os aspectos visuais frequentes e que produzem uma ligação com os temas abordados para essa tese.

O instrumental seguinte demonstra a quantificação de palavras significativas inseridas em cada grande temática materializada nas capas da revista *Globo Rural*. Essa análise auxiliará na interpretação do conteúdo representado pelas mensagens materializados nas edições da revista. Com efeito, apresentamos a seguir a tabela 2 de análise e quantificação das palavras:

TEMÁTICAS GERAIS	OCORRÊNCIA DE PALAVRAS		
	Semelhantes	Diferentes	Contextuais
1. Horticultura			
2. Produção Animal			
3. Grandes Culturas			

Tabela 2 – Instrumento de coleta de frequência de palavras por relação temática nas Capas da Revista Globo Rural

Na tabela 2, a ocorrência de palavras será analisada a partir de três parâmetros fundamentais – os itens de classificação temática geral, como já informado na tabela 1, e ainda de que maneira esses itens relacionam-se em palavras semelhantes, diferentes e contextuais.

As palavras semelhantes versam da ocorrência longitudinal a partir da análise das edições da revista *Globo Rural*, que, por conseguinte permitirão visualizar de forma clara os itens característicos de acordo com o ano no qual a temática foi abordada. E, portanto, permite desvelar as transformações da revista, além do tipo de interesse daquele momento histórico e anual em discussão na mídia.

As palavras diferentes apresentam relevância enquanto itens que diversificam a opção da temática discutida pela revista *Globo Rural*, como também determinam as mudanças temporais condicionadas pelas edições e exigências da influência discursiva nas práticas leitoras do público desse tipo de mídia. E, por fim, as palavras contextuais que possibilitam uma visão das concepções recriadas pela revista em torno do tipo de discurso atribuído ao público-leitor em específico. Desse modo, podemos observar também as condições de prática discursiva oriunda da oralidade exercida nos eventos de comunicação promovidos pela mídia.

Outros instrumentos de coleta de dados produzidos para o implemento dessa tese são as tabelas apresentadas logo mais em uma versão reduzida e adaptada, entretanto, foi aplicada em cada uma das edições e conteúdos previamente selecionados e que detalha cada elemento proposto para análise preliminar (Tabelas 3,4,5 e 6)

TEMAS	Frequencia	
	Manchete Principal	Manchete Secundária
Agroecologia		
Horticultura		
Etnoconhecimentos		
Plantas Medicinais		
Agricultura de Base Ecológica		
Agricultura Convencional		
Produção Animal		
Culturas de Lavoura		
Tecnologias		
Economia		

Tabela 3 – Instrumento de coleta de frequência das temáticas nas manchetes das edições de revista

A tabela 3 demonstra os principais temas encontrados em manchetes e conteúdos dentro da revista. Para cada temática se faz a identificação do conteúdo e a marcação da frequência, além disso, para cada manchete e conteúdo, seja de cunho publicitário ou jornalístico, é realizado anotações e enquadramentos referentes a análise de discurso que será posteriormente analisada. Na tabela 4, foram identificadas e quantificadas as espécies apresentadas nas edições da revista, com estas informações pode-se analisar o uso da biodiversidade, a pressão do mercado e a influencia no conteúdo nos leitores da revista.

Espécies da Horticultura	Frequencia	
	Manchete Principal	Manchete Secundária

Tabela 4 – Instrumento de coleta de frequência de espécies apresentadas nas manchetes e edições da revista Globo Rural

Ainda se tratando de análises e quantificações, escolhemos também enquadrar analisar as relações que se estabelecem entre as temáticas principais em primeiro momento as temáticas independentes de serem ou não de conteúdo hortícola, e posteriormente as relações com subtemas da horticultura especificamente (Tabelas 5 e 6).

Objeto de Comparação	Frequência		Tipo de relação												
	M. Principal	M. Secundária	Agroecologia	Etnoconhecimentos	Plantas Medicinais	Agriculturas de base ecológicas	Agricultura convencional	Inovação tecnológica	Viés Regionalista	Atividades não agrícolas	Distanciamento homem e natureza	Proximidade Homem e natureza	Relação Econômica	Agricultura Familiar	Políticas Públicas
Horticultura															
Produção Animal															
Culturas de Lavoura															
Tecnologias															
Economia															
Seres Humanos															
Meio Ambiente															
Observações sobre o conteúdo:															

Tabela 5 – Instrumento de coleta de dados e relações sobre principais temáticas da revista

Objeto de Comparação	Frequência		Tipo de relação																
			Agroecologia	Agriculturas de Base Ecológica	Convencional com práticas ecológicas	Convencional sem práticas ecológicas	Relação com Agricultura Familiar	Relação com agricultura em larga escala	Relação de importância econômica	Relação com a pluriatividade	Relação com a Multifuncionalidade	Relação com a Biodiversidade	Relação com a sustentabilidade	Simbologias	Etnoconhecimentos	Relação econômica	Relação de Gênero	Viés Regionalista	Políticas públicas
Fruticultura																			
Floricultura																			
Olericultura																			
Plantas medicinais																			

Tabela 6 – Instrumento de coleta de dados de subtemas da horticultura

Após categorização e tabulação das frequências, os dados foram trabalhados em software estatístico para confecção de gráficos. As anotações e observações, trechos de destaque, imagens relacionadas, e principais manchetes foram recortados, scaneados e/ou digitalizados para compor material de análise e demonstração no corpo da tese.

Para análise e discussão separamos em temáticas pertinentes e aglutinadas para melhor compreensão e apresentação dos resultados, conforme vistos a seguir.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES



A Colheita do Cacau – Cândido Portinari (1954)

*“Se temos de esperar,
que seja para colher a semente boa
que lançamos hoje no solo da vida.
Se for para semear,
então que seja para produzir
milhões de sorrisos,
de solidariedade e amizade.”*

Cora Coralina

Segundo o Instituto Verificador de Comunicação e a Associação Nacional de Editores de Revista a Revista *Globo Rural* é confeccionada em um padrão de 114 páginas, medindo cada uma 26,5 cm por 20,0 cm, resultando em 530,0 cm². A partir de 1985, a Editora Rio Gráfica passou a publicar a *Globo Rural*, revista até hoje importante por reunir informações relevantes para o meio rural. A partir de 1990 a Editora Globo é quem publicou e publica atualmente as edições da revista que em seus primeiros 17 anos de existência, ganhou 16 prêmios jornalísticos. A periodicidade da publicação é mensal com uma tiragem média de 76.789 exemplares (IVC, 2015).

Como apresentado anteriormente, a classificação e categorização dos temas apresentados nesta análise estão condicionadas a fase de pré-análise e triagem feita nas edições estudadas. A critério de consulta em anexo (ANEXO A) se encontram a tabulação dos anos de publicação e suas referências de edição.

4.1 A Horticultura como manchete

Segundo Filgueira (2008) o tipo de produção intensiva de plantas praticado no *hortus medieval* - local murado e próximo à residência foi denominado horticultura. Incluindo assim tanto a produção de plantas utilizadas na alimentação Humana, como aquelas empregadas com finalidades estéticas, para aprimoramento do sabor dos alimentos ou para fins medicinais.

Na figura 09 este conceito aparece de forma clara na capa de uma matéria que se propõe à apresentar técnicas básicas e relativamente simples de implantação e manejo de hortas em espaços próximos ao chamado ao local de moradia. A ideia de horticultura atrelada aos espaços de convívio familiar, de contemplação e descanso da casa como os jardins domésticos e quintais reflete é refletida em boa parte do discurso da revista *globo rural*, principalmente quando se trata de assuntos da olericultura e das plantas medicinais. Obviamente, existem produtos específicos que são tratados de maneira mais abrangentes e com focos específicos de produção e economia, como é o caso de algumas fruteiras a exemplo da laranja.

Os quintais agroflorestais, também chamado de horto caseiro ou pomar caseiro, consiste na associação de espécies florestais, agrícolas, medicinais, ornamentais e animais, ao redor da residência, com o objetivo de fornecer várias formas de bens e serviços. Esses

quintais, são muito comuns nas pequenas propriedades rurais da Amazônia e as frutíferas apresentam papel fundamental na sua composição, destacando-se como um dos principais componentes. Estas frutíferas constituem-se em uma opção econômica viável para as condições da Região Amazônica e têm se tornado um componente, cada dia mais comum, dos sistemas de produção dos pequenos agricultores.

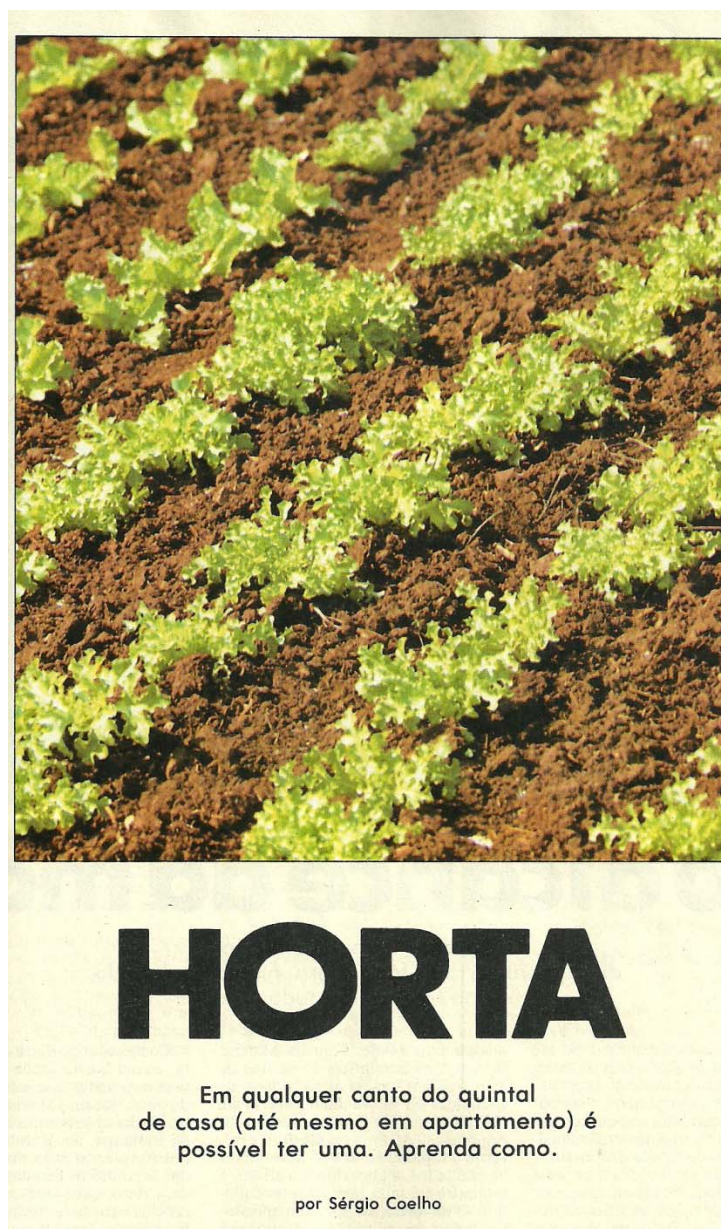


Figura 09 – Edição nº48 de outubro de 1989 com manual de práticas em horticultura.

É importante ressaltar que os termos técnicos olericultura e horticultura não são sinônimos, tendo o segundo um significado muito mais abrangente, não devendo substituir o primeiro, como ocorre na fala popular. O termo horticultura engloba a produção de plantas muito diversificadas, subdividindo em diversos ramos dentro da horticultura, tais como: olericultura (hortaliças), fruticultura (fruteiras), floricultura, jardinocultura (plantas ornamentais), vivericultura (mudas em geral) e cultura de plantas condimentares, medicinais e cogumelos comestíveis (FILGUEIRA,2008).

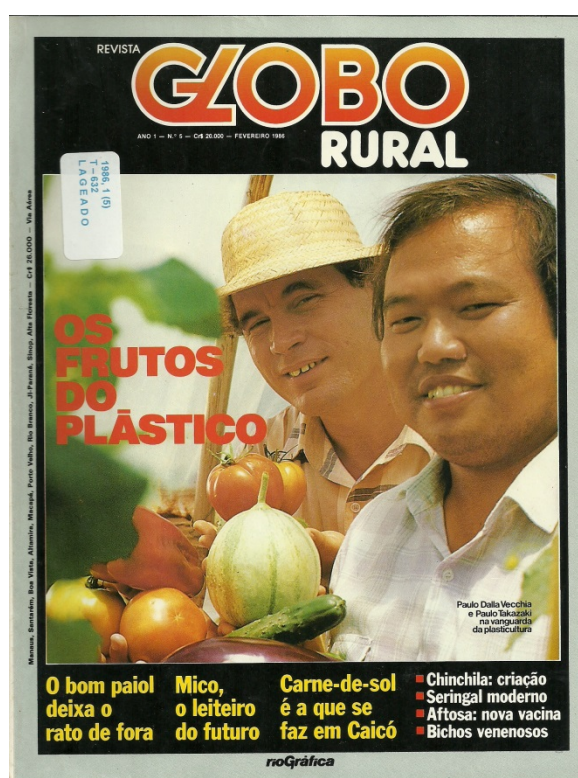


Figura 10 – Primeira capa da Revista Globo Rural com temática da Horticultura como manchete principal na edição nº 05

Na primeira edição publicada com a manchete principal voltada para a Horticultura (Figura 10), observa-se que o apelo relaciona-se com o emprego de uma nova tecnologia de beneficiamento e agregação de valor aos produtos hortícolas.

Cabe lembrar que neste período o Brasil no governo Sarney, a economia brasileira atravessou uma grave crise sem precedentes na história republicana onde foram lançados diversos planos de estabilização inflacionária. Porém, nenhum deles obteve êxito. Até que em 28 de fevereiro de 1986 (mês da publicação da edição nº5), o lançamento do Plano

Cruzado resultou no congelamento dos preços e também dos salários, por um período de um ano. O plano teve um efeito imediato no que se refere ao controle da inflação e aumento do poder aquisitivo da população, mas depois de muita euforia (pois a população de modo geral começou a vigiar os preços e denunciar remarcações), a inflação voltou a crescer.

Esta relação toma destaque uma vez que agregar valor é interessante ao produtor, além dos aspectos relacionados à melhoria do armazenamento e tempo de vida do produto, porém encarece o produto ao consumidores, e estes, pelo menos aos da classe mais baixa que naquela época se preocupavam com a inflação e controle de gastos. Obviamente, uma parcela da população mais favorecida com aquele momento econômico também passava por uma mudança de hábitos e exigências de consumo.

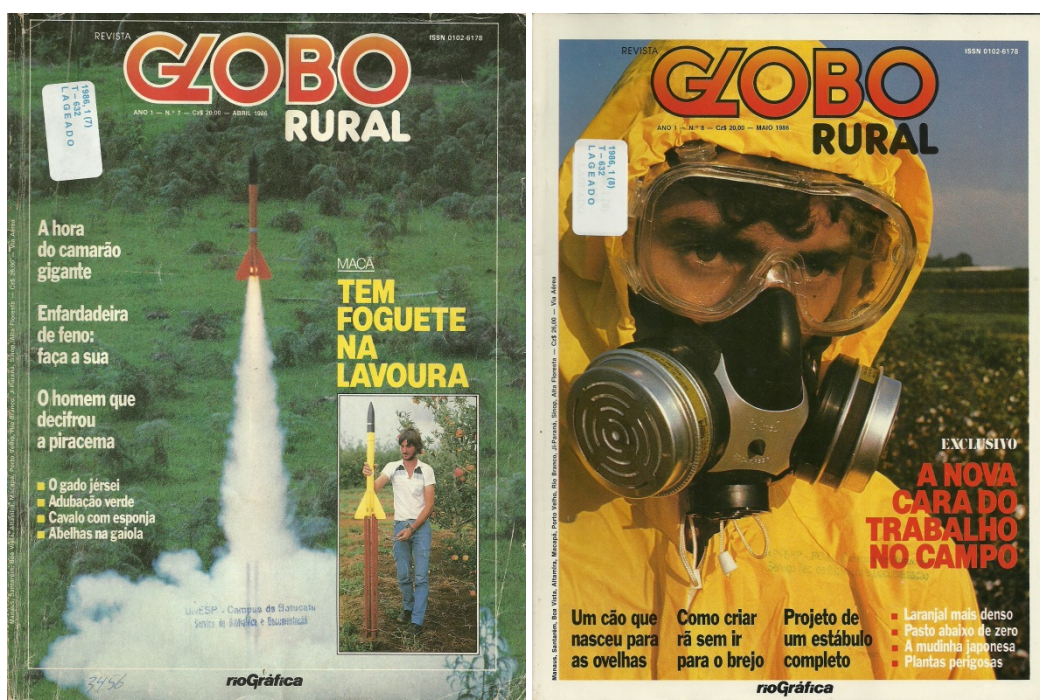


Figura 11 – Capas da Revista Globo Rural com relações de emprego de tecnologia e modelo de agricultura convencional em manchetes principais, edições 07 e 08 respectivamente.

Quando analisamos os fatos relevantes da história do século XX, é possível assinalar uma mudança, sobretudo na percepção dos seres humanos sobre a natureza e os problemas ambientais. Rapidamente, vale destacar as discussões sobre os modelos de desenvolvimento e crescimento econômico nas décadas que se seguiram a Segunda Guerra

Mundial, que podem ser definidos como produtivistas. Em meados de 1980, a difusão da noção de desenvolvimento sustentável possui, com efeito, uma dimensão crítica contra os padrões modernos de consumo e produção. Este não foi exatamente o que ocorria no Brasil, pelo menos na agricultura estampada nas capas da revista em suas edições de 1986 (Figura 11). A ideia de uma coexistência dos seres humanos entre si e com as demais formas de vida do planeta, assegurando a evolução biológica destas últimas e evitando extinção provocada pelas atividades do homem, traz consigo aspirações coletivas de paz, liberdade, melhores condições de vida e de um meio ambiente saudável (CAMARGO, 2008). Em outras palavras, o modelo de desenvolvimento rural não estava direcionado para o efeito sustentável de exploração dos recursos naturais.

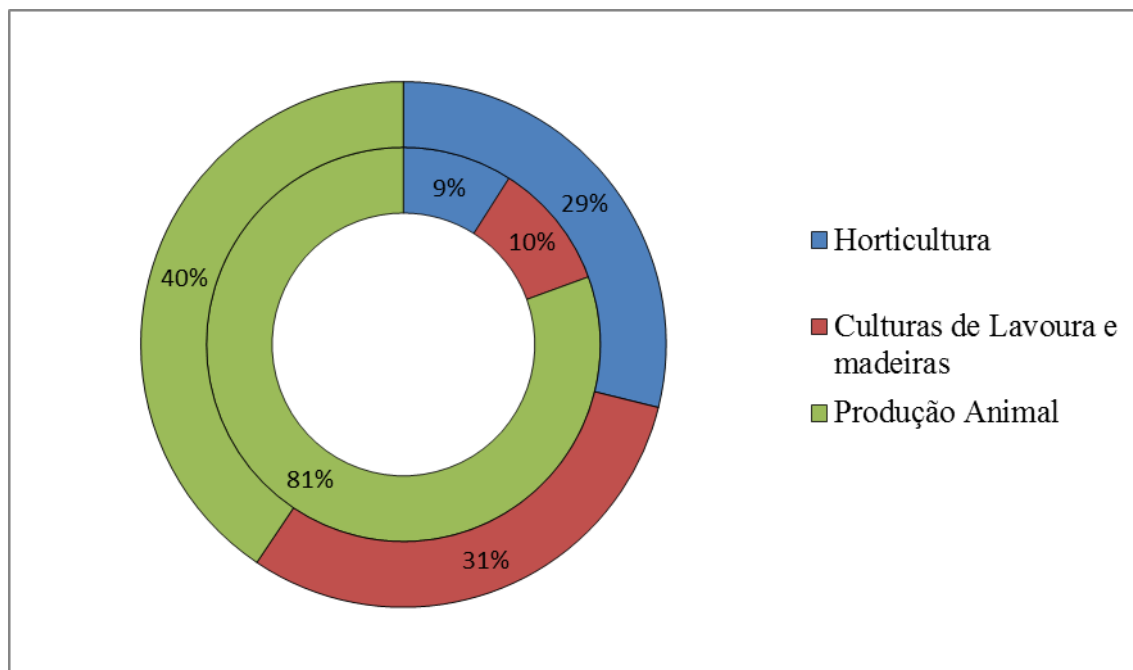


Figura 12- Distribuição dos elementos de destaque com base nas temáticas da revista durante os 30 anos de publicação.

(Círculo interno representa conteúdo principal e círculo externo conteúdo secundário)

Não é de se estranhar que 81% das edições da revista globo rural traziam como matérias principais de capa a exploração da agropecuária. Nos conteúdos secundários a produção animal também se apresenta como destaque entre os conteúdos jornalísticos (Figura 12). Ora, a exploração animal e a exploração das chamadas culturas de lavouras atendem à grupos bem específicos de agricultores, ou como alguns autores chamam de

“burguesia agrária” (ou também chamados de ruralistas, patronato rural, agroindustriais, empresários rurais, produtor rural, latifundiários, elite agrária, proprietários de terras, usineiros, pecuaristas).

É de se supor que o público interessado e alvo da revista sempre foi bem definido. É o chamado Empresário agrícola, que trabalha com larga exploração e dentro de um modelo convencional. Não se trata de extremos, se trata de um conteúdo elaborado e que ocupa grande parte da publicação. Os espaços destinados para um modelo alternativo ou para o agricultor familiar, simples e até de baixa renda não é alcançado, seja pela falta de acesso à publicação ou por não se encontrar dentro das páginas da revista. Segundo Vilas Boas o jornalismo de revista “preenche os vazios informativos deixados pelas coberturas dos jornais, rádio e televisão. Além de visualmente mais sofisticada, outro fator, a diferença sobremaneira do jornal: o texto” (VILAS BOAS, 1996, p. 9). Ainda segundo o autor, a periodicidade é fator inegável quanto à estruturação do texto e, enquanto os veículos diários têm compromisso com a objetividade e velocidade do factual, as revistas usufruem mais tempo para a composição do conteúdo, ou seja, ela é mais assertiva para o seu público de interesse.

A preocupação avinda do modelo e padrão priorizados pela revista, sem observar suas especificidades, é que o padrão que a revista escolheu como prioridade se trata de um padrão descrito por Barros (2014) como um grupo formado e identificado como a classe dominante, aquela que possui os meios de produção, ou seja, a terra, os recursos naturais, o capital agrário, capital agroindustrial, capital agrocomercial, capital financeiro e se organiza através de grandes empresas capitalistas que administram direta e indiretamente a produção agrícola de monocultura e mantém um número considerável de trabalhadores assalariados, que sustentam o processo de acumulação e reprodução capitalista. Essa classe se opõe ao campesinato, seus movimentos sociais, suas lideranças e suas organizações, através dos mais diversos instrumentos ideológicos de coerção e violência.

Vale salientar que a burguesia agrária não se vincula apenas à produção agrícola direta, ela se pulveriza em todos os setores articulados à produção como a fabricação de insumos, a comercialização, fertilizantes e agrotóxicos, máquinas e ferragens agrícolas, em bancos, conglomerados de empresas, transnacionais, agroindústrias, grupos econômicos em plena conexão de diferentes capitais, em âmbito regional, nacional e internacional.

Este interesse nos padrões convencionais e no público da elite rural também é repassado aos conteúdos de horticultura, que são mais discutidos em assuntos secundários

(29%) e são apresentados em 4 grupos, a fruticultura, a olericultura, a floricultura e as plantas medicinais. Nesta abordagem é possível notar que a fruticultura recebe maior destaque, com 57,89 % dos conteúdos principais e 52,97 % dos conteúdos secundários (Figura 13). Estes dados podem ser explicados tendo em vista o interesse do agronegócio principalmente tendo o viés da exportação, incentivando o emprego de novas tecnologias (Figura 14)

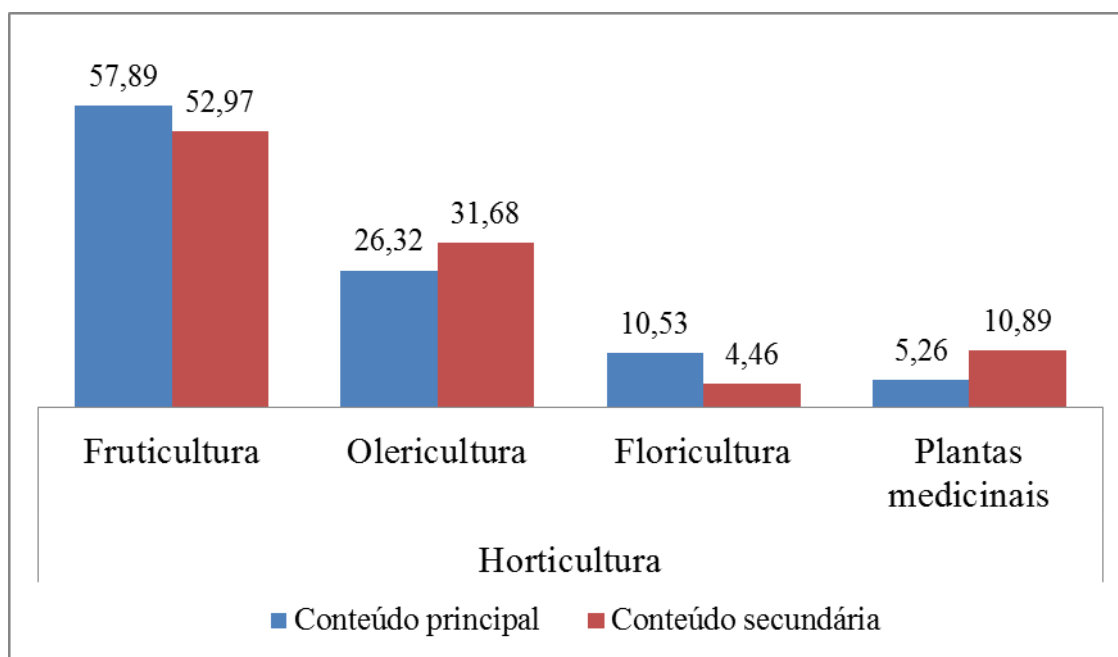


Figura 13- Distribuição em porcentagem dos elementos de destaque dentro da temática da horticultura nos 30 anos de publicação.

Observa-se também que existe uma distinção bem colocada na apresentações dos “produtos” da horticultura. Quando se trata de produtos ligados á agricultura familiar de pequena escala em relação aos produtos relacionados com a exportação e ao agronegócio existe um certo contraponto das personagens envolvidas como apresentado nas capas das edições 39 e 40 (Figura 14). A moça negra associada à produção de mandioca e o senhor branco de olhos claros apresentando a maçã paulistana aos sulinos.

Obviamente, esta percepção requer um maior entendimento de como as relações de dominação e imposição do mercado afetam a escolha dos produtos e seus representantes, todavia, em matéria televisiva recentemente transmitida em comemoração aos 35 anos da Revista Globo Rural não é estranho ouvir que a editora enxergava a publicação como “mandioca rural”, afirmação dita para descrever os primeiros anos de publicação da revista

antes de ser da editora Globo. Nesta fase, as edições, apesar de terem um apelo grande à produção animal e as grandes culturas de lavoura, representava em suas imagens e conteúdos jornalísticos uma ideia de agricultura mais “real”, os agricultores eram demonstrados com “mãos calejadas e não como “empresários rurais”.



Figura 14 – Capas de numero 39 e 40 da Revista Globo Rural dos meses de janeiro e fevereiro de 1989 respectivamente

Devido a essas maiores fontes simbólicas e discursivas das crenças dominantes, não é de se estranhar que a maior parte dos membros dos grupos dominantes (brancos) conheça pouco sobre as vidas diárias dos “Outros” (“descoberto o tesouro”), e o que eles sabem e acreditam tenda a ser estereotipado, negativo, quando não tendencioso. Essas crenças são a base de sua interação cotidiana com e sobre os “Outros”, o que transparece também em seus discursos, reproduzindo, assim, o sistema de dominação racista, regionalista, etnista que continuará até o momento em que os grupos minoritários sejam capazes de adquirir poder ideológico, social e político suficiente para desafiar essa dominação (DIJK, 2008).

Em outros momentos, nota-se uma tentativa de sedução subliminar com o intuito de estabelecer padrões de consumo, no caso da edição nº171 (Figura 15), existe uma personagem, dentro de padrões estéticos bem difundidos pela mídia, apresentando-se com microexpressões (IMELCO, 2015), como assim chamam os especialistas no estudo do

comportamento humano, que reproduzem no leitor certo estímulo, ou ainda, de acordo com o Dicionário Real da Academia Espanhola, “enganar com arte e manha...”, “...persuadir suavemente para o mal” (FERRÉS, 1998, p.66). O autor afirma que “qualquer elemento que desde o fascínio consegue seduzir, tem o caminho aberto para a penetração (...), para a influência” (1998:71).

É de se cogitar que boa parte dos consumidores/assinantes desse gênero de revista não precise deste estímulo para consumir a mesma, mas isso não os exclui de serem alvos das mensagens, e até mesmo de haver novos leitores interessados no conteúdo da mesma a partir de então ou então de comprar a fruta *in natura* para consumo, como no caso da edição.



Figura 15 – A sensualidade na capa da revista, edição nº171

No decorrer dos anos de publicação da revista a produção animal sempre foi o carro chefe dos conteúdos principais e de destaque da revista (Figura 16)

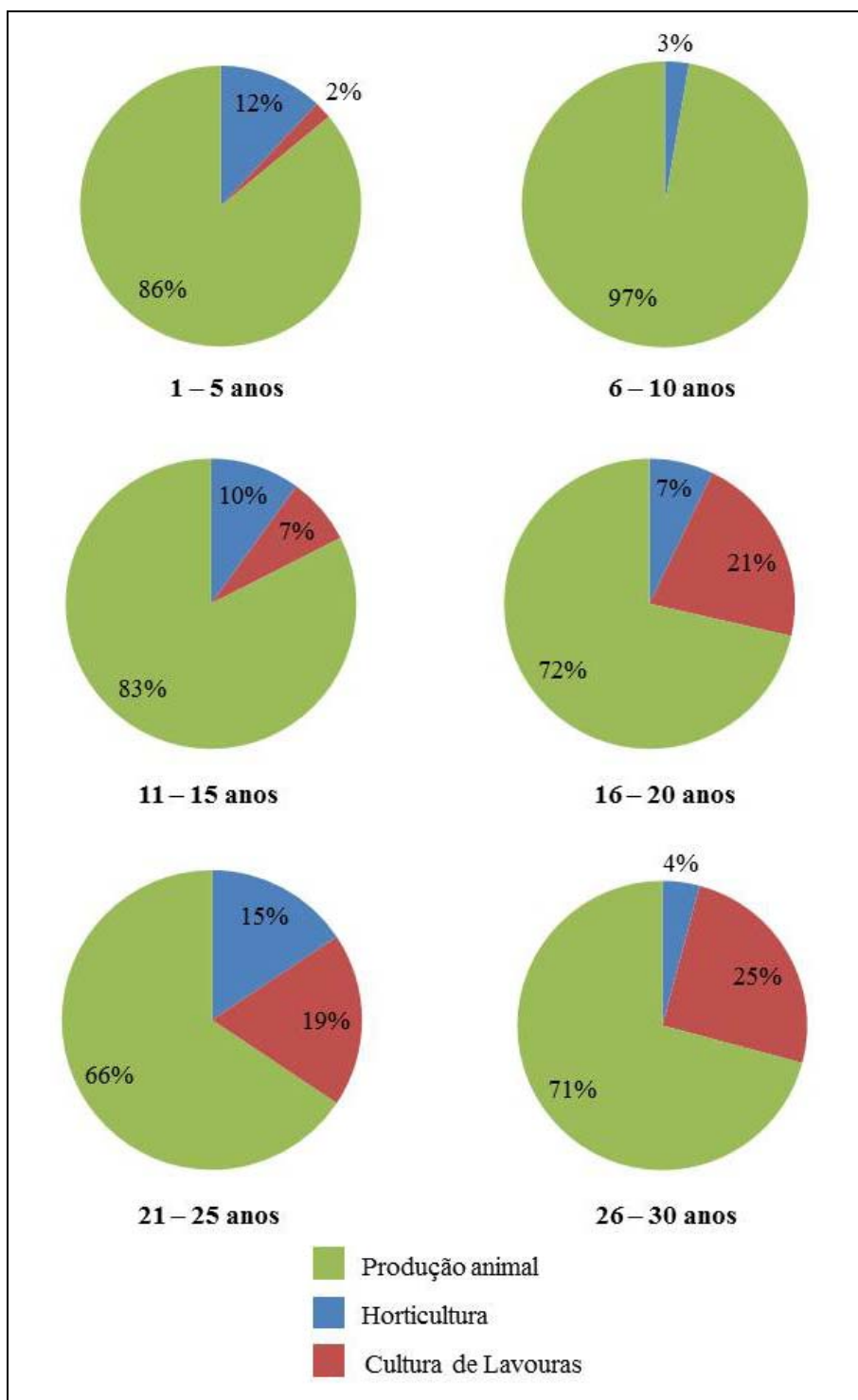


Figura 16 - Elementos de destaque do conteúdo principal conforme temática abordada nos 30 anos de publicação

Já para os conteúdos secundários (Figura 17), percebe-se que tanto as temáticas relacionadas às culturas de lavoura quanto às relacionadas à horticultura acabam ganhando mais espaço. As oscilações de maiores ou menores índices de publicações sobre os temas estão bem relacionadas com os interesses de mercado e também com as atividades políticas no Brasil e no mundo no decorrer dos anos.

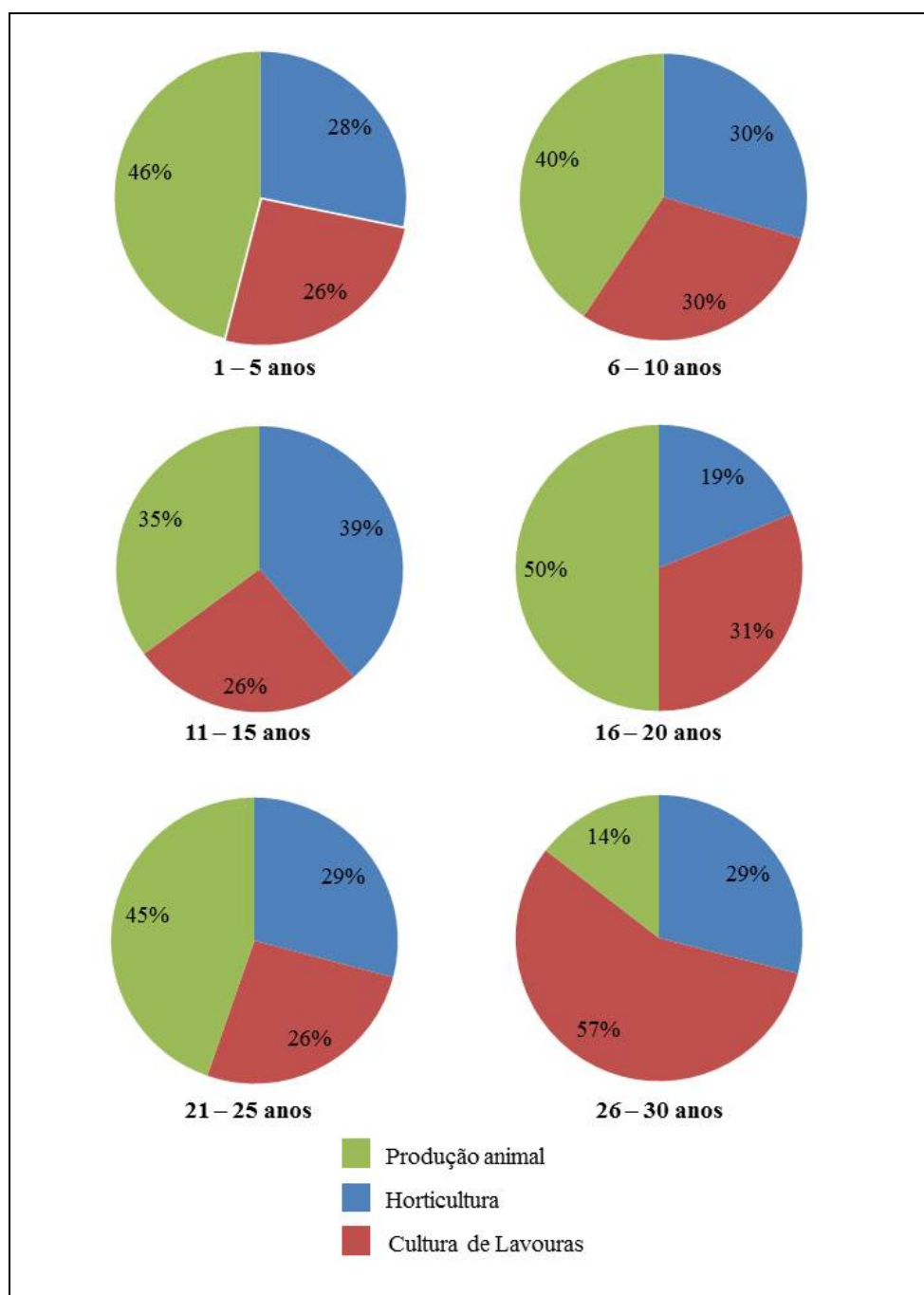


Figura 17 - elementos de destaque do conteúdo secundário conforme temática abordada nos 30 anos de publicação

Quando o assunto se trata de promoção dos altos lucros e interesses de mercado pe comum o emprego de termos como: “Ganho”, “exportar mais”, “empresa” “revolução”, “profissionais” (Figura 18). Fica claro que algumas atividades são públicos restritos. As relações de trabalho aparecem claramente em diversos momentos entre as reportagens de fruticultura e dos produtos de maior interesse no mercado.

É notável que o emprego das tecnologias para melhoria da produção ocasiona grandes transformações nas relações de trabalho e a dinâmica do processo produtivo, exigindo novas funções, trabalhadores especializados e qualificados (engenheiros agrônomos, técnicos agrícolas, engenheiro ambiental, engenheiro químico, engenheiro de produção, administrador, etc), um novo perfil de fruticultores (inclusive os mais jovens e alfabetizados), nova forma de gerenciamento, novas técnicas de plantio, novas variedades de frutos; etc. é possível afirmar a partir disso que existe uma consequência desse processo que foi e é a extinção de postos de trabalho e muitos trabalhadores rurais demitidos e condicionados a outras atividades (BARROS, 2014).



Figura 18 – Capas das edições nº205, 209, 230 e 232 referentes á horticultura como manchete principal.

Notadamente, percebe-se que em alguns períodos a publicação de assuntos de horticultura apontam para únicas direções principalmente quando se trata de manchetes principais, como é o caso da floricultura no período de 6-10 anos da revista, da fruticultura

no período de 16 a 20 anos e da olericultura no período de 26 a 30 anos da revista (Figura 19).

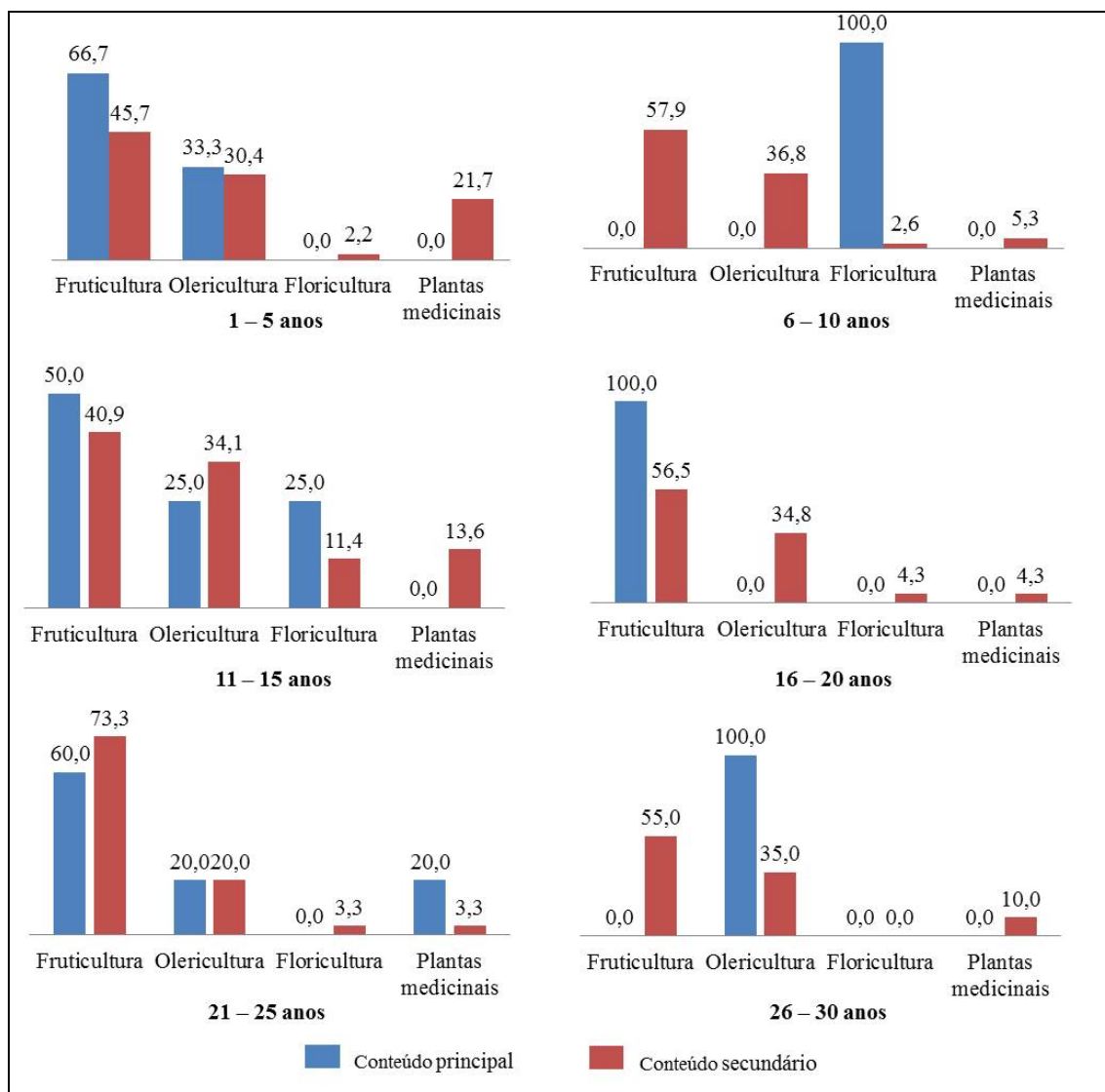


Figura 19 - Elementos de destaque em horticultura distribuídos nos 30 anos de publicação.

Notadamente, além de uma influência de mercado e de políticas públicas de exportação, créditos e seguros, existe também uma mudança nos padrões de consumo da sociedade que começa a olhar de forma diferente para o rural e para a qualidade de vida, principalmente para aspectos relacionados com a estética e saúde do corpo.

Estes padrões de consumo implica em um processo que produz interdependência, homogeneiza certos valores sociais e interfere no plano da cultura local, impondo às

nações em desenvolvimento o padrão de consumo dominante no âmbito dos países ricos. Simultaneamente gera a exclusão social de uma vasta camada da população, que, sem poder aquisitivo, mostra-se incapaz de fazer parte do exército dos consumidores (ETXEZARRETA, 1997).

As matérias jornalísticas se enquadram em alguns padrões de discurso (Figura 20). Entre eles podemos destacar assuntos de horticultura de Variedades e Curiosidades (25%) e da Agricultura de manejo convencional (20%). Estes padrões não se alteram consideravelmente no decorrer dos anos, percebe-se que a horticultura é apresentada com um discurso mais informativo, destacando aspectos mais de difusão de relatos de experiências, novidades tecnológicas e até de curiosidades.

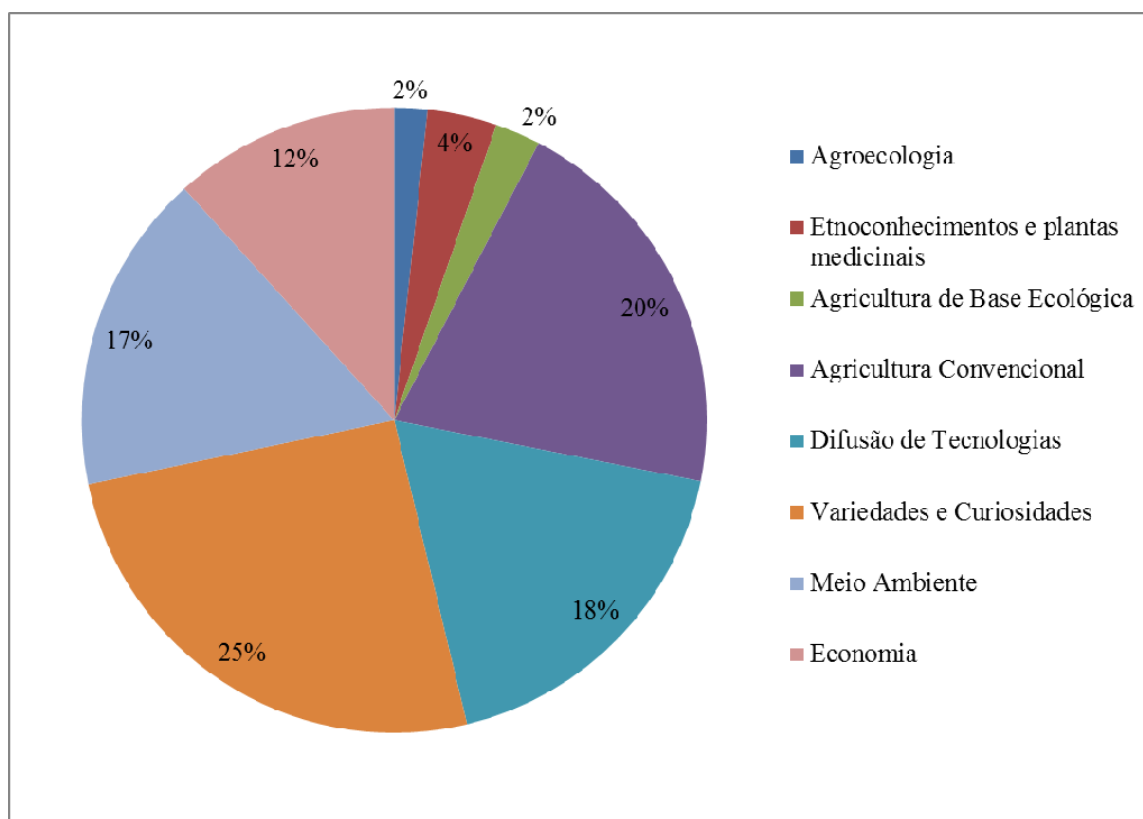


Figura 20 – Assuntos de Horticultura na publicação no decorrer de 30 anos.

Na figura 21, por exemplo, encontra-se uma manchete relacionada a aspectos classificados como de curiosidade. A mandioca “raiz forte”, é a espécie com maiores destaques nas edições quando se relaciona produto e agricultura familiar, não é por acaso que a mandioca também é personagem importante quando se trata de agricultura alternativa (Agroecologia e Agr. de Base ecológica), pois é a espécie que mais retrata o

manejo tido tradicional e mais adaptado á diversas regiões do país, principalmente por ser uma espécie de fácil condução.



Figura 21 – Edição de julho de 1993 com manchete sobre a mandioca

Nas publicações da revista existe uma certa ambiguidade quando se trata da mandioca, ora aparece como descoberta e tesouro, raiz forte e ora aparece relacionada, indiretamente como uma agricultura menos desenvolvida e importante. Esta percepção ocorre em momentos onde a mandioca é relacionada justamente com esse tipo de agricultura pouco tecnificada, mais rústica, mais tradicional, mais pobre de recursos e de mão de obra especializada. Em outras palavras em alguns momentos a mandioca aparece marginalizada, sem grande valor para o mercado.

Amorozzo (2014), chega a discutir em seus trabalhos, em especial o texto “Quem vai ficar pra cuidar da roça?”, suas preocupações em relação a todo esse conhecimento que existe nas roças mais simples e tradicionais. É bem sabido que estes conhecimentos tradicionais estão extremamente relacionados com a preservação e conservação genética e cultural de diversas populações indígenas e agrícolas tradicionais. A autora aponta sobre o

desinteresse dos indivíduos mais novos e da deficiência dos detentores do conhecimento de manejo em garantir e perpetuar seus conhecimentos. Ora, sabe-se que muitos são os fatores que podem contribuir para este processo de erosão cultural e genética. Em se tratando da erosão cultural, neste caso, os motivos se apresentam no fascínio que os grandes centros, as novas tecnologias e a qualidade de vida urbana oferecem.

A garantia de acesso aos serviços públicos, a melhoria da qualidade de vida das populações rurais e florestais deve ser pauta de políticas públicas compromissadas com a garantia de perpetuação e preservação destes conhecimentos, além claro, de compromissos com a diminuição de mazelas sociais como o êxodo rural, o crescimento desordenado dos grandes centros que recebem estas populações sem planejamento adequado, a diminuição da criminalidade, entre outros, e obviamente, o mercado consumidor e a mídia assumem papel importante na mudança de valores e na discussão destes assuntos pela sociedade.

Ainda retratando o gosto dos consumidores, com o discurso de mudança de olhares para a horticultura, é possível também observar que as edições da revista possuem um direcionamento para os não agricultores, ou os “agricultores de apartamento”, vários são as reportagens que ensinam os leitores menos experientes a cultivar sua própria horta (Figura 22). Em muitos casos as referências de manejo estão relacionadas com o baixo custo e desta forma todo o manejo e as indicações são de fácil acesso com indicações de manejo orgânico como uso de material alternativo para fornecimento de nutrientes, reaproveitamento e melhor uso de água etc.



Figura 22 – Reportagem da edição nº170 de dezembro de 1999 sobre Hortaliças

Quando se trata de agradar o gosto dos consumidores, a floricultura também ganha espaço, uma vez que atende a uma demanda dos novos e luxuosos empreendimentos mobiliários e seus projetos paisagísticos mais também a novas modalidades de usos como, por exemplo, na culinária (Figura 23).



Figura 23 – Matéria de floricultura na edição de nº289 de novembro de 2009

linguagem acessível ao leitor comum. Em outros momentos, principalmente em edições dos 10 primeiros anos de revista, um caderno em especial chamado de “Faça você mesmo” e “Benfeitorias” apresentava com frequência informações e orientações de construção de equipamentos e outros com materiais alternativos, e sempre com a ideia de melhorar o uso de recursos naturais evitando desperdício financeiro e ambiental, posteriormente, estes cadernos foram substituídos por outros e aparecem esporadicamente nas edições.

4.2 Modelos Alternativos em Horticultura

Na agricultura, a revolução industrial e a expansão do capitalismo no campo levaram a uma transformação profunda das concepções em torno das atividades agrícolas. Predominou a ideia segundo a qual a agricultura deveria se submeter às lógicas industriais de produção, com grande negligência de todas as outras dimensões além produtivas. Hoje, porém, um novo processo de mudança de valores está ocorrendo. É identificado por alguns autores como um processo de “revitalização” ou “revalorização” do rural (SCHENEIDER, 1999).

Segundo alguns autores o recuo do padrão fordista de produção (e o “pós-produtivismo”) na agricultura revitaliza formas de produção e reprodução da força de trabalho no meio rural. Assim, o espaço rural, limitado no fordismo a funções produtivas agrícolas, ganha novas atribuições, conduzindo ao debate sobre a multifuncionalidade da agricultura. Portanto, essa “revalorização” caracteriza uma nova forma de ver o rural e a própria natureza. O rural de uma visão produtivista geralmente é entendido como uma fonte de exploração dos recursos com o objetivo de aumento da produtividade, sem considerar o uso adequado dos recursos naturais. Assim, estes recentes processos apontam para uma “diversificação das fontes de renda e a combinação de atividades agrícolas e não agrícolas” para elevar o poder aquisitivo das famílias agricultoras e também utilizar de forma sustentável os recursos do território (SCHENEIDER, 1999).

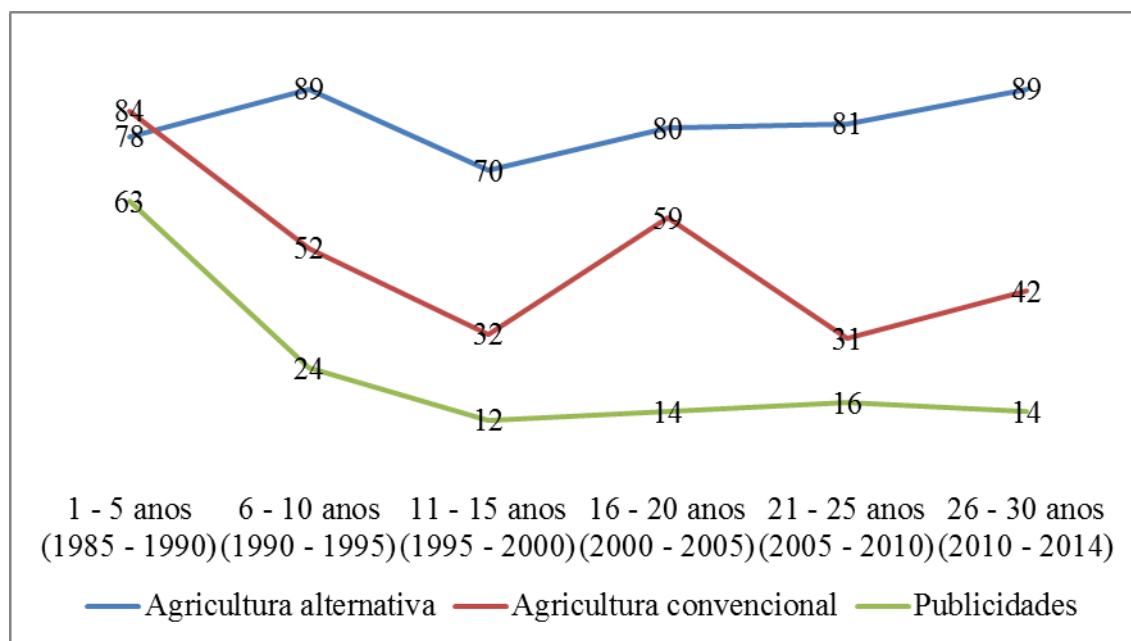


Figura 25 - Frequência dos assuntos em Horticultura conforme o tipo de manejo.

No detalhamento das frequências referentes ao discurso dos conteúdos nas edições ao longo do tempo (Figura 25), observa-se que entre os conteúdos e manchetes de horticultura, ocorrem com maior frequência conteúdos voltados para agricultura alternativa. Vale destacar que durante a triagem dos materiais todo conteúdo foi observado, dentre eles, as publicidades, as manchetes principais, secundárias, cadernos especiais como o “Globo Rural responde” (Figura 30), caderno onde especialistas de cada área responde perguntas dos leitores sobre diversos assuntos de manejo, e em muitos casos, as recomendações são baseadas em preceitos de baixo impacto ao ambiente. O fato de aparecerem com maior frequência não evidencia que o discurso principal da revista seja o de abordagem alternativa. Constatamos que o número de páginas na revista destinado a outras propostas de manejo é bem maior. Foi constatada uma média de 67 em 114 páginas por edição destinada a assuntos que envolvem publicidades e conteúdos de outra natureza, como da agricultura convencional e para os diversos ramos da agricultura.

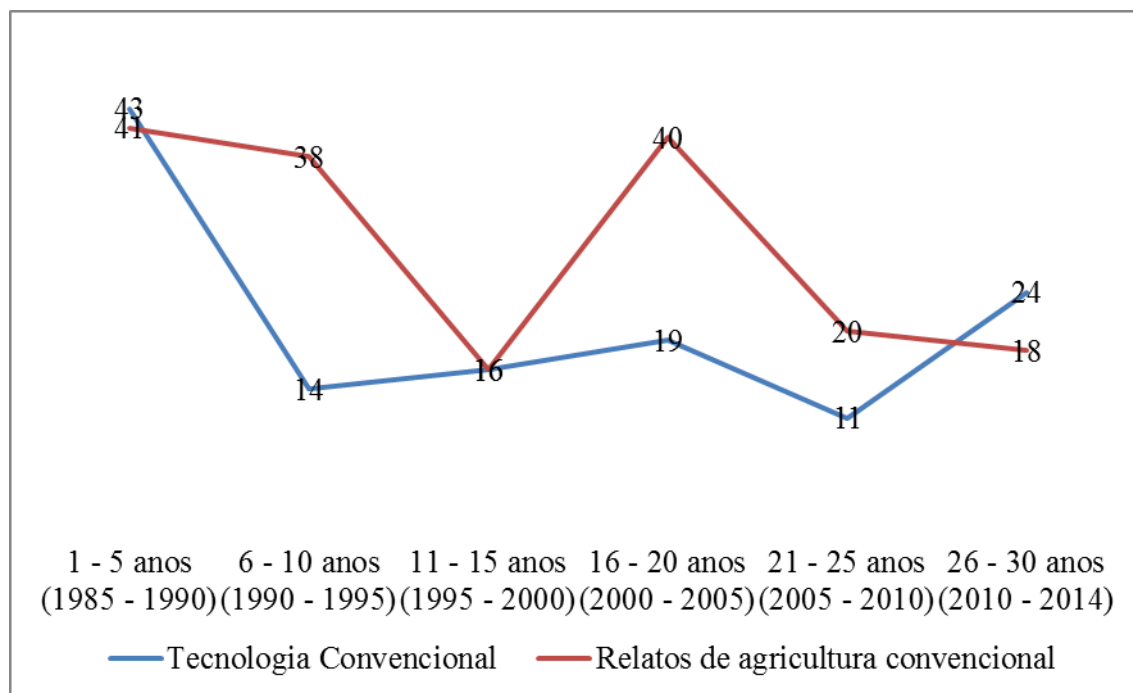


Figura 26 - Frequência dos assuntos de Horticultura dentro da Agricultura Convencional.

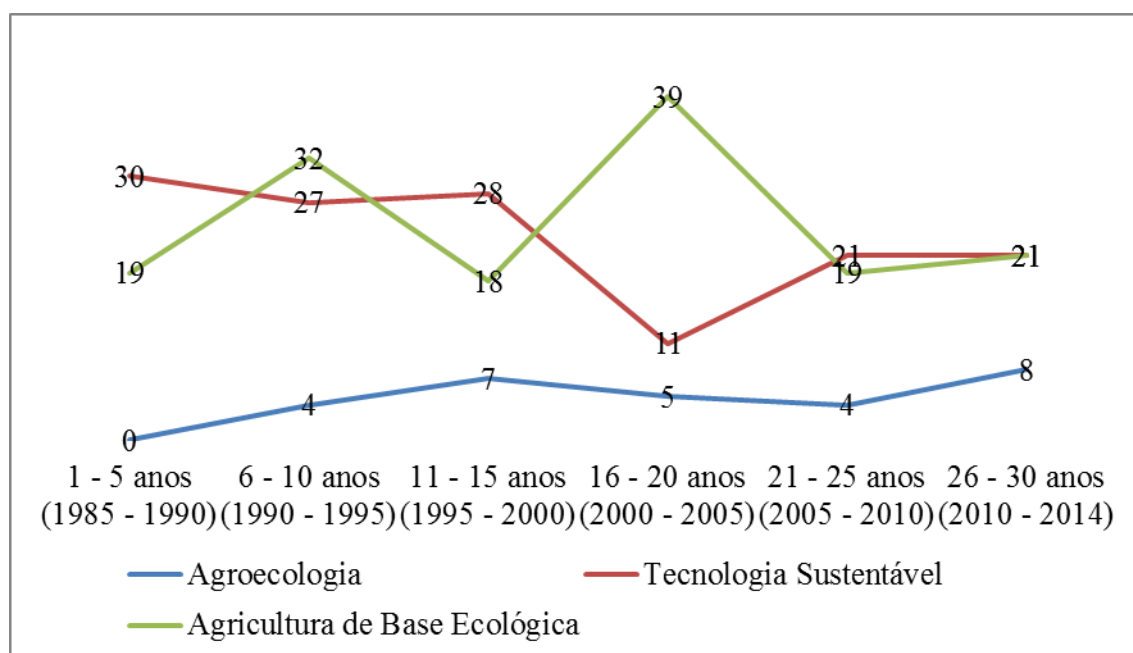


Figura 27 - Frequência dos assuntos de Horticultura dentro da Agricultura Alternativa.

A agricultura familiar aparece com destaque nas manchetes principais com exceção àquelas relacionadas às técnicas convencionais de manejo. Na sequência de figuras (26 e 27) à seguir é possível notar as diversas abordagens que permeiam as publicações de horticultura. Cabe destacar que nos primeiros anos 10 anos da revista o

número de publicidades e patrocinadores das páginas era muito baixo. Muitos dos patrocinadores chegaram na década de 90 e a partir daí observa-se uma mudança de discurso. Antes disso, o agricultor era retratado sem maquiagens, a agricultura representava de forma igualitária o grande e o pequeno, tanto que a primeira edição da revista é um senhor e um boi nelore, sendo o senhor desgastado pelo sol e sujo de terra. Atualmente, essa não é a aparência dos agricultores na revista.

Na figura 28 e 29, (e também demonstradas nas figuras anteriores) após intensas discussões decorridas da Rio 92, justamente sobre a sustentabilidade, observa-se uma maior discussão das temáticas que envolvem esta temática. Na edição de 1993, temos com exemplo, uma publicação retratando os perigos do uso dos agrotóxicos, na publicação temos destaque para os cuidados com a contaminação pelos aplicadores, mas também aponta os perigos de contaminação no ambiente.

É interessante notar que a linguagem é simples e de fácil compreensão. De acordo com Bordenave (1983, citado por GISELTA, 2013), a comunicação rural está deixando de ser vertical, da simples difusão evoluindo para um diálogo participativo e problematizador entre pessoas e instituições que fazem parte do setor rural. Sendo assim, as novas funções da comunicação neste contexto são facilitar o diagnóstico da realidade e apresentar a dramática de seus efeitos. O autor ainda salienta que é imprescindível promover a participação da comunidade na ação sobre seus problemas, facilitando o diálogo intra e intercomunitário. Estimular o cidadão urbano a estar informado sobre o setor rural, e ainda sugerir argumentos, capacitando a população rural no uso dos meios de comunicação modernos, para assim fortalecer o exercício da pressão reivindicatória.

idente da Aplavea para a área de tratores e máquinas agrícolas. Pêro Luiz Pastre. O problema é de conjuntura: o mercado comprador está retraído e as cabines encarecem de 15 a 20% o preço final da máquina. Para resolver o problema, Pastre sugere a criação de IPI e a redução do ICMS na compra de tratores com cabines. Pedro Robin, da Fundacentro, insiste que esse e outros equipamentos de conforto e segurança nos tratores devem ser obrigatórios por lei, e não apenas itens opcionais de livre escolha do comprador.

A intoxicação oculta

Estatísticas não mostram a realidade dos agrotóxicos

As intoxicações por agrotóxicos são os casos mais graves de danos à saúde provocados pelos modernos insetos agropecuários. Por isso os técnicos da Fundacentro defendem o máximo de rigor na legislação e fiscalização desses produtos.

Em todo o mundo, 3 milhões de pessoas são vítimas de intoxicação aguda todos os anos, enquanto 1 milhão registram intoxicação crônica e 40 mil acusam o surgimento de algum tipo de câncer, segundo estimativa da Organização Mundial de Saúde. O Brasil não fica atrás. Todos os anos ocorrem aqui de 150 mil a 200 mil casos de intoxicação aguda por agrotóxicos, informa o médi-

ERRADO: a pulverização e o preparo dos agrotóxicos não devem ser executados sem máscaras e roupas especiais. Muito menos por crianças

CERTO: depósito para lixo tóxico

Cuidado com os agrotóxicos

O que fazer

O manuseio e a aplicação de agrotóxicos só devem ser feitos por pessoas treinadas e capacitadas. Antes de começar o trabalho, releia as instruções do rótulo e da bula. Siga todas as recomendações técnicas. Use sempre os equipamentos de segurança recomendados: roupas próprias para o serviço (impermeáveis, de algodão ou de brim), botas, luvas, máscara e chapéu. Prepare a calda em locais abertos. Não deixe de usar máscara com

Além da vigilância e diagnóstico em campo de pessoas intoxicadas, como já se faz em algumas comunidades da região de Campinas, Trapé defende a necessidade de modificar o equipamento de proteção individual usado durante as aplicações: "Os que existem são de péssima qualidade e ninguém suporta usá-los". Ainda assim, segundo o médico, mesmo que o equipamento proteja o aplicador durante o serviço, ele não protege quem entra na roça depois, para fazer uma colheita, ou quem mora próximo da área tratada com o produto.

Com base nessa evidência, Eduardo Garcia, do setor de prevenção a acidentes com agrotóxicos da Fundacentro, sustenta que a maioria dos 35 milhões de pessoas que trabalham ou moram nas fazendas e em povoados rurais está potencialmente exposta. Além disso, como as tarefas na propriedade rural são diversificadas e sazonais, os trabalhadores geralmente participam de quase todas as atividades, até da aplicação de agrotóxicos.

O problema agrava-se, segundo Garcia, porque o produtor em geral combate um ataque de pragas na lavoura com a aplicação de agrotóxicos, embora isso não seja sempre necessário. Muitas vezes o agricultor procura o revendedor, discute o seu problema com ele e termina comprando um produto (sem a receita de um agrônomo, como manda a lei) de amplo espectro porque quer ver sua lavoura livre de pragas o mais rápido possível, diz Garcia. Assim, sem orientação correta de quando, como e onde usar o agrotóxico, o agricultor aplica o produto químico em quantidades inadequadas e sem calibrar o equipamento. O resultado é a intoxicação aguda, num primeiro momento, e depois a crônica.

co Angelo Zanaga Trapé, coordenador do Programa de Vigilância Epidemiológica das Populações Expostas a Agrotóxicos, desenvolvido pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Os dados coletados pelo Sistema Nacional Tóxico-Farmacológico do Ministério da Saúde, entretanto, só registram de 3 mil a 4 mil casos anuais de intoxicações agudas. Esses números correspondem apenas a 2% da realidade, pelas projeções da Organização Mundial de Saúde: a maioria dos acidentes não é comunicada e os casos de intoxicações subagudas e crônica não são diagnosticados.

Os hospitais só registram as intoxicações agudas graves porque as pessoas sentem-se mal e o efeito é imediato, explica o professor Flávio Zamboni, coordenador do Centro de Controle de Intoxicação da Unicamp. Os casos crônicos, que ocorrem lentamente, não aparecem. No caso de câncer de fígado, por exemplo, os médicos em geral não relacionam o problema com a exposição aos agrotóxicos, lembra Zamboni. Na realidade, essa relação existe, mas só aparece algum tempo depois.

Angelo Trapé alerta que agrotóxicos usados no campo podem provocar distúrbios psiquiátricos e no sistema nervoso central, problemas pulmonares (fibrose, por exemplo), leucemia, aplasia da medula e câncer.

AS CAUSAS MAIS COMUNS

Causa	Porcentagem
Manuseio inadequado de produtos químicos	34,40%
Aplicação incorreta de produtos químicos	12,68%
Equipamentos mal usados	7,63%
Equipamentos mal usados	6,64%
Equipamentos mal usados	5,17%
Equipamentos mal usados	2,14%
Equipamentos mal usados	1,58%
Equipamentos mal usados	1,35%
Equipamentos mal usados	19,11%

ERRADO: os vasos e recipientes vazios de produtos químicos e agrotóxicos não devem ser abandonados no campo

Figura 28 – Matéria na edição nº91 de maio de 1993 sobre perigo do uso de agrotóxicos.

AGRICULTURA ORGÂNICA

As vinhas da ira

Possuídos pela sagrada ira dos inocentes, vinicultores e agricultores da serra gaúcha deram um basta aos venenos e decidiram produzir uvas, figos, maçãs e hortaliças mais saudáveis

Por Adélia Porto/Fotos Assis Hoffmann

Figura 29 – Manchete na edição de nº97 de novembro de 1993 sobre agricultura orgânica



Figura 30 – Globo rural responde questionamento com manejo alternativo, edições nº 252 e 262.

Reifschneider e Lopes (2015) em recente publicação apresenta uma discussão mais detalhada em relação aos desafios macro e específicos para a construção de um setor hortícola forte e sustentável no Brasil, em que se exploram vários elementos: modelos de produção convencional versus orgânica, tamanho das propriedades e engajamento da sociedade, por exemplo. Segundo estes autores, a questão do uso de tecnologias de maior precisão por pequenos produtores está relacionada com a redução da população rural e isto exige medidas urgentes de fortalecimento da mecanização da horticultura que, em seu modelo básico, caracteriza-se pelo intenso uso da mão de obra. Os autores chegam a afirmar que essa tendência não é diferente para os diversos tipos de manejo que possam existir, alternativo ou convencional.

Na edição nº 294 de 2010 (Figura 31), observa-se essa tendência de implantação da mecanização na horticultura. Bem, se trata de um modelo que preso à um pacote tecnológico único não se adapta a todas as regiões e a todas as características edafoclimáticas que o Brasil possui. Obviamente, apesar de uma pressão de mercado e de

políticas públicas de redução de impostos, que na época facilitava a aquisição de tratores por cooperativas e associações, não se trata de uma realidade para a maioria dos agricultores familiares que desenvolvem a horticultura de forma mais rústica e tradicional.



Figura 31 – Capa da edição nº 294 apresentando a mecanização na horticultura.

Esta visão e a modernização agroindustrial tendo como partida pacotes tecnológicos num discurso de melhoria da produção, têm efeitos evidentes sobre a homogeneização dos territórios rurais. Convém lembrar que a industrialização agroalimentar constitui um fenômeno de redução considerável da diversidade biológica dos alimentos. Igualmente, a padronização tecnológica que atende às lógicas dos processos industriais tende a

homogeneizar as paisagens rurais e as atividades agrícolas desenvolvidas em diferentes territórios (LACOMBE, 2002).

Aliás, não é surpreendente que movimentos internacionais pelo resgate do gosto, como Slow Food (PETRINI, 2006), proponham outra agricultura, em escala humana, na qual a diversidade alimentar tenha alguma chance. O movimento em favor dos circuitos curtos alimentares proporrá também a ideia de que a melhor maneira de bem se alimentar consiste em privilegiar as escolhas de alimentos oriundos dos territórios locais de produção, com suas especificidades e sua diversidade (MARÉCHAL, 2008).



Figura 32 – Capas das edições nº 188 e 223 sobre o emprego da agricultura orgânica

Entre os relatos de agricultura alternativa temos muitos exemplos de sucesso, exemplos que segundo as próprias reportagens demonstram a possibilidade de romper com esse sistema de produção convencional e produzir de forma alternativa, inclusive em larga escala e com padrões de pequenas indústrias (Figura 32). Nos casos apresentados observa-se uma pressão do mercado. Sabe-se que atualmente muitos são os movimentos que questionam a qualidade de alimentos que colocamos a mesa, estas discussões atualmente permeiam os espaços públicos e a mídia, e consequentemente, recebe apoio de uma sociedade que reflete a busca pela saúde e longevidade.

Este movimento questionador não é de agora, advém de discussões anteriores da década de 60 no mundo, mas que depois de altos e baixos no Brasil atualmente vem recebendo força devido aos novos estudos e posturas dos países desenvolvidos que importam produtos do Brasil.



Figura 33 – Ator Global na capa da edição nº284 sobre alimentos orgânicos

Não é de se espantar que os grandes movimentos ambientais de promoção de saúde através do alimento recebe apoio de nomes de estrelas (Figura 33). De alguma forma esse discurso acaba penetrando com maior eficiência nos lares e mesas das famílias brasileiras. Sabe-se que tudo dentro da mídia é programado e bem elaborado para públicos específicos,

se a ideia é vender um produto para donas de casa que prepara alimentação para marido e filhos então a utilização da figura da novela das oito pode ser a mais tocante na venda de um discurso.

Veja, a lei da oferta e procura acaba sendo válida e os preços de produtos orgânicos, que vendem saúde, acabam se tornando mais caros, e isso não relacionado ao tipo de manejo mas sim a marca “orgânica” impressa em sua embalagem. Além disso, os orgânicos são caros pois os convencionais são baratos, como afirma Tivelli (2015), existe todo um aparato político que “apoia” o convencional na produção de alimentos para a população de baixa renda.

Não é a toa que recentemente na publicação de junho de 2013 (Figura 34) observamos um discurso um tanto quanto intrigante, pelo fato de introduzir no manejo orgânico a possibilidade da transgenia. Ora, os alimentos geneticamente modificados ainda são repletos de questionamentos quanto ao seu impacto no meio ambiente, todavia, o discurso não considera esta possibilidade, no caso desta reportagem, condiciona o termo “alimento orgânico” apenas ao não emprego de agrotóxicos. Enfim, a ideologia orgânica ainda não é tão clara como se apresenta e isso nos faz questionar quais os rumos que a agricultura alternativa irá tomar diante do impasse ambiental e do interesse das grandes organizações empresarias de pacotes tecnológicos, será esta uma reação das grandes empresas que patrocinam as publicidades da revista? Tudo indica que sim.



Figura 34 – Destaque de entrevista publicada na edição nº332 de junho de 2013

4.3 A Agroecologia e a Horticultura

Ao analisar este tópico me pergunto se devo ou não utilizar de exemplos pessoais para aproximar minhas observações de análise com a realidade de quem convive com esta ciência. Recordo-me uma das aulas iniciais que participei onde a agroecologia era o nome da disciplina, ouvi atentamente um colega afirmar em alto e bom som a seguinte colocação: “Aqui na disciplina estaremos falando da agroecologia em suas técnicas, vamos evitar o debate político, pois isso gera muita polêmica”, não sei bem quais eram seus reais motivos para tal colocação, entretanto, quando os estudos foram se aprofundando foi perceptível a todos os colegas de turma que a agroecologia não é ou era feita apenas de técnicas ambientalmente corretas, se fosse apenas isso, poderia ser apresentada como mais uma das agriculturas de base ecológica. Ouso dizer que a agroecologia é justamente o debate político, o conflito de ideias propositalmente elaborado, é a faísca que advém do atrito de uma pedra na outra e acende a chama.

Este discurso relatado e os inúmeros outros ouvidos no pouco tempo docente que acumulei retratam bem a dificuldade que a ciência tem de ocupar o seu local de direito. Por vezes se apresenta a agroecologia apenas como novas técnicas orgânicas, todavia, isso está longe de ser uma verdade (SAUER e BALESTRO, 2013; ALTIERI, 2012).

Na edição “*O chef vai ao campo*” (Figura 35), podemos observar o subtítulo da matéria de capa que diz : “*Nova onda do agro conecta a fazenda ao prato, elimina atravessadores, garante alimentos mais naturais e preserva a biodiversidade*”, acredito que de forma mais conservadora, se o termo “agro”, que no texto refere-se ao agronegócio, não estivesse na frase poderíamos afirmar que esta frase teria sido fundamentada ou elaborada nos preceitos da agroecologia.



Figura 35 - Edição de dezembro de 2014 mostrando o uso da biodiversidade e os novos rumos e olhares para do rural

A reportagem de capa desta edição descreve justamente este processo de revalorização do rural já discutido anteriormente. Neste caso, pode-se apresentar as ideias de Bernard Pecqueur (2001, citado por MARQUES e OLIVEIRA, 2010), onde discute-se elementos para evidenciar até que ponto uma experiência de agricultura orgânica e comércio justo e solidário levam a uma reorientação do desenvolvimento rural. A análise sobre a dinâmica induzida por esta experiência traz para o primeiro plano os aspectos que possam corresponder à mobilização ou construção de recursos específicos, o que seria essencial para a invenção de bens e serviços diferenciados.

Nesta abordagem, a vida e a cultura de um território constituem o fermento potencial do desenvolvimento, mobilizado pelo dinamismo das iniciativas coletivas. Assim, a questão pertinente se refere à capacidade dos atores locais em colocar a memória e o conhecimento coletivo sobre o território – enquanto fruto da história local singular de uma realidade humana, dispondo de recursos materiais e imateriais específicos

(PECQUEUR, 2001) – a serviço de um projeto criativo, original e qualificado de desenvolvimento.



Figura 36 – Capa da edição nº259 retratando o turismo rural como bom negócio

É neste cenário que o território pode ser identificado a partir de uma conciliação entre produção agrícola com o reforço da agricultura familiar, forma de produção mais favorável em permitir o florescimento das vocações ecológicas e culturais de um entorno territorial. A mobilização em favor destas vocações pode conferir consistência ao projeto, na medida em que as especificidades territoriais passam a ser reconhecidas e valorizadas (Figura 36).

No caso do turismo e de outras modalidades de exploração do rural demonstram que estes recentes processos apontam para uma “*diversificação das fontes de renda e a combinação de atividades agrícolas e não agrícolas*” para elevar o poder aquisitivo das

famílias agricultoras e também utilizar de forma sustentável os recursos do território (SCHENEIDER, 1999).



Figura 37 – Edição nº209 de março de 2003 com reportagem sobre a “pioneira da agroecologia” Ana Primavesi



Figura 38 – Reportagem da edição nº257 de março de 2007 sobre a presença e a importância feminina no campo

A Agroecologia, como dito anteriormente se faz com mais do que técnicas de baixo impacto, agroecologia, se faz com inclusão social, com igualdade nas relações sociais etc. Nas figuras 37 e 38 vemos dois exemplos claros de abordagem agroecológica. Nos dois casos observa-se conteúdo com discurso de gênero. Na figura 37, Ana Primavesi sendo reconhecida como pioneira na implantação da agroecologia no Brasil e na figura 38, um questionamento muito pertinente sobre o papel e a importância das mulheres no cenário agrícola.

Para Siliprandi (2009), a organização e participação das mulheres rurais tem se ampliado, à medida que passam a ser atuantes não apenas nos sindicatos e nos movimentos sociais, mas também associações e grupos de produção, que desenvolveram experiências produtivas alternativas em nível das propriedades, como: na agroecologia; na criação de centros de formação, para prestação de assessoria técnica e organizativa; na formação de espaços de comercialização como feiras, cooperativas, associações. Todas essas ações vêm se somando com os distintos movimentos para pressionar os governos pela adequação das políticas públicas às propostas das mulheres, ao mesmo tempo em que reafirmam para o conjunto da sociedade a sua especificidade enquanto mulheres, trabalhadoras rurais e produtoras agrícolas.

Muitas destas mulheres, e também suas famílias possuem outro instrumento precioso para a agroecologia que são os conhecimentos tradicionais, o saber e o saber-fazer referente ao manejo agrícola que apontados por alguns autores são os mais adaptados aos ecossistemas aos quais estão inseridos (Figura 39).



Figura 39 – Reportagem tratando da Mandioca na edição nº175 de maio de 2000

No caso da edição nº 175 (Figura 39) a mandioca é reconhecida oportunamente como produto popular da alimentação brasileira. Se representa através dela uma outra bandeira da agroecologia que discute a importância da cultura dos povos na preservação, conservação e perpetuação de uma agricultura mais adaptada as pessoas e ao ambiente. A Mandioca é um símbolo, é usada por todas as camadas da população, presente tanto nos pratos cotidianos mais simples quanto em outros mais finos e elaborados, ocupa lugar de destaque no sistema culinário nacional e regional desempenhando em algumas regiões do país relevante papel na construção de identidades culturais como apontado na reportagem. Da produção ao consumo final, um conjunto de práticas, relações sociais, cosmologias e representações simbólicas expressam significados cujos conteúdos revelam elevado valor cultural fortemente presente no imaginário popular, portadora de tradições que vão dos mitos indígenas às diferentes formas de expressão na linguagem popular, como ditados e modinhas.



Figura 40— Edições nº 80 e 96 abordando a diversificação na propriedade rural.



Figura 41 – Manejo alternativo associado com qualidade de vida, edição nº224 de junho de 2004

Cooperação, renda, diversificação, vida são palavras comuns quando o assunto é agroecologia (Figuras 40 e 41). Posteriormente se discutirá a importância da biodiversidade, mas neste momento é importante destacar a importância do planejamento econômico, ambiental e a organização dos agricultores para melhor acesso as políticas públicas e ao mercado consumidor.

Estas bandeiras representam os aspectos econômicos e políticos da agroecologia, entretanto, ainda é muito modesto estas bandeiras serem publicadas na mesma matéria jornalística ou até mesmo na mesma edição, geralmente, estes assuntos são abordados separadamente nas edições da revista.

Segundo Tavares (2009 apud NASCIMENTO, 2010, p. 117), a imprensa busca, como primeiro grande meio de comunicação jornalística, sua vocação de falar de um “todo”, apesar de fragmentada falando genericamente de coisas específicas. Sendo assim, é preciso abordar de forma aprofundada certos assuntos e considerar o público que se pretende atingir.

4.4 O meio ambiente e o uso da biodiversidade

Entre os antigos, o pensamento, ou a idéia, de natureza e de suas formas de utilização estava ligado diretamente ao qualitativo, ao valor de uso. Entre os gregos, por exemplo, as formas de se relacionar e agir frente à natureza apresenta uma idéia de equilíbrio: o pensamento era contemplativo e, por estarem em uma sociedade não mercantilizada, o aprimoramento das técnicas de trabalho não era prioritária, considerando evidentemente que se tratava de um sistema escravocrata. De todo modo, no pensamento antigo não se derruba cem árvores se o necessário é derrubar apenas três (VERNANT, 1990).

Com o passar do tempo, as formas de produção capitalistas foram modificando o objetivo de criação de valor de uso, como era visto pelos antigos, o quantitativo foi tomando o espaço dos valores qualitativos. Segundo Lenoble (1990), não existe uma evolução da forma de pensar, mas sim uma ruptura entre o pensamento antigo e o moderno, pois são formas completamente diferentes de ver o mundo. Os valores passam a ser dimensionados pela capacidade tecnológica de produzir bens de uso e consumo,

produção fundada na “magia da mercadoria” ou no equivalente de troca, como designado por Marx (1982).



Figura 42 – Capa da edição nº228 do ano de 2004 reportando a preocupação com o uso da biodiversidade.



Figura 43 – Capas das edições nº312 e 317 apontando o manejo sustentável dos recursos naturais

A ideia de preservação e conservação em muitos momentos é atrelada ao benefício financeiro (Figuras 42 e 43). Seria este o discurso que perpetua a difusão de uma valor utilitarista da natureza.

Ribeiro (2003), afirma que as concepções de natureza estabelecidas pela sociedade foram produtos da cultura humana interagindo com o ambiente em que coexistiram, e isso varia conforme os valores que se estabelecem em determinado local e época. Émile Durkheim, discutido no trabalho de Adison (2003), afirma a importância das representações da sociedade e como elas influem nas decisões que cada indivíduo toma, pode-se dizer que mesmo vivendo em grupo, os indivíduos percebem e atuam no meio conforme sua formação cultural, social, intelectual e econômica.

Frente ao rumo que a sociedade tem tomado Devall (2001) e Novo (2002), citados por Hoeffel et. al. (2008), afirmam que estes novos rumos tem conduzido ao que se é conhecido como “crise ambiental”, e segundo os autores isso tem estimulado o questionamento dos valores da sociedade contemporânea, e, além disso, uma reorientação dos modos da sociedade se relacionar com a natureza. Ao que parece existe dois tipos de valores difundidos na revista em relação ao meio ambiente, o primeiro diz respeito a uma

curiosidade, uma aventura e exploração ao desconhecido e o outro é esta ideia do valor de uso.

Sobre a questão do desenvolvimento sustentável, vale à pena destacar a questão da biodiversidade que, em particular na agricultura, tem sido moldada de acordo com a forma de viver dos seres humanos, que utilizam dos recursos biológicos disponíveis. Na agricultura familiar, os valores culturais, sociais, econômicos e o manejo dos recursos naturais tendem a incorporar aspectos de segurança para a diversidade biológica e principalmente para a soberania alimentar (BOEF, et al., 2007).

Tabela 07 - Número de espécies diferentes citadas nas publicações por períodos

	Número de espécies citadas											
	1-5 anos		6 - 10 anos		11 - 15 anos		16 - 20 anos		21 - 25 anos		26 - 30anos	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Horticultura	46	36,51	25	34,72	47	46,08	24	40,68	32	42,67	18	42,86
Cultura de Lavouras	7	5,56	10	13,89	14	13,73	9	15,25	9	12	13	30,95
Produção animal	73	57,94	37	51,39	41	40,20	26	44,07	34	45,33	11	26,19
Total	126	100	72	100	102	100	59	100	75	100	42	100

O uso das espécies animais e vegetais estão distribuídos conforme as figuras 16 e 17, nota-se o uso de espécies animais com maior destaque, e neste caso relacionado com a exploração da produção animal, e em pouco casos com referência à curiosidades de algumas espécies animais em algumas regiões.

Vale destacar que conforme apontado no início deste espaço, as notícias de maior frequência são aquelas relacionadas à produção animal e a agricultura convencional. A tabela 07 aponta a diversidade de espécies, ou seja, a variedade de espécies que aparecem dentro de cada temática. No caso das espécies de agricultura convencional, apenas 3 espécies dominam e se repetem nas edições da revista, são elas: o milho, a soja e o trigo. Dentre as hortícolas, ocorrem muitas espécies fruteiras como abacaxi, manga, acerola, cajú, framboesa, laranja, mamão dentre outras. O número de espécies citadas reproduzem a diversidade de espécies que são ou foram mais exploradas durante este período.

Produtos da biodiversidade podem passar por diversos ciclos de utilização (NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES, 1975, SMITH et al., 1992 *apud*

HOMMA,2008). Muitas culturas alimentares sofrem explorações diferenciadas (Figuras 44, 45, 46 e 47) devido a modificação do mercado, a substituição de culturas tradicionais por culturas de exportação, a expansão de novas atividades, o processo de urbanização, a perda da diversidade cultural com a extinção de espécies que fazem parte de hábitos religiosos ou folclore, entre outros, expõe muitas espécies em potencial ao desaparecimento (HOMMA, 2008).



Figura 44 – Edição de setembro de 2014 apresentando as novas abordagens e tipo de manejo do cacau.

Apesar da diversidade de espécies hortícolas apresentadas, em nenhum dos casos aponta-se as comunidades tradicionais como responsáveis por testes conhecimentos ou manejo. As manchetes e imagens estão todas relacionadas com tecnologias e manejo com algum viés agroecológico ou de base ecológica, entretanto cerca de 60 % das espécies hortícolas citadas estão relacionadas á uma exploração convencional.

Apesar de não ser o foco principal da pesquisa, as Comunidades tradicionais são extremamente importantes. Através de estudos etnobotânicos pode-se observar a imensa capacidade das populações indígenas de manejar os recursos naturais, tanto em florestas primárias como em secundárias, no cultivo de diversas espécies, em sua maioria hortícola,

em ambientes diferentes, como em clareiras na floresta, jardins de morro (que servem como uma espécie de “reserva de germoplasma”), quintais e também ao longo dos caminhos (BALLÉ; GELY, 1989, IRVINE, 1989, POSEY, 1984 *apud* MING, 2006).



Sabores e cores do Ver-o-Peso

Mercado de Belém reúne tesouros do bioma amazônico. O conselho é contrariar o nome do lugar e esquecer a balança

Texto **Teresa Raquel Bastos** • Fotos **João Ramildé**, de Belém (PA)

Na Travessa Boulevard Castilho França, em Belém, o Mercado Ver-o-Peso simboliza a diversidade cultural e gastronômica que a Para pode oferecer. São frutas, farinhas, castanhas, grãos regionais, artesanato indígena e ervas medicinais distribuídos em 35.000 metros quadrados sob lona e calor escaldante. Não à toa, é considerada a maior

feira no ar livre da América Latina. Existe desde o século XVII, mas a deca atual foi inaugurada em 1901, com arquitetura francesa no estilo art nouveau. O nome é português: era a Casa de Vêr o Peso, onde os comerciantes pesavam mercadorias e as tributavam para a Coroa Portuguesa. O mercado é aberto 24 horas na alameda lancheonetes, onde é possível experimentar sabores exóticos da cozinha paranaense, mas o movimento geral tem

horários distintos. Os feirantes de frutas, verduras e farinhas trabalham das 5 às 16 horas. Já a Feira do Acai, ao lado do edifício azul do mercado, começa a agitar as redondezas a partir de 1 hora da madrugada, quando chegam os vendedores de frutas frescas direto da floresta. Os barcos encostam às margens do Rio Guamá entre 2 e 4 horas para abastecer os peixeiros (feito típico feito com trapiço indígena), que custam, em média, R\$ 25. Os principais compradores são restaurantes e lanchonetes, já que um peixeiro rende até 12 litros de suco. Daquele que sobra vai para fabricas de beneficiamento da polpa.

Logo ao lado e também no mesmo horário, funciona a venda de peixes frescos. Há tambaquis, matrinxãs, curimatãs, dourados, pescadas-amarelas, entre outros, todos vindos da farta bacia hidrográfica que banha o Estado do Pará. Os pescadores são cativos na alimentação paranaense: peixe frito com açaí é consumido até no café da manhã no setor das bolinhas (mulheres que servem as bolinhas para os trabalhadores). O prato é o preferido do vendedor de peixes Edvaldo Cabral, de 55 anos. Perguntado se gosta de comer sushi, ele é enfático: "Nunca comi sushi, nem quero. Minha comida é bem tem-

perada", diz ele, mesmo trabalhando com peixes crus quase o dia todo.

Filhote

Mas a estrela das águas é o peixe nobre conhecido como filhote, de carne saborosa e firme. Atrai um filhote de renomados chefs de cozinha, como Alex Assis (B.O.M., em São Paulo), Thiago Castanho (Bocatto do Bosque), Davi da Martins (La em Casa) e Angélica Sicília (Famagá Sicília), de Belém, que têm no Ver-o-Peso uma espécie de quintal gastronômico e fonte inesgotável de ingredientes. O peixe custa, em média, R\$ 20 o quilo. Uma curiosidade: o filhote é o mesmo que pinha. É chamado de filhote até atingir 70 quilos. Acima desse peso muda de nome e sua carne começa a virar cartilagem, dificultando sua degustação.

Mais à frente, o Ver-o-Peso reserva seus maiores tesouros às frutas exóticas do bioma amazônico. Entre elas: tucumã, pupunha, bacuri, cupuaçu, sapoti. A maioria só existe em regiões de Floresta Amazônica e não chegou ao resto do país. Parte dessa diversidade está no box da Carmelita Rocha, fornecedora dos melhores restaurantes da capital. Ela garante que, entre os 200 tipos de frutas que vende, algu-

De esquerda para a direita: vista aérea do mercado; açaí; perfumes e ervas medicinais; e a fruta do urucum

44 | O GLOBO RURAL | DEZEMBRO 2014

DEZEMBRO 2014 | O GLOBO RURAL 45

Figura 45 – “Biodiversidade na panela”, publicação da edição de dezembro de 2014

A figura 45 aponta para uma temática importante na manutenção dessa cultura de troca. A dinâmica que orienta o funcionamento das feiras com tendência mais ecológica, é absolutamente distinta do que ocorre nas feiras convencionais. O fato de reunir os produtores sob uma mesma lona fortalece os laços de reciprocidade e compromisso mútuo com o futuro da própria feira. Além disso, aprofunda o espaço de troca de saberes entre os próprios produtores, mesmo que estes estejam afastados entre si.

Esta dinâmica se configura numa espécie de “rede social” conforme o conceito proposto por Rits (2004), como “*sistemas organizacionais capazes de reunir indivíduos e instituições, de forma democrática e participativa, em torno de objetivos e/ou temáticas comuns*”, proporcionando a existência de estruturas dinâmicas que subsistem devido às

interações interconexas de afinidade entre os atores, contribuindo de forma efetiva para a organização e estruturação da sociedade. Num sentido mais específico, Amaral (2004) aponta para a emergência das redes sociais, que se diferenciam do geral, por possuírem um sistema de fluxos e ciclos permeados por “*canais de circulação de informação, conhecimento e valores*” traduzidos em sistemas simbólicos, capazes de revelar “*as idéias políticas e econômicas inovadoras, nascidas do desejo de resolver problemas atuais*” (AMARAL,2004), ao qual julgamos poder incluir, especificamente, as feiras-livres.



Figura 46 – Capa da edição de nº256 sobre a importância e a valorização das frutas nativas



Figura 47 – retratação do extrativista na edição nº256.

4.5 A publicidade e a ideia de consumo

Sobre as influências das propagandas e das publicidades no campo jornalístico Bourdieu (1997) escreve que:

O campo jornalístico impõe sobre os diferentes campos de produção cultural um conjunto de efeitos que estão ligados, em sua forma e sua eficácia, à sua estrutura própria, isto é, à distribuição dos diferentes jornais e jornalistas segundo sua autonomia com relação às forças externas, as do mercado dos leitores e as do mercado dos anunciantes (BOURDIEU, 1997, p. 102).

Isso equivale a dizer que o grau de autonomia de um jornal, de uma revista, rádio ou televisão é medido conforme suas receitas relativas às propagandas e publicidades, bem como pelo grau de concentração dos anunciantes.

Terras do Acre
O FILÉ MIGNON DA AMAZÔNIA.

"UM DOS MAIS ARROJADOS EMPREENDIMENTOS DA AMAZÔNIA."
Telefone ou dê-nos o prazer de sua visita.
Nós temos a área ideal para você plantar o seu futuro.

PRINCIPAIS CIDADES	POPULAÇÃO
Rio Branco	145.948
Cruzeiro do Sul	61.129
Taruapá	31.175
Santa Madureira	26.847
Feijó	22.151
Brasília	20.128
Plácido de Castro	19.413
Kapurí	15.429
Senador Guomard	10.701
Município Lima	7.746
Manuel Urbano	6.892
Assis Brasil	1.535

ACREDITE:
O FUTURO ESTÁ AQUI.

CULTURAS
CAFÉ/CACAU – Em razão da fertilidade do solo, estas duas riquezas de maneira particular, desenvolveram-se acentuadamente, atestando as potencialidades econômicas do Acre.
PECUÁRIA – Clima favorável e excelentes pastagens permitem uma pecuária forte qualitativamente, e em permanente expansão.
OUTRAS CULTURAS – Seringueira, dendê, guaraná, arroz, castanha, mandioca, milho, feijão, etc.

SAÚDE
O vertiginoso crescimento populacional do Estado exige das autoridades governamentais ligadas à área da saúde, um esforço nas mesmas proporções, com resultados plenamente satisfatórios e muito gratificantes. Os municípios contam com hospitais e médicos. Na capital, além dos hospitais do Governo, existem diversos hospitais e clínicas particulares.
ACRE – UM POVO SAUDÁVEL, CONSTRUINDO UM GRANDE ESTADO.

ENSINO
A implantação da Universidade Federal do Acre, com a criação de 13 cursos, deu novo alento à juventude estudantil acreana, expandindo as atividades acadêmicas e possibilitando um conjunto das mais diversificadas opções.

MELHOR REBANHO BOVINO DO PAÍS
Considerando os altos custos dos fretes à época da implantação dos primeiros projetos rurais, os pecuaristas pioneiros, oriundos das mais longínquas regiões do País, trouxeram para o Acre, matizes selecionados da melhor linhagem, e touros puros de raça, propiciando o surgimento de gado bovino de qualidade acima da média do rebanho brasileiro.

CLIMA
A situação privilegiada do Estado, com altitude média de 270 a 300 m, favorece o registro de uma temperatura média anual em torno de 23 graus. Estes são fatores preponderantes para o significativo desenvolvimento das atividades agropecuárias.

PROJETOS/ESTRADAS: 1.300 KM
Através de projetos arroçados, a Secretaria dos Transportes vai possibilitar ao Acre, a curto e médio prazo, uma malha viária interligando as principais regiões do Estado. Asfalto, ponte e estrada, são as prioridades para os acreanos.

CRECI J - 406 - 198 - Rg - MT

Terras do Acre
TERRAS DO ACRE MELHORAMENTOS LTDA.
Av. Ceará - Galeria José de Melo - Loja 20 - Fone: (068) 224-5035 / 224-2192
CEP 69.900 - RIO BRANCO - ACRE

Figura 48 – Publicidade na edição nº10 sobre vendas de terra no Estado do Acre.

Na figura 51 temos como exemplo a publicidade de um produto natural, nota-se que se trata das primeiras edições da revista que não possuía uma quantidade grande de anunciantes.



Figura 50 - Publicidade na edição nº287 incentivando uso de agrotóxicos.

HUMUS

BIO BASE

- Fertilizante organo-mineral com macro e micronutrientes.
- Ativado com bactérias específicas.
- Aumenta sua produção sem esgotar o solo.
- Indicado para todas as culturas.
- Ativa a vida biológica do solo.

● **ASSISTÊNCIA TÉCNICA**

Informe-se sobre nossos representantes na sua região.



SARAPUI

MINERAÇÃO AGROTÉCNICA LTDA.

Rua Costa, 52 - 1º and. (Consolação)
C.P. 6061 - Telex: (011) 30749 e 35939 VSCE-BR.
CEP 01304 - São Paulo (SP)
Tel.: (011) 259-8122

Figura 51– Publicidade na edição nº17 sobre utilização de fertilizante natural

A propaganda segundo Ellul (1968) tem muito menos necessidade de ser fundamentada, de ser racional, de ser poderosa: deve produzir indivíduos particularmente sugestionáveis, que se põem em movimento por pouca coisa. Devemos então, distinguir duas espécies de propaganda: a de profundidade, que é permanente e deve ser constantemente reforçada, que tem por fim por as massas em disponibilidade, e a que tende a determinar uma ação precisa, menos intensa, temporária, às vezes contraditória (pois às vezes são necessários movimentos contraditórios das massas) e que opera uma simples pressão.

Infere-se, portanto, que as publicidades e as propagandas, por fabricarem a cultura e interferirem na socialização dos indivíduos, incitam o consumo da superfluidade, cuja aquisição lhes promete bens salutareos. A isso, Vestegaard e Schroder (1996) comentam que Haug considera “corrupção ou distorção dos valores de uso” (VESTEGAARD; SCHRODER, 1996).

No caso da revista boa parte das publicidades estão voltadas para uma abordagem convencional, como exemplo, propagandas de tratores e implementos, agrotóxicos, créditos bancários, carros 4x4, promoções, campanhas do governo, dentre outros.

4.6 Os conhecimentos tradicionais e a etnobotânica

Os conhecimentos tradicionais envolvem saberes empíricos, práticas, crenças e costumes passados de pais para filhos nas comunidades indígenas ou em comunidades de certos locais (por exemplo, os ribeirinhos), quanto ao uso de vegetais, microorganismos ou animais que são fontes de informações genéticas. Na revista globo rural, estes conhecimentos estão estreitamente relacionados com a figura indígena.

No Brasil, a população rural sempre fez uso de plantas medicinais, mas com a expansão de seu uso entre a população urbana, iniciou-se uma pressão extrativista nos locais onde ainda se pode encontrar populações de espécies com valor de mercado. Por seu baixo custo, as plantas medicinais representam, em muitos casos, a única alternativa possível para esta parcela da população (AZEVEDO e SILVA, 2006).

Na figura 52, temos o exemplo de poucas reportagens onde o conhecimento tradicional é colocada em discussão sobre o seu valor e os riscos de sua extinção. Em outros momentos, estes conhecimentos aparecem mais a critério de informação e curiosidade



Figura 52 – Matéria na edição nº270 de abril de 2008 demonstrando importância dos conhecimentos tradicionais dos Índios Guajás

Em outros casos, temos três tipos de discursos que imperam quando se trata de medicinais. O primeiro diz respeito ao uso de plantas pelo sagrado, em rituais de fé, de cunho folclórico e simbólico (Figura 53). O segundo relaciona a fitoterapia, entretanto, com um discurso de medicina antiga, sem muitas garantias de sucesso, colocando nas mãos do usuário o risco de funcionar ou não, muito relacionado com povos tradicionais, erveiras, parteiras, etc. (Figura 55). E o terceiro discurso o cultivo de plantas medicinais com enfoque econômico, onde se prioriza ervas aromáticas e uma relação com grandes empresas de cosméticos, este terceiro discurso coloca as plantas medicinais nas mãos dos agricultores comuns (Figura 56).



Figura 53 – Edição nº274 de agosto de 2008 com reportagem destacando o conhecimento tradicional relacionado a fé

É importante relembrar alguns autores como Diegues (2001) que afirma ser importante analisar o sistema de representações, símbolos e mitos que essas populações constroem, *“pois é com ele que agem sobre o meio natural. É também com essas representações mentais e com o conhecimento empírico acumulado que desenvolvem seus sistemas tradicionais de manejo”*, em outras palavras, deve-se compreender melhor e ressaltar com mais ênfase a importância destes conhecimentos e populações para que se tenha parâmetros mais críticos de manejo e melhoria da difusão de tecnologias mais adaptadas e que atendam de fato o interesse destas populações.

Na edição nº40, um pesquisador da Universidade Federal Rural de Pernambuco utilizou-se do conhecimento popular para difundir vários preceitos de preservação e manejo mais adequados para a situação da região onde estava. Utilizou-se dos ensinamentos de Padre Cícero, figura culturalmente reconhecida e respeitada no nordeste brasileiro.

**‘IDÉIAS’
DO ‘PADIM
CIÇO’**

Além de engenheiro agrônomo, Vasconcelos Sobrinho, professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco, é respeitadíssimo como botânico e como homem ligado à natureza e à luta pela valorização dos recursos naturais do Nordeste. Ele juntou sua ciência com as “idéias” do “padim” Padre Cícero, de Juazeiro do Norte, no Ceará, e compôs esses “preceitos”

PRECEITOS DE PADRE CÍCERO

(Segundo Vasconcelos Sobrinho)

- Não derrubar o mato, nem mesmo um só pé de pau...
- Não tocar fogo no roçado nem na caatinga...
- Não caçar mais e deixar os bichos viverem...
- Não criar o boi nem o bode soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para ele se refazer...
- Não plantar nos caminhos d’água nem fazer o roçado em ladeira alta, para que a chuva não arraste a terra e não perca a sua riqueza...
- Construir uma cisterna no oitão de sua casa para guardar a água da chuva...
- Represar os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta...
- Plantar cada dia, pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só...

Se o sertanejo obedecer estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado vai melhorando e o povo terá sempre o que comer... Mas, se não obedecer, dentro de vinte anos todo o sertão será um deserto só.

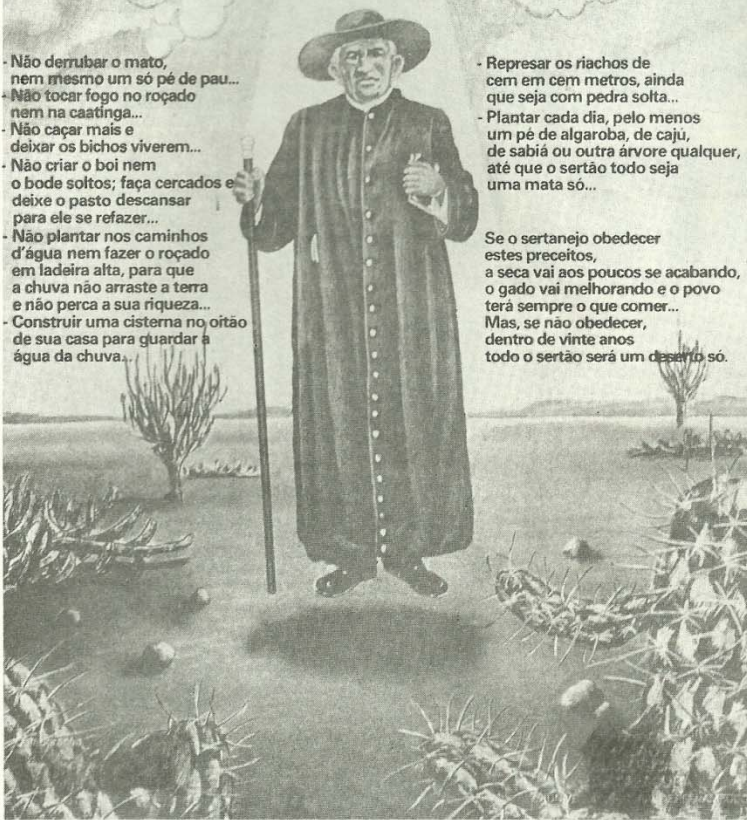


Figura 54 – Utilização do conhecimento e crença popular para incentivar o uso de práticas sustentáveis na edição nº40.

De forma geral boa parte das matérias contendo conteúdo de plantas medicinais estão relacionadas a divulgação de propriedades medicinais das plantas comumente já utilizadas por parcela da população. Poucas são as reportagens que apresentam os detentores do conhecimento.



Figura 55 – Edição nº66 destacando o uso de plantas medicinais e da fitoterapia.



Figura 56 – Capa da edição nº286 sobre plantas medicinais e mercado consumidor

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS



A Semeadora – Cândido Portinari (1903)

“O branco acredita muito no papel”

Francisca Arara

Diante de uma singela análise dos trinta anos de publicação da Revista *Globo Rural*, observa-se que a mídia impressa analisada possui um discurso essencialmente mercadológico. As manchetes primárias ou secundárias referentes à temática da Horticultura estão em grande medida relacionadas à um modelo de agricultura atualmente questionada e em muitos casos sobrepostas pela ciência. Este modelo convencional de cultivo domina o discurso e junto a ele um caráter econômico se coloca de forma a construir um tipo de agricultura não adequada aos modelos alternativos como proposto por este trabalho.

Em casos específicos é possível notar que existe uma relação entre a publicação de conteúdos com vistas à uma agricultura alternativa e acontecimentos que marcam a história política ou mercadológica do país os últimos 30 anos. Por exemplo, eventos como o Rio 92 favoreceram uma maior repercussão em conteúdos jornalísticos relatando os perigos do uso de agrotóxicos. Em outro momento, se percebe o incentivo e o apelo para o consumo de produtos específicos como flores e laranjas.

Existe um discurso de poder e até de racismo quando se trata da figura do agricultor e de algumas espécies vegetais associadas à um modelo de agricultura alternativo ou tradicional, como é o caso da mandioca ou macaxeira em algumas regiões. Percebe-se que é um discurso sutil mas que se revela nas entrelinhas das imagens e textos de manchetes. A ideia de um tipo de agricultura que precisa ser superada, num discurso que o uso de tecnologias pode não só melhorar a exploração mas também sobrepor dificuldades regionais, todavia, os aspectos ecológicos são esquecidos ou sobrepostos frente ao viés econômico.

As agriculturas de base ecológicas são parcialmente representadas ou discutidas, boa parte dos conteúdos referentes à esta temática aparece em cadernos especiais ou edições especiais, quando não apenas no caderno de perguntas do leitor. A agroecologia não é representada em sua totalidade, nas edições se discute “partes” da agroecologia, se aborda temáticas que são pertinentes sem mesmo ser considerada pela publicação como tal.

As publicidades, com exceção dos primeiros 10 anos da revista, toma conta de boa parte das páginas atualmente. Muitas vezes são conteúdos referentes à agricultura convencional, como produtos do pacote tecnológico como tratores, agrotóxicos, créditos bancários etc. Boa parte das propagandas não possui nenhum compromisso ambiental ou até mesmo ético, e não pode-se afirmar que a editora faça questão de um perfil específico

de publicidade, entretanto, a análise observou que a revista é “financiada” pelas grandes empresas do agronegócio.

O Conhecimento tradicional, a etnobotânica e as plantas medicinais surgem como conteúdos por vezes pautados na difusão de informações, sem nenhum tipo de questionamento ou crítica, apenas para sanar curiosidades dos leitores.

É importante salientar que a revista possui um público forçadamente selecionado, isso porque prioriza um tipo de modelo agrícola que é essencialmente pautado nos interesses do agronegócio. Por vezes, o conteúdo de horticultura é repassado com destaque quando há interesse do mercado em vender os produtos.

Acreditamos que o pouco conteúdo tomado pela agricultura alternativa tem alcançado novos leitores, nas últimas publicações observa-se um novo olhar para o rural, os movimentos de alimentação saudável e um novo nicho de mercado que busca produtos com origem reconhecida, nutritivos, sem agrotóxicos e com responsabilidade ambiental tem gerado mudanças significativas nas temáticas da revista.

Sabemos que lutar contra o agronegócio e a hegemonia do capital estrangeiro sobre a agricultura brasileira é desgastante, entretanto, tudo começa pela informação e/ou formação do cidadão, neste caso leitor. As grandes mudanças que esperamos e aguardamos esta na imprensa livre, que não publique aos seus leitores, muitas vezes, não especialistas nos assuntos, apenas aquilo que os patrocinadores desejam.

Por acreditar que tudo começa com a palavra lançada, fazemos aqui esta reflexão para que mais debates e críticas sejam gerados, para que os editores saibam que estamos agindo para divulgar as manipulações corretas e errôneas, mas principalmente aquilo que cause efeito prático na sociedade e no meio ambiente. Por um mundo com mais frutas e flores, por um mundo com mais vida!

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADDISON, E. E. A Percepção Ambiental da População do Município de Florianópolis em Relação à Cidade. **Dissertação de Mestrado**, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis, 2003.

ALTAFIN, I.G. **Diagnóstico rural participativo no desenvolvimento local sustentável**. Brasília, 1999. (Mimeo).

ALTIERI, M. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: agropecuária, 2002. 592 p.

ALTIERI, MIGUEL. **Agroecologia**: A Dinâmica Produtiva da Agricultura Sustentável. 1.ed.Porto Alegre: Editora da UFRGS,1998.

ALTIERI M. A. El “estado del arte” de la agroecología y su contribución al desarrollo rural en América Latina. In: Alfredo Cadenas Marín (ed.), **Agricultura y desarrollo sostenible**, Madrid: Mapa, 1995a. p.151-203 (Serie Estudios).

AMARAL, V. **Redes sociais e redes naturais**: A dinâmica da vida. Disponível em: <http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_tmes_fev2004.cfm> Acesso em: 20 set. 2014.

AZEVEDO, S.K.S. & SILVA, I.M. 2006. Medical and religious plants commercialized in conventional and open-air markets of Rio de Janeiro municipality Rio de Janeiro State, Brazil. **Acta Botanica Brasilica** 20: 185-194.

BALESTRO, M. V.; SAUER, S. A diversidade no rural, transição agroecológica e caminhos para a superação da Revolução Verde: introduzindo o debate. In: SAUER, S.; BALESTRO, M. V. (Org.). **Agroecologia**: os desafios da transição agroecológica. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2011.

BARREIRA, D. (Edit.). **La Etnobotanica**: três puntos de vista y uma perspectiva. Xalapa, Instituto Nacional de Investigaciones sobre recursos Bióticos, p.13-14. 1979.

BARROS, Ilená Felipe. NAS TRILHAS DO CRÉDITO FUNDIÁRIO: A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA ENTRE A TERRA E O ASSALARIAMENTO NA AGROINDUSTRIA CANAVIEIRA DE PERNAMBUCO. 324p. **Tese** (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

BECK, J. S. (1997). **Terapia cognitiva: Teoria e prática**. Porto Alegre: Artes Médicas.

BEUS Curtis E.; Riley E. DUNLAP. Agricultura Convencional versus alternativa: as raízes paradigmáticas do debate. Tradução: Ana Raquel Santos Bueno. **Rural Sociology**, 55(4):590-616, 1990.

BOEF, W.S. Biodiversidade e Agrobiodiversidade. In: BOEF, W.S.; THIJSEN, M. H.; OGLIARI, J. MB.; STHAPIT, B. R.: **Biodiversidade e agricultores**: fortalecendo o manejo comunitário. Porto Alegre: L&PM, 2007. 271 p.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a. 322 p.

BOURDIEU. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 1997. 231p.

CAMARGO, A.L.B. **Desenvolvimento sustentável**: dimensões e desafios. 4.ed. Campinas, SP: Papirus, 2008. 160 p.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia!** enfoque científico e estratégico para apoiar o desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre: EMATER/RS, 2002. 48p. (mimeo.).

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia e Extensão Rural**: contribuições para promoção do desenvolvimento sustentável. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CARMO, Maristela Simões do. **Agroecologia:** Novos caminhos para a agricultura familiar. Revista Tecnologia & Inovação Agropecuária, São Paulo, p. 28-40, 2008.

CARVALHO, Nelly de. **Publicidade.** A linguagem da sedução. São Paulo. Editora Ática. 3ª Edição, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias.** São Paulo: Contexto, 2013.

CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W.R. (Org.) Handbook de estudos organizacionais, v.1. São Paulo: Atlas, 1999.

DELGADO, Guilherme C., 2012. ‘Do Capital Financeiro na Agricultura à Economia do Agronegócio – Meio Século de Mudanças Cíclicas (1965-2012)’

DENZIN, Norman K. ; LINCOLN, Yvonna S. (Editores). Handbook of qualitative research. (2 Ed.). Thousand Oaks, Califórnia: Sage Publications. 2000

DIEGUES, A . C. (2001). **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: Hucitec.

DULLEY, Richard Domingues. **Produtos Agrícolas Orgânicos:** Brasil sobe para a quinta posição em extensão de área. Instituto de Economia Agrícola. 2003.

EHLERS, E. M. **Agricultura Sustentável:** origens e perspectivas de um novo paradigma. São Paulo: Livros da Terra, 1996.

ELLUL, J. **A técnica e o desafio do século.** Tradução e Prefácio de Roland Corbisier. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1968. 445 p.

ETXEZARRETA, M. **Globalización e intervenció pública.** Barcelona: Apostilas, 32p. 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAO - FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. 2013b. Trade (2010). Disponível em: . Acesso em: 28 jan. 2013.

FERREIRA, B. **Análise de Conteúdo**. Disponível em <http://www.ulbra.br/psicologia/psicodicas-art.htm> Acessado em 09 de fevereiro de 2014.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e educação**. 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.

FILGUEIRA, F. A.R. **Novo Manual de Olericultura: agrotecnologia moderna na produção e comercialização de hortaliças**. 2 ed. Ver. Ampl. Viçosa: UFV, 2008.

FONSECA-KRUEL, Viviane Stern da; PEIXOTO, Ariane Luna. **Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil**. Acta Botanica Brasilica, v. 18, n. 1, p. 177-190, mar. 2004.

GIDDENS, Anthony (1997). **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (2ª edição inglesa em 1993)

GODOI, A. S., Bandeira-de-Melo, R., & Silva, A. B. (2006). Pesquisa qualitativa nas organizações: paradigmas estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva.

GOMES, William H. Desenvolvimento Sustentável, Agricultura e Capitalismo. In: BECKER, D. F. (Org.). **Desenvolvimento Sustentável: Necessidade e/ou Possibilidade?** Santa cruz do sul: EDUNISC, p. 95 – 116, 1997.

GOODMAN, D. REDCLIFT, M. **Refashionig Nature**. Routledge. London and New York, 1991.

HOEFFEL, J. L. et al. **Trajetórias do Jaguar** – Unidades de conservação, percepção ambiental e turismo: um estudo na APA do Sistema Cantareira, São Paulo. *Ambiente e Sociedade* 11(1): 131-148, 2008.

HOMMA, A.K.O, 2008. **Extrativismo, biodiversidade e biopirataria na Amazônia**/Alfredo Kingo Oyama Homma-Embrapa informação tecnológica, 2008.

KHATOUNIAN, C. A. **A reconstrução ecológica da agricultura**. Botucatu, Agroecológica, 2001. 348p.

LACOMBE, Francisco José Masset. **Recursos Humanos** Princípios e Tendências. Ed. Saraiva, 2ª edição, 2002

LEISS, W.; KLINE, S.; JHALLY, S. **Social communication in advertising**: persons, products & images of well-being. 2. ed. London; New York: Routledge, 1997.

LENOBLE, R. **História da idéia de Natureza**. Lisboa: Edições 70, 1990. 378 p.

LOPES, Maria Elizabete Barretto de Menezes. **Agrotóxicos na imprensa**: análise de revistas e jornais brasileiros. 295 p. Tese (Doutorado em Ecologia Aplicada) – Universidade de São Paulo. 2010.

MAGALHÃES, Alessandra. **Perfil Etnobotânico e Conservacionista das Comunidades do Entorno da Reserva Natural Serra das Almas, Ceará – Piauí, Brasil**. 68 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Ceará. 2006.

MORUZZI, M.P.E.; OLIVEIRA, K.A. (2010) Especificidades territoriais e conflito entre turismo e agricultura: o caso de Analândia/SP. In: **CONGRESSO DE BRASILEIRO DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO**, 1. 2010. , Rio Claro/SP, 2010. **Anais...**Rio Claro: CBOE, 2010.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **A didática e as contradições da prática**. Campinas: Papirus, 2003

MARX, K. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. 440 p.

MATTOS, P. L. C. L. Teoria administrativa e pragmática da linguagem: perspectivas para problemas que afligem as relações entre acadêmicos e consultores, educadores e educandos. **Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, Campinas, SP, Brasil, 25. 2001

MAZZOLENI E. M. & NOGUEIRA J. M. **Agricultura orgânica**: características básicas do seu produtor. *Revista de Economia e Sociologia Rural* vol.44, nº2 Brasília, 2006.

MING, L.G. **Plantas Medicinais na Reserva Extrativista Chico Mendes** - Uma Visão Etnobotânica. Editora: UNESP, 2007.

MOREIRA, E. **Análise de Conteúdo**: duas perspectivas metodológicas para interpretação de variáveis qualitativas e quantitativas. Disponível em http://www.funesc.com.br/engenh2/textos/ecul_x02.htm Acessado em 09 de fevereiro de 2014.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da Administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011.

PEDRO, E. R. **Análise crítica do discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1998.

PEDROSA, C. E. F. **Análise crítica do discurso**: do linguístico ao social no gênero midiático. São Cristóvão: UFS, Aracajú, 2008.

PETRINI, Maira. Incorporando a Gestão da Sustentabilidade aos Sistemas de Inteligência de Negócio. 2006. **Tese** (Doutorado em Administração). Escola de

Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 2006.

PRANCE, G.T.. **Biogeography of neotropical plants**. In Biogeography and quaternary history in tropical America (T.C. Whitmore & G.T. Prance, eds.). Claredon Press, Oxford, p.175-196. 1987

PRIMAVESI, Ana. **Agroecologia**, ecosfera, tecnosfera e agricultura. Editora Nobel, São Paulo, 1997.

RIGOTTO, R.M. et al. Estudo epidemiológico da população da região do Baixo Jaguaribe exposta à contaminação ambiental em área de uso de agrotóxicos - documento síntese dos resultados parciais da pesquisa . Fortaleza - CE, agosto de 2012. 73p.

SAUER, S. **Agricultura familiar versus agronegócio**: a dinâmica sociopolítica do campo brasileiro. Brasília: Embrapa, 2008

SCHNEIDER, S. **Agricultura familiar e industrialização**: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS: UFRGS, 1999. 208 p.

STEDILE, (Org.). **A Questão Agrária no Brasil**. O Debate na década de 2000. Volume 7. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
Tivelli (2015

TRANI, Paulo Espíndola; TIVELLI, Sebastião Wilson; PASSOS, Francisco Antônio. **Horticultura Sustentável - Parte I**. 2010. Artigo em Hypertexto. Disponível em: http://www.infobibos.com/Artigos/2010_3/HorticulturaSustentavel1/index.htm Acesso em: 25 de janeiro de 2014.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto. 2008a.

VANDERMEER, J. The ecological basis of alternative agriculture. **Annual Review of Ecology and Systematic**, Palo Alto, v. 26, p. 201-224, 1995.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração** (4a ed.). São Paulo: Atlas. 2003.

VERNANT, J.P. **Mito e pensamento entre os gregos**: estudo de psicologia histórica. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 504 p

VESTERGAARD, T; SCHRODER, K. **A linguagem da propaganda**: [Tradução João Alves dos Santos; tradução dos textos publicitários Gilson César Cardoso de Souza]. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 197 p.

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine**. São Paulo: Summus, 1996.

WELCH, C; FERNANDES, B. M. Agricultura e Mercado: campesinato e agronegócio da laranja nos EUA e Brasil. In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. (Orgs). **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

ANEXOS

ANEXO A

Ano	Edição	Ano	Edição	Ano	Edição	Ano	Edição	Ano	Edição	Ano	Edição	Ano	Edição	Ano	Edição	Ano	Edição	Ano	Edição	Ano	Edição	Ano	Edição
1985	1	1988	32	63	1993	94	1996	125	1998	156	2001	187	2003	218	2006	249	2009	280	2011	311	2014	342	
	2		33	64		95		126		157		188	219	250		281		312		343			
	3		34	65		96		127		158		189	220	251		282		313		344			
	4		35	66		97		128		159		190	221	252		283		314		345			
1986	5	36	67	1991	98	1999	129	2002	160	2004	191	2007	222	2010	253	2013	284	2016	315	2019	346		
	6	37	68		99		130		161		192		223		254		285		316		347		
	7	38	69		100		131		162		193		224		255		286		317		348		
	8	39	70		101		132		163		194		225		256		287		318		349		
	9	40	71		102		133		164		195		226		257		288		319		350		
	10	41	72		103		134		165		196		227		258		289		320				
	11	42	73		104		135		166		197		228		259		290		321				
	12	43	74		105		136		167		198		229		260		291		322				
	13	44	75		106		137		168		199		230		261		292		323				
	14	45	76		107		138		169		200		231		262		293		324				
1987	15	46	77	108	139	2000	170	2002	201	2005	232	2008	263	2011	294	2014	325	2017	349				
	16	47	78	109	140		202		233		264		295		326		350						
	17	48	79	110	141		171		203		234		265		296		327						
	18	49	80	111	142		172		204		235		266		297		328						
	19	50	81	112	143		173		205		236		267		298		329						
	20	51	82	113	144		174		206		237		268		299		330						
	21	52	83	114	145		175		207		238		269		300		331						
	22	53	84	115	146		176		208		239		270		301		332						
	23	54	85	116	147		177		209		240		271		302		333						
	24	55	86	117	148		178		210		241		272		303		334						
1988	25	56	87	118	149	2001	180	2003	211	2006	242	2009	273	2012	304	2015	335	2018	349				
	26	57	88	119	150		212		243		274		305		336		340						
	27	58	89	120	151		213		244		275		306		337		341						
	28	59	90	121	152		214		245		276		307		338								
	29	60	91	122	153		215		246		277		308		339								
	30	61	92	123	154		216		247		278		309		340								
	31	62	93	124	155		217		248		279		310		341								